

Suspensão Comissão do Ano de Camões

“Estou na expectativa”

— disse Jacinto Prado Coelho

«Estou na expectativa. Ainda não houve uma decisão que nos leve a chegar à conclusão de que a Comissão das Comemorações Camoneanas vai ser alterada» — disse esta manhã ao «DL» o professor Jacinto Prado Coelho, presidente da Comissão, a propósito da suspensão por decreto e ontem ratificada pela maioria AD, com abstenção dos Reformadores, da constituição das comissões para as comemorações do Ano de Camões, Dia das Comunidades e Congresso das Comunidades.

O que se poderá deduzir destas medidas do Executivo, apenas aceites pela AD, é que a não aceitação dos nomes advém do facto de terem sido indigitados pelo Presidente da República e do reconhecimento da sua independência cultural. Trata-se de pessoas que vivem fundamentalmente de e para a cultura.

E Jacinto Prado Coelho confessa-nos: «eu penso que a inteligência portuguesa poderá celebrar mais validamente, e com menos dinheiro, o Ano de Camões fora das Comemorações oficiais».

Pág. 8



Escaja Gonçalves, Basílio Horta e Cacaco e Silva: 24 a 25 por cento dos orçamentos familiares vão para os aumentos anunciados

Samir Amin

Caso português é o mais trágico entre o dos candidatos à CEE

O caso de Portugal é o mais trágico entre os três países que preparam a adesão à CEE, não tendo a sua economia qualquer possibilidade de conhecer um processo de aceleração industrial no âmbito dos «nove» semelhante à que a Espanha atravessou na última década — afirmou Samir Amin em conversa informal com os jornalistas efectuada na manhã de hoje. O conhecido economista egípcio, que dirige o Instituto Africano de Desenvolvimento e Planificação do Senegal, chegou ontem a Lisboa para participar no II Encontro dos Povos em Luta cuja realização foi cancelada na sequência da decisão do Governo em proibir a participação dos convidados estrangeiros. Samir Amin es-



Como a AD cumpre as promessas...

Cabaz-80 mais caro

Um terço dos orçamentos familiares vai para os novos aumentos

Pág. 24

Sá Carneiro

fala

em dia de azar

Sá Carneiro fala ao País no próximo dia 13, considerado pelo povo dia de azar, através da RTP, durante 50 minutos, numa emissão destinada aos espanhóis e da responsabilidade exclusiva da TVE.

Pontos de quebrar o silêncio são os inevitáveis: a acção governativa do actual Executivo, a situação política, um balanço geral do primeiro mês de actividade do VI Governo e, também inevitavelmente, a justificação de determinadas medidas, impopulares e preocupantes, que têm caracterizado a acção governativa da AD.

Olimpíadas

Luís Caldas

árbitro

em Moscovo



Pág. 20



Catorze despedidos

Gestores AD na Informação

Pág. 8

Na próxima semana

Greve nacional e manifestações

A próxima semana, mais concretamente o dia 14, será assinado por uma greve nacional, acompanhada de manifestações em diversos distritos e em Lisboa.

Esta é a resposta do movimento sindical unitário à recente decisão do Ministério do Trabalho, de suspender mais de 40 convenções colectivas de trabalho que ali se encontravam depositadas aguardando publicação no respectivo boletim.

A decisão foi tomada, esta manhã, em reunião efectuada na sede

da Confederação Geral de Trabalhadores-Intersindical Nacional e na qual estiveram representadas 11 federações nacionais de sindicatos. De acordo com o que nos foi possível apurar à hora em que fechávamos esta edição, a paralisação será de quatro horas, na tarde daquele dia.

Por seu turno, as manifestações-concentrações terão por alvo, no caso de Lisboa, o Ministério do Trabalho e, a nível distrital, as respectivas delegações. Hora prevista: 19 horas do mesmo dia.

“O Século” na rua

Em consequência da determinação governamental, ontem assumida, em ocupar as instalações da ex-Sociedade Nacional de Tipografia para instalação da «Escola de Jornalismo 'O Século'» os trabalhadores daquele matutino foram esta manhã impedidos de entrar no edifício.

Pág. 24

teve ontem retido no aeroporto durante várias horas e foi avisado de que a sua participação em qualquer sessão pública implicava a sua expulsão do País. Comentando esta decisão o autor de «A Acumulação à Escala Mundial» afirmou que «proibir os debates que estavam previstos para a Conferência é procurar separar os estrangeiros dos portugueses, é procurar que a esquerda à escala mundial não encontre um terreno de discussão».

Abordando a problemática «adesão» à CEE, Samir Amin levantou a questão de saber que tipo de respostas esta poderia dar aos problemas portugueses. Na sua opinião absolutamente nenhuns.

Para Samir Amin, o lugar de Portugal será o de continuar a fornecer mão-de-obra barata e mesmo assim com menores resultados dada a estagnação à escala europeia. É precisamente por Portugal estar situado entre a Europa capitalista e um «Terceiro Mundo» (à procura de uma nova inserção na divisão internacional do trabalho) que é particularmente sensível às críticas à opção europeia e possui forças empunhadas na criação de um novo bloco histórico internacional.

Objectivo: fazer retroceder o deserto

O Sahel apela à comunidade internacional para ajuda alimentar de emergência e meios financeiros para o desenvolvimento

BISSAU, 8 (por Daniel Reis) — Uns trinta milhões de pessoas, nos oito países confinantes a Sul com o deserto do Sara — a denominada zona do Sahel — estão a principiá-lo mais um ano sob a perspectiva da fome. Começa a ser um hábito, desde que, no início da década de setenta, uma sucessão de estações secas prolongou desmesuradamente a influência do deserto para Sul, com o seu manancial de fomes e miséria. Mas o ano transacto foi particularmente grave e as necessidades globais da ajuda alimentar à região são calculadas em 870 mil toneladas de cereais.

Estes seis países, membros do Comité Interestadual de Luta contra a Seca no Sahel (CILSS) reuniram-se, há dias, em Vagadugu, capital do Alto Volta, para fazer um balanço da situação e acabaram por lançar um apelo de urgência aos países industrializados para ajudarem as populações em luta com a seca e o deserto em especial as da Mauritânia, Cabo Verde e Tchade que devem enfrentar um dos mais férreiros anos da década em função da adversidade climática e da escassez de chuvas caídas na estação passada.

Todos estes países (Senegal, Mali, Alto Volta, Níger, Gâmbia, Tachade, Mauritânia e Cabo

O Presidente Jawara, da Gâmbia, visitara Cabo Verde antes da reunião do CILSS a que presidiu, e veio de lá com uma imagem aterradora. O Director-Geral da FAO, que visitara também Cabo Verde e outros países da região reforçou o apelo à comunidade internacional. «Nós esperamos que o CILSS ainda chegue a tempo de despertar uma tomada de consciência internacional nova, de modo a que o mundo transforme as suas energias numa indústria voltada para a paz e não para o armamento e a guerra», diria o anfitrião da reunião dos países do Sahel, o presidente Lami-zana, do Alto Volta.

No início dos anos 70 uma grave seca atingiu a franja meridional do Sara. Esta seca foi de um amplitude e duração superiores a qualquer outra anteriormente registada. Repetições desta situação não estão afastadas. Pelo contrário, a evolução climática e a progressão nítida do deserto para o Sul apontam para o seu agravamento. Um novo alerta produziu-se no Verão de 77, que foi péssimo. Em 78 pode considerar-se que as chuvas caídas atingiram um volume excepcional, sem as quais uma nova sequência de desastres contribuiria para a de-



Plantar árvores para travar a erosão e o avanço do deserto é uma das grandes tarefas que se

oferecem aos países do Sahel

30 milhões de pessoas atingidas pela seca em seis países: Cabo Verde, Mauritânia, Tchade, Senegal, Níger e Alto Volta

MEIOS FINANCEIROS INSUFICIENTES

A reunião de Vagadugu, efectuada em meados de Janeiro, apontou a seguinte realidade actual: o programa previa nos cinco primeiros anos de implantação (1977/82) um volume de três mil milhões de dólares. A inflação e a erosão aumentaram, entretanto, essas necessidades para 4,2 mil milhões. Até agora apenas estão já financiados ou comprometidos 1,6 mil milhões o que significa faltarem ainda 2,6.

Do optimismo vivido em Ottawa sucede-se o pessimismo de hoje quando apenas um terço do prometido está cumprido. As secas de então sucedeu-se um novo ano de fome, de miséria de desespero para 30 milhões de seres.

Dai o apelo lançado à comunidade internacional, quer pelos membros do CILSS reunidos no Alto Volta, quer pelo Director-Geral da FAO (Fundo das Nações Unidas para a Alimentação), dr. Edouard Souma. O apelo aponta em duas direcções: a primeira e mais imediata, ajuda alimentar de urgência em especial a Cabo Verde, Mauritânia e Tchade; a segunda, a prazo mais longo, mas também exigindo verbas mais elevadas, reforço do investimento e das dadas de modo a aplicar o programa que, segundo os especialistas, pode fazer o deserto voltar para trás, ou, pelo menos, conter-se definitivamente a norte do rio Níger.

Se um e outro apelo encontrarem eco no mundo industrializado voltado para a produção armamentista, a exploração continuada dos países subdesenvolvidos e o inflacionamento da sociedade de consumo, é o que os próximos anos nos vão dizer.

Mas entretanto, continuará a morrer gente de fome na orla do Sara, e gados e população são empurrados cada vez mais para Sul à procura de água, de florestas e de alimentação.

O Sahel em números

Exige-se um investimento de 500 milhões de contos para produzir 400 mil toneladas de cereais, em terrenos irrigados, e oito milhões, em terras de sequeiro, no final do século XX.



A criação extensiva de gado nos países vizinhos do Sara exige duas espécies de ajuda: fornecimento alimentar de urgência para evitar a morte de milhares de cabeças atingidas pela seca e investimentos para levar água aos bebedouros da savana

Verde) terão problemas enormes para cobrir os défices de cereais da sua produção: mas nos três últimas a situação é considerada catastrófica. Em Cabo Verde calcula-se que tenham sido colhidos apenas oito por cento das necessidades do País. No Tchade fala-se de um décimo, sendo a escassez alimentar agravada pelos problemas políticos internos, a divisão do País e a ameaça de secessão que permanece latente. Na Mauritânia há 50 por cento de baixa em relação aos anos normais, já de si deficientes no cômputo das necessidades, garantindo a reunião do CILSS que o País só tem assegurada a cobertura de um sexto da sua alimentação.

UM ANO CALAMITOSO

A falta de chuvas começa a tornar-se usual no Sahel mas na passada estação, chuvas precoces, que favorecem o aparecimento de parasitas nas culturas, depois longos meses sem água e, finalmente, chuvas abundantes, já no final da estação quando a agricultura não pode tirar benefícios, completaram o quadro da miséria, e apontou para a emigração rumo ao Sul de grande parte destas populações fronteiriças do deserto.

certificação de novas e grandes áreas. Mas o Verão de 79 voltou ao que é usual: choveu pouco e fora de tempo.

O avanço do deserto vai-se tornando tão nítido que mais três países estão já a ser atingidos: a Guiné-Bissau e a Guiné-Conakry, mais a Sul, a Nigéria. Todos eles pediram este ano a sua admissão no Comité de Luta contra a Seca. Os sinais deste avanço do deserto notam-se no Oeste da Guiné-Bissau, especialmente na região do Gabú, e ainda há cerca de dois anos uma tempestade de areia atingiu todo o país obrigando ao encerramento do aeroporto internacional durante alguns dias. A seca do ano precedente motivou, também aqui um apelo à comunidade internacional para ajudar a suprir a falta estimada de 50 mil toneladas de cereais.

BAIXAM OS CAUDAIS DO NIGER E DO SENEGAL

Os rios Níger e Senegal, que alimentam de água a maior parte destes países do Sahel, são um verdadeiro barómetro da situação. No Verão passado, o Níger apresentou um caudal deficiente e o rio Senegal teve o curso de água mais baixo desde

1913, lançando a desolação entre a população ribeirinha.

Pergunta-se: não será possível inverter esta situação e obrigá-lo o deserto a retroceder, um pouco à semelhança do que já acontece a Norte, na Argélia e na Líbia?

A resposta é afirmativa, mas condicionada aos meios. E que meios são necessários para esse gigantesco combate? Uns 10 mil milhões de dólares, ou seja, 500 milhões de contos, só para obras hidráulicas, segundo cálculos da OCDE apresentados em 1976 em Dakar, na primeira reunião do clube do Sahel. Este clube é composto pelos países do CILSS, as principais potências capitalistas, instituições financeiras internacionais e institutos de ajuda aos países subdesenvolvidos.

Após vários milhares de anos o Sara progride a caminho do Sul, progressão essa só vagamente compensada a Norte. Terrenos que foram boas terras aráveis há apenas um milénio, como o provam estudos arqueológicos, tornaram-se areias improdutivas ou savanas apenas utilizáveis para a pecuária extensiva. Aos períodos curtos de chuvas razoáveis sucedem-se períodos cada vez mais amplos de secas. A tendência a longo prazo parece ser a diminuição da pluviosidade.

A alternativa neste caso é aceitar o deserto e a morte dos milhões de seres que vivem na periferia das areias, ou atacar com grandes meios com uma estratégia apontada a longo prazo capaz de, usando a tecnologia moderna, fazer inverter a situação.

A escolha está feita e a referida reunião do clube do Sahel apontou a segunda hipótese, prometendo os países industrializados e as instituições dadoras ou financiadoras de projectos carrear os meios financeiros necessários. Só que entre as promessas e as realidades, a única coisa que permanece certa é que as areias e a fome cada vez se encontram mais a Sul.

O clube do Sahel reuniu pela segunda vez em Ottawa, no Canadá, em Maio de 77 e traçou um plano de desenvolvimento do Sahel, abrangendo os anos 1978/2000, com investimentos totais de 10 mil milhões de dólares. Visa contribuir para a produção, no final do século XX, de 400 mil toneladas de cereais em terrenos irrigados e oito milhões de toneladas em terras de sequeiro.

UMA ESTRATÉGIA AMBICIOSA

A estratégia deste plano passa, sobretudo, pela extensão das terras irrigáveis, com o aproveitamento das águas dos grandes rios da região e dos lençóis de água subterrâneas — mais numerosos do que por vezes se pensa — e o melhor aproveitamento dos terrenos de sequeiro para culturas pluviais. Paralelamente, prevê-se uma actuação forte ao nível dos transportes, da formação de quadros e, também, da repartição de rendimentos e da política de preços de modo a tornar os sacrificados camponeses da região (uns 85 a 90 por cento do total da população do Sahel) os principais protagonistas da produção e da repartição dos rendimentos.

Grandes barragens nos rios Níger e Senegal, canais de rega a dominar a savana, reflorestação, aumento substancial das cabeças de gado, novas estradas, armazéns, formação inten-

siva de quadros são alguns itens em que se desdobra o programa. O subprograma de reflorestação é dos mais ambiciosos e visa plantar 10 mil hectares de florestas novas e melhorar os 900.000 hectares existentes de modo a satisfazer as necessidades de combustíveis e madeira de construção, melhorar o tratamento e protecção das pastagens e assegurar a protecção do solo e da fauna.

Os países dadores os financiadores de fundos comprometeram-se a suportar o maior dos encargos financeiros. Na sequência da reunião de Ottawa do Clube do Sahel, o Congresso americano autorizou um crédito de 200 milhões de dólares para os exercícios de 1978/79; a França consagrou ao desenvolvimento da região, no período 78/82, algo como 1200 mil dólares e o Canadá 560 milhões de dólares até 1985. Os compromissos da Alemanha foram da ordem dos 115 milhões, em 1977, enquanto o Fundo Europeu de Desenvolvimento canalizou para o Sahel, no quadro da Convenção de Lomé, 150 milhões de dólares anuais. Há que contar com o Banco Mundial (200 milhões por ano), com o programa suíço de ajuda e o dos Países Baixos, tal como o Banco Árabe para o Desenvolvimento e o Banco Islâmico. Mas tudo reunido, constata-se agora os países do CILSS, é insuficiente para as necessidades e a aplicação do Programa de Desenvolvimento do Sahel.

Objectivos da produção em milhares de toneladas

MÉDIA EM	1969/70	1990	2000
Milho e sorgo	4000	6525	8450
Trigo	8	410	560
Cana de açúcar	270	3500	4700
Bovinos	265	460	590
Ovinos e caprinos	115	220	300
Peixe	370		700

ponto a ponto



O Presidente da República, general Ramalho Eanes, trabalhou ontem à tarde, em Belém, com o ministro da República para os Açores, almirante Silva Horta, com quem tratou de «assuntos que interessam àquela região autónoma».

No decorrer de uma visita feita à ANOP, o embaixador da República Popular de Moçambique em Lisboa, Armando Panguene, anunciou a intenção de criar na capital portuguesa um Centro Cultural de Informação.



Por iniciativa da CIP e de associações industriais do Norte do País, o deputado do CDS e coordenador-geral da AD, Lucas Pires, vai orientar na próxima quarta-feira, no Clube residencial da Boavista (Porto) um colóquio sobre «Economia e política».

O 21.º aniversário da Revolução cubana será comemorado amanhã à noite, pelas 21 horas, durante uma sessão que decorrerá na Sociedade Filarmónica da Amadora. Serão oradores Rogério Paulo, Teresa Paulo e Vieira de Sá estarão presentes representantes da Embaixada daquele país socialista.



Após a «caça às bruxas» na Comunicação Social, anunciada hoje (afastamento de 16 gestores de empresas do sector), o Conselho de Ministros deverá revelar amanhã os nomes dos novos governadores civis propostos pelo titular da Administração Interna, Eurico de Melo. Um matutino próximo da AD indica hoje que tal remodelação será «praticamente total» e anuncia que para o Porto, em substituição de Cal Brandão, será nomeado o coronel Rocha Pinto, actual secretário-geral do FC do Porto.

Nenhuma parcela do território pode ser utilizada para actos bélicos

Manuel Lopes *

Apesar dos progressos alcançados com a assinatura do acordo de Helsínquia, dos acordos Salt, das resoluções aprovadas nas XXVI e XXVIII sessões da Assembleia Geral das Nações Unidas, bem como os resultados positivos da Assembleia Geral da ONU sobre o desanuviamento e das inúmeras posições tomadas pelas forças progressistas mundiais nos mais diversos «foruns» internacionais, as campanhas contra o desanuviamento e a corrida armamentista têm tido um incremento preocupante nos últimos tempos.

Com efeito, tem sido a luta perseverante dos trabalhadores e das forças democráticas de todos os países de regime capitalista e dos países progressistas, que tem conseguido manter a paz a nível mundial, durante os últimos 30 anos, e criar progressivamente o reforço duma atmosfera de confiança nas relações entre os países e os povos, atmosfera baseada nos princípios de igualdade e cooperação mútua e com vantagens recíprocas.

Se este facto tem constituído, para todas as forças amantes da Paz, um reconhecimento da validade da sua luta e um incentivo para o seu prosseguimento, não significa que a ameaça dum novo conflito mundial, com características bem mais terríveis, tenha desaparecido completamente no seio da humanidade.

Na verdade, as forças imperialistas sentem-se actualmente empenhadas na intensificação de uma campanha, que, baseada, por uns, na teoria dum «equilíbrio do medo» e, por outros nas falsas acusações contra a hipotética ameaça do mundo socialista, crie os apoios necessários da opinião pública mundial com vista ao desenvolvimento duma política de corrida aos armamentos, ao desenvolvimento tecnológico destes, criando assim um clima propício pelo menos, na melhor das hipóteses, à «guerra fria».

EUA TEM NA EUROPA 8 000 ARMAS NUCLEARES

Se tivermos em conta que as duas bombas atómicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, provocaram centenas de milhares de mortos e que hoje o arsenal nuclear mundial é, pela sua potência, 1,3 milhões de vezes superior ao dessa época, que, só na Europa, os norte-americanos têm armazenadas em mais de cem locais, 8000 armas nucleares, e que cada ogiva dos actuais 108 «Persing I» instalado é 30 vezes mais potente que a bomba atómica lançada sobre Hiroshima, que um submarino nuclear francês, tem instalada uma carga explosiva maior que toda a carga explosiva da 2.ª guerra mundial e suficiente para matar cerca de 70.000.000 de seres humanos, teremos de pensar, à semelhança de Einstein que «uma nova guerra, nas actuais condições, é por si só suficiente para que, no futuro, uma outra guerra mais não pudesse ser do que com machados».

Hoje, a corrida armamentista custa mais de 350 mil milhões de dólares, por ano, e envolve cerca de 60 milhões de pessoas, uniformizadas ou civis, do sector público ou privado, que participam em ocupações vinculadas às forças armadas, em todo o Mundo.

Em cada ano as actividades militares, em todo o Mundo, absorvem recursos que correspondem a 2/3 do produto nacional bruto acumulado nos países que constituem a metade mais pobre da humanidade; equivalem ao produto nacional bruto e todos os países latino-americanos e é

duas vezes superior ao produto nacional bruto dos países africanos.

Com os quantitativos gastos anualmente poder-se-iam construir, em um ano, 600 mil, escolas, com capacidade para 400 milhões de crianças, ou 60 milhões de habitações, com capacidade para 300 milhões de pessoas, ou, 20 mil fábricas capazes de gerar empregos para mais de 20 milhões de trabalhadores, ou, transformar, em terrenos de regadio 150 milhões de hectares de terra que, com um nível técnico adequado, poderiam alimentar 1000 milhões de pessoas.

AFL-CIO DEFENDE INDÚSTRIA DE GUERRA

Ainda há pessoas, estados e por vezes organizações sindicais, como é o caso da AFL-CIO, que, defendendo não o interesse dos povos e dos trabalhadores, se mostram preocupados com o fim da corrida armamentista, evocando não só a hipotética ameaça do mundo socialista, nomeadamente da União Soviética, mas que isto corresponderia ao desemprego, se não para to-

A crise provocada pelos preços galopantes dos combustíveis de um modo ou de outro atinge todos os sistemas, todos os países. Nos países capitalistas não só a energia cria problemas como a falta de saída que as suas economias apresentam quer interiormente quer nas suas relações internacionais, um aumento do custo de vida e um aumento de desemprego que cada vez mais tem agudizado os conflitos sociais. A estas situações há que juntar uma perda progressiva de influência não só manifestada pelos países 3.º mundistas, como pelos repetidos movimentos libertadores em vários cantos do mundo como sejam: o Vietnam, Angola, Moçambique, Guiné, S. Tomé, Cabo Verde, Etiópia, Afeganistão, Nicarágua, etc.

Estas são algumas das principais causas para que de novo se faça reviver os tempos da «guerra fria» que os acordos de Helsínquia e o «Salt 1» durante um curto período, ajudaram a desanuviar.

É aqui que o Afeganistão aparece como trunfo a jogar na perspectiva imperialista, tentando desviar para aí as atenções públicas mundiais, numa manobra clara de, criando o «clima de guerra fria», justificar as suas manobras armamentistas e as suas contradições internas, quer sociais, quer económicas bem como as dificuldades crescentes do campo energético. Daí resulta a campanha psicológica lançada através dos meios de comunicação social que é de longe superior ao período de «guerra fria» do após guerra.

Face a estas campanhas e conscientes do perigo que a actual situação cria, reacendendo a corrida aos armamentos e colocando o mundo à beira de um perigo nuclear crescente, em todo o mundo, os trabalhadores e as suas organizações de classe vêm incentivando acções com vista ao estabelecimento de acordos eficazes de renúncia ao emprego da violência entre os Estados, pela interdição das armas nucleares, pela redução progressiva dos aumentos, bem como pelo estabelecimento das medidas necessárias à dissolução simultânea dos blocos militares (NATO e Pacto de Varsóvia).

Também os portugueses, e principalmente os trabalhadores, não podem estar indiferentes a estes problemas. A questão da corrida armamentista, ou da paz e do desanuviamento, são questões antagónicas e consequência da luta de classes.

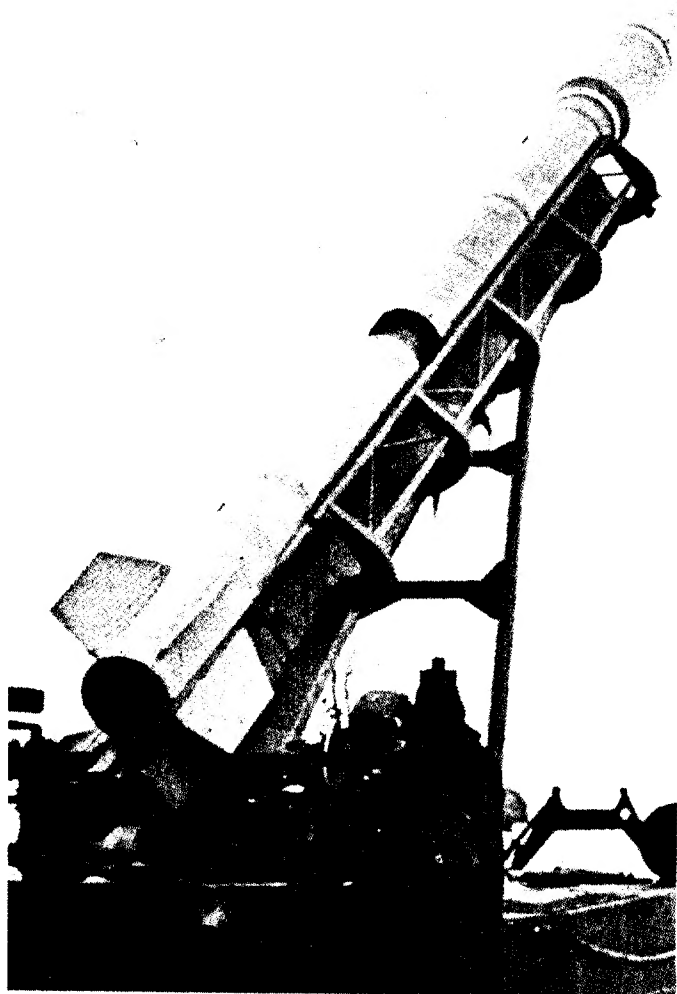
GOVERNO CARNEIRO/AMARAL «CÃO DE FILA» DO IMPERIALISMO

Desde a tomada de posse do governo/Sá Carneiro que vimos assistindo, também no nosso país, a uma clara escalada de «guerra fria» que, no mínimo, poderá ser classificada de aventureirismo, fruto duma cegueira do actual poder que mais não pretende do que atrelar-nos totalmente ao imperialismo. Pensam os novos governantes com estas atitudes conseguir as boas graças americanas para os seus desígnios capitalistas/latifundistas, ou então a sua complacência para os rudes golpes que se preparam para dar na Constituição da República. Esquecem que o empenhamento da maioria do povo português e os seus fortes anseios de paz e progresso social não permitirão que a nossa Lei Fundamental continue a ser tão desvergonhadamente violada, nomeadamente o seu artigo 7.º.

Ou será que o Governo Português, nomeadamente o sr. Freitas do Amaral, pretende com esta manobra publicitária, de autêntico «cão de fila» do imperialismo, atentatória da nossa independência, disfarçar os desaires que o incumprimento das promessas eleitorais feitas trará à «AD»?

Qualquer que seja a sua perspectiva, ou mesmo que aponte para as duas, este governo sentirá o empenho de todas as forças democráticas amantes da paz e do progresso social não só no sentido de combater todo e qualquer acto que constitua uma ameaça à paz e reforce a corrida aos armamentos, mas também no sentido de impedir que qualquer parcela do território português possa ser utilizada para actos bélicos de qualquer natureza.

* Trabalhador Têxtil, membro do Secretariado da CGTP/IN



dos, para muitos daqueles que trabalham na indústria de guerra.

Será isto verdade? — Bem, em primeiro lugar, não podemos, sob qualquer pretexto, esquecer o perigo constante que o contínuo crescimento do potencial nuclear é para toda a humanidade, um simples erro de um computador pode vir a gerar um conflito nuclear com consequências imprevisíveis; em segundo lugar, teremos que ter em conta que só a redução de 1/3 dos orçamentos militares no Mundo, equivaleria a cerca de 115 biliões de dólares, o que daria para satisfazer as necessidades mais prementes dos países em vias de desenvolvimento, nos campos do ensino, da saúde, da alimentação, e da habitação, e, ainda, para construir 300 refinarias com capacidade para transformarem 1 bilião de toneladas de petróleo, por ano, 200 fábricas de borracha sintética, 1000 fábricas de adubos químicos e 1600 fábricas de açúcar.

Será importante frisar que os Estados Unidos, como nação imperialista e como grande potência nuclear, onde os efeitos da crise do momento também se fazem sentir, confrontados entre os compromissos assumidos pelos acordos Salt II e pelas pressões dos «falcões», tentam exportar para a Europa e para todo o mundo as suas contradições.

AFEGANISTÃO É TRUNFO PARA A «GUERRA FRIA»

Sob o pretexto de garantir a segurança na Europa, ao fazer aprovar, pela NATO, a substituição dos «Persing I» por «Persing II» e aumentando o seu número, bem como o número dos «Cruiser», os Estados Unidos da América tentam contornar o «Salt II» adiando a sua votação no Senado, satisfazendo os seus «falcões» e alguns dos seus aliados europeus.

RDP: greve à vista como forma de luta pela tabela salarial

Os trabalhadores da RDP decidiram ontem encetar formas de luta que poderão ir até à greve se dentro de quinze dias não for assinada pelo secretário da Comunicação Social uma nova tabela salarial.

A tabela salarial para a empresa reivindicada contempla aumentos numa média geral de 20 por cento e foi acordada entre a Comissão de Trabalhadores da RDP e a Administração da empresa em Novembro do ano passado, sendo posteriormente enviada para o Ministério da Comunicação Social para assinar. Segundo a Comissão de Tra-

balhadores, o secretário de Estado da Comunicação Social ter-lhe-á comunicado que a nova tabela salarial se não encontra assinada, dado os encargos dela resultantes terem de ser compatibilizados com os recursos afectos à RDP em 1980 pelo Orçamento Geral do Estado.

Os trabalhadores decidiram em plenário mandar uma comissão para estudar as formas de luta a adoptar.

A RDP emprega cerca de 2400 trabalhadores e a média de salários praticados actualmente ronda os onze mil escudos.

Boletim Bibliográfico do ex-MCS

Encontra-se em distribuição o n.º 41 do Boletim Bibliográfico referente ao mês de Agosto do ano passado, elaborado pelo Centro de Documentação da Direcção-Geral da Informação, do (então) Ministério da Comunicação Social.

Constituem o presente número do Boletim Bibliográfico seis secções: a primeira consta de um índice remissivo por órgãos de comunicação social e de um índice remissivo de alguns assuntos principais incluídos no Boletim; a segunda reúne em sistematização própria as referências de artigos de Imprensa e programação radiofónica; a ter-

ceira apresenta uma selecção de textos que ilustram as posições mais importantes no campo da política de comunicação social; a quarta é formada por «cartoons» referentes à comunicação social; a quinta contém uma selecção de sumários de algumas revistas

O jornalista em movimento

Se atentarmos (num transporte público, por exemplo) na leitura que é feita dos jornais, breve chegamos à conclusão de que os motivos escolhidos não se limitam só ao incêndio, ao atropelamento, ao caso passional... Os tempos são outros desde que Abril rompeu com a Censura — e quem hoje lê está como quem interroga o jornal que comprou. Espera, em suma, uma resposta para um sem número de problemas.

Quando, efectivamente, se abre um jornal, o gesto talvez seja executado ao som íntimo desta pergunta:

«As rendas de casa vão aumentar...?»

«Os preços vão subir mais...?»

«Há vagas para os professores...?»

«Quando é assinado o contrato colectivo...?»

Finalmente:

«Como vai a democracia por estes sítios...?»

Perguntas, pois, de quem se interessa, individual ou colectivamente, pela situação

do país que todos nós somos — e país esse que já não pode continuar a ser (como antigamente o foi) um somatório sem interpretação de «casos do dia», mais ou menos sensacionalistas, com títulos sem medida e fotografias despidoras. Tratava-se, com semelhante jornalismo, de atirar o leitor para fora dos problemas que verdadeiramente o mantinham, fornecendo-lhe não uma informação esclarecedora, e sim uma diversão tendente a escravizar a sua atenção.

Ora hoje, em certa imprensa de malignas intenções, essa prática jornalística tenta desesperadamente desviar o leitor dos factos primordiais da nossa existência comum, quer dando relevo fútil a casos pontuais internos, quer deturpando, por isolamento do contexto em que se inscrevem, casos importantes de política externa. É, pois, uma guerrilha contra a inteligência, contra as perguntas claras, uma forma de censura com muitas letras que substitui as poucas letras antigamente consentidas pelo lápis azul do censor. Um

procedimento, por consequência, antidemocrático.

Mas...

Mas o leitor, embora por vezes se sinta confundido com a desinformação que lhe é fornecida, vai exigindo, cada vez mais, limpidas respostas às perguntas pertinentes que formula — e acontece, então, que abrindo um jornal deturpador lentamente se vai desgostando, pelo que tenta outro, e mais outro, e mais outro ainda, até que por fim acaba por encontrar o que reflecte com verdade a situação do país e do mundo. Se esse jornal, enfim encontrado, o vier um dia a desiludir, qualquer jornalista atento verá (num transporte público, por exemplo) que o jornal em que ele, jornalista, trabalha, deixou de merecer a confiança do cidadão em movimento.

Então, o jornalista, talvez súbito se encontre perguntando:

«Que espécie de cidadão sou eu...?» — E alguma coisa, em movimento, então, estará mudando.

PEDRO ALVIM

«Sunday Times»

— quem matou em 77 correspondente no Cairo?

O jornal «Sunday Times», de Londres, processou a CIA, acusando os serviços secretos norte-americanos de reterem informações sobre o assassinio de um correspondente britânico no Egipto.

A queixa, entrada no Tribunal Federal de Manhattan, afirma que, apesar da «excepcional urgência» da investigação que pretende aclarar a morte do chefe da Secção de Estrangeiro, David Shipley, a CIA ainda não respondeu aos pedidos de informação do «Sunday Times», formulados em 1977.

O jornal opina que os serviços secretos estão a «sonegar informações importantes para a investigação», nomeadamente sobre as «circunstâncias misteriosas» em que Holden morreu no Cairo e sobre duas pessoas que o jornalista conhecera nos Estados Unidos.

Holden, então com 55 anos, apareceu morto em 6 de Dezembro de 77, quando cobria a situação no Médio Oriente.

«Guarda — Desporto» suspende publicação

O jornal «A Guarda e o Desporto» propriedade da Associação Desportiva da Guarda, acaba de suspender a sua publicação por falta de verba para a sua manutenção.

O jornal, com publicação semanal, saiu pela primeira vez a público em Novembro de 1979, destinando-se, sobretudo, à divulgação das actividades desportivas da região e sensibilização das pessoas para o desporto.

A Redacção de «A Guarda e o Desporto» era constituída essencialmente por jovens amadores e atletas da Associação acima mencionada.

Aumenta na América Latina repressão sindical aos jornalistas

«Der Spiegel» — editor com haxixe

Um magistrado da Sardenha ordenou que Rudolf Augstein, editor do semanário alemão ocidental «Der Spiegel», seja julgado em Tempio Pausania por acusações relacionadas com drogas.

Augstein, de 57 anos, passou dois dias na cadeia de Tempio Pausania, em Agosto passado, após a polícia ter afirmado que encontrara 40 gramas de haxixe na sua bagagem.

O editor, que regressava ao seu país depois de ter passado férias na Sardenha, foi mais tarde autorizado a sair da ilha.

O magistrado de instrução, Luciano Sanna, declarou que o julgamento se efectua na Primavera.

Os direitos sindicais dos trabalhadores da Informação são sistematicamente violados em muitos países da América Latina — revelam dados da Federação Latino-Americana dos Trabalhadores da Informação (FELATRAP).

Esta organização, que efectuou o ano passado, na Bélgica, um seminário sobre o problema da Informação e seus trabalhadores, mantém relações estreitas com a Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ).

Num relatório enviado a este organismo, a FELATRAP informa que, na Argentina, a Federação dos Trabalhadores da

Imprensa, que agrupa 35 Sindicatos, foi colocada sob controlo militar.

Como resposta a esta medida, os dirigentes sindicais criaram em Outubro de 1979 uma Comissão Coordenadora Nacional dos Trabalhadores da Informação (Conatrap).

Como representa o facto do presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Imprensa da Província de Salta ter aceite o lugar de secretário geral da Coordenadora Nacional, o Governo destacou para este Sindicato um «controlador militar».

Tal constitui, na opinião da FIJ, um «inadmissível atentado à

liberdade de organização sindical».

Por sua vez, na Colômbia, os jornalistas do quotidiano «El Espectador» são ameaçados de despedimento em virtude das suas actividades sindicais. «El Espectador» é propriedade da empresa Cano Isaza, que ameaça os trabalhadores sempre que estes intentam uma reivindicação legítima.

No Peru, o Governo ameaça restabelecer a concentração dos jornais nas mãos de uma cadeia de proprietários, pondo assim termo à nacionalização dos órgãos de comunicação social, nacionalização essa que ocorreu

no decurso do Governo do general Alvarado.

A concretizar-se este projecto, crê-se que muitos jornalistas serão despedidos, em função das opiniões que assumem ou das actividades sindicais que desenvolvem. Uma «lista negra» estaria a ser elaborada, de modo a impedir que esses jornalistas voltem a ser colocados em órgãos de Informação — afiança a FELATRAP. Entre os jornalistas mais ameaçados, encontram-se os dirigentes da Associação Nacional dos Jornalistas do Peru, precisamente filiada na Federação Latino-Americana dos Trabalhadores da Informação.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 10 (Domingo) das 8 às 15 horas, nas seguintes localidades:

AMOREIRA — CANEÇAS — FAMÕES — ARROJA — MONTE MOR — ALVAJAR — PONTE DA BICA — BAIRRO DO GRILLO — PONTE DE LOUSA — PINHEIRO DE LOURES — A DOS CÃOS — TOJALINHO — VALE DE NOGUEIRA — SALEMAS — MURTEIRA.

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 6 de FEVEREIRO DE 1980
O Engenheiro Director Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço



Município de Setúbal Câmara Municipal AVISO

LISTA DOS CONCORRENTES ADMITIDOS AO CONCURSO PARA VENDA DE 39 FOGOS NA RUA CAMILO CASTELO BRANCO

Avisam-se os interessados que estará afixado no edifício dos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Setúbal, do dia 6 ao dia 13 de Fevereiro de 1980, a lista dos concorrentes admitidos ao concurso referido, bem como dos fogos atribuídos no sorteio realizado no dia 18 de Janeiro de 1980.

Qualquer reclamação deverá ser dirigida a esta Câmara Municipal, até ao dia 15 de Fevereiro.

Qualquer esclarecimento deverá ser solicitado nos Serviços Municipais de Habitação, no Parque das Escolas.
Setúbal, 31 de Janeiro de 1980

O Presidente da Câmara
Francisco Leonel Rodrigues Lobo

Junta Nacional dos Produtos Pecuários AOS PRODUTORES AVÍCOLAS

O Decreto-Lei n.º 302/79, de 18 de Agosto do ano transacto, estabelece no seu art.º 36.º a obrigatoriedade de inscrição na Junta Nacional dos Produtos Pecuários para os avicultores que produzam mais de:

Frangos	1 000
Perus	250
Pintadas	200
Patos	500
Codornizes	2 000

Nestes termos, e entrando o referido decreto-lei em vigor a partir de 14 do corrente, a Junta Nacional dos Produtos Pecuários chama a atenção dos senhores produtores avícolas que estejam abrangidos por aquela disposição legal para a necessidade de requererem a sua inscrição neste Organismo.

As Delegações da Junta Nacional dos Produtos Pecuários estão habilitadas a prestar todos os esclarecimentos sobre o assunto aos senhores avicultores.

Açores

Médicos trabalham para evitar epidemias

Cerca de quinhentos casos de tuberculose foram detectados no ano passado nos Açores, segundo o coordenador regional dos Serviços da Luta Antituberculosa, que apontou como principais razões para que a doença não tivesse diminuído na região, o facto de não ter melhorado o nível de vida das populações e, consequentemente, as condições de alimentação e de saneamento básico.

Entretanto, por se temer que uma possível mudança do estado do tempo nas ilhas afectadas pelo sismo provoque o aparecimento de epidemias, equipas de médicos estão a trabalhar junto dos desalojados, no âmbito da medicina preventiva.

DONATIVOS

O comandante - geral da GNR, general Passos de Esmeriz, fez entrega ao ministro da República para os Açores, almirante Silva Horta, da importância de 1825 contos, reunida pelo pessoal daquela corporação e destinada às vítimas da catástrofe de 1 de Janeiro. Com o mesmo objectivo, a secção do PS de Benavila vai entregar à Cruz Vermelha Portuguesa a quantia de 16 050\$00, resultante de um pedidório efectuado naquela localidade.

A PSP de Angra do Heroísmo já investigou roubos de valores que atingem os trezentos contos, e que incidiram sobre peças de mobiliário, dinheiro e objectos vários. Calcula-se no entanto que os furtos atinjam montantes muito superiores, visto que só agora é que as pessoas dão conta de terem sido roubadas.

NOVA UNIDADE FABRIL

É de cerca de setenta o número de estabelecimentos comerciais cujas instalações ficaram praticamente destruídas na Ilha Terceira, em consequência do sismo, estando a Câmara Municipal de Angra a estudar o projecto de instalação de um centro comercial, em pré-fabricado, numa praça do centro da cidade.

Anuncia-se entretanto a criação de uma fábrica de blocos de cimento em Angra do Heroísmo, com uma produção média diária de 2500 unidades e que deverá iniciar a sua laboração em Março. Na Ilha de S. Miguel foi igualmente autorizada a instalação de uma unidade industrial de prefabricados.

Conferências de Genética no Porto

As X Conferências de Genética, organizadas pelo Hospital Maria Pia, do Porto, deocrem amanhã, a partir das 9 e 30, nas instalações da Fundação Eng. António de Almeida, naquela cidade. Os trabalhos serão orientados pelo prof. Cedric Carter.

Também amanhã, a partir das 15 horas, decorre no salão nobre do Hospital de Santo António, do Porto, uma sessão pública de esclarecimento sobre epilepsia e cuidados gerais a ter com esta doença, nomeadamente por parte das pessoas que convivem com epilépticos. A sessão é promovida pela Liga Portuguesa contra a Epilepsia.

Com um atraso de vinte anos

Transplantações renais vão começar em Portugal

Espera-se que em breve ocorra a primeira transplantação renal no nosso país, intervenção cirúrgica que se começou a praticar na Europa há cerca de vinte anos.

A transplantação ocorrerá na Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa e será executada por uma equipa portuguesa que já efectuou transplantações em Inglaterra e na África do Sul.

As transplantações terão carácter regular a partir de agora e a notícia, divulgada hoje pelo matutino «Portugal Hoje» veio natu-

ralmente trazer a esperança a muitos doentes renais.

Para já, cerca de 260 doentes ambulatoriais daquele estabelecimento hospitalar aguardam oportunidade de se submeterem à transplantação, faltando apenas o rim saudável que melhorará consideravelmente as suas condições de saúde.

O rim a transplantar será extraído de vítimas mortais de acidentes, depois de cumpridas as formalidades necessárias.

Problemas morais terão que ter resolvidos, já que existe ainda uma certa relutância na doação de órgãos.

No entanto, esta solução é apresentada pelo administrador do Hospital da Cruz Vermelha, dr. Gomes Aires, em declarações ao matutino citado, como a grande solução para os doentes portugueses de hemodiálise, visto que cada tratamento destes

doentes importa no nosso país em sete mil escudos e o doente necessita de três tratamentos por semana. Uma transplantação renal custará em Portugal 500 contos e os resultados verificados noutros países confirmam uma elevada percentagem de doentes recuperados para uma vida normal depois de submetidos à transplantação do rim.

A necessidade de criar estruturas que permitam a realização de transplantações renais a nível nacional e não apenas num organismo isolado, foi também acentuado pelo dr. Gomes Aires que referiu ainda que o intercâmbio de órgãos susceptíveis de serem transplantados se verifica a nível internacional, visto que um órgão com determinadas características só poderá ser útil a um determinado grupo de doentes, ainda que um e outros se encontrem em locais distantes.

Na Grã-Bretanha

Restrição ao aborto vai ser votada

Uma proposta de lei destinada a restringir a prática do aborto, legal na Grã-Bretanha há doze anos, será debatida na Câmara dos Comuns entre os indignados protestos de feministas e políticos.

A proposta, apresentada pelo membro conservador John Corrie, reduziria o prazo limite para a prática do aborto de 28 para vinte semanas de gravidez e autorizaria as mulheres a fazer abortos só «em grave risco de vida» ou

perigo de «lesão séria» para a sua saúde física ou mental.

A proposta será debatida pela terceira e última vez antes de ser sujeita a uma votação livre — o que quer dizer que os votantes são libertos de restrições dos seus partidos e autorizados a votar segundo a sua consciência.

Cerca de vinte mil manifestantes protestaram frente ao Parlamento britânico contra a proposta de alteração da lei.

CM's de Loures

reúnem hoje: quatro temas quentes

Saneamento básico, habitação e urbanismo, ensino e assuntos sociais e transportes e comunicações serão quatro dos pontos em debate no Encontro das Comissões de Moradores do Concelho de Loures, cuja comissão coordenadora foi eleita em 29 de Setembro último, na reunião plenária efectuada na Póvoa de Santo Adrião. De lá fazem parte as CM's de Sacavém de Cima, Bairro de Santiago, Póvoa de Santo Adrião, S. Sebastião, Guerreiros, Pontinha, Bairro Avelar Brotero e Santa Iria de Azoia.

O encontro de hoje das CM's do concelho de Loures está marcado para o salão dos BV de Loures e começa às 15 horas. Durante duas horas, os grupos de trabalho tratarão dos quatro temas acima indicados, havendo depois a elaboração das conclusões por uma comissão, conclusões essas que serão apresentadas mais tarde.

Água, esgotos e lixo, no saneamento básico; crise da habitação, especulação de rendas, processo SAAL e política de especulação de solos, no tocante ao tema Habitação e urbanismo; ensino pré-primário, primário, secundário, creches, jardins de infância, política de ensino, entre outros subtemas, no ensino e assuntos sociais; e vias de acesso, regulamentação dos transportes colectivos e segurança rodoviária, nos transportes e comunicações, eis a multiplicidade de questões a serem tratadas no encontro, para o qual foram convidados os presidentes da Câmara e da Assembleia Municipais.

ERICEIRA

ESTALAGEM
ORAIS
★★★★ Tel. 5 46 11

Campanha Inverno

PREÇOS EXCEPCIONAIS

330\$00, c/ peq. almoço
510\$00, em meia pensão
680\$00, em pensão completa
Com um prato.
— Preços por pessoa, por dia, em quarto duplo.
— Suplemento para quarto individual: 50\$00.

Casa de pasto

"Os Papagaios"

José Outrelo Magalhães
Rua Cascais, 13 e 21 — Lisboa, 3
Tel. 636076



NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS



RESTAURANTE O BACALHAU

TODOS OS DIAS PRATOS DIFERENTES
ESMERADO SERVIÇO DE LISTA

R. Elias Garcia, 6-D — Tel. 97 26 25
Venda Nova

CHESSETUBAL

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO
ECONÓMICA DE SETUBAL — SCARL

Concurso ilimitado para a adjudicação da empreitada de construção de 172 fogos em Bela Vista — Setúbal, em edifícios de 4/5 piso(s).
— Obra financiada pelo Fundo de Fomento da Habitação.

1. — Preço base 99 699 880\$00
Caução provisória 502 000\$00
Prazo de execução 720 dias

2. A empreitada global encontra-se subdividida em 5 zonas/estaleiros, podendo os concorrentes apresentar propostas para uma ou mais zonas a/ou para a empreitada global.

3. Data, hora limite e local para entrega das propostas:
Até às 21 horas do dia 12 de Março de 1980 na Av. Luísa Todi, 163-1.º Dt.º em Setúbal.

4.º — Local, dia e hora do acto público do concurso:
Av. Luísa Todi, 163-1.º Dt.º Setúbal pelas 21 horas do dia 13 de Março de 1980.

5. Local e horário para exame do processo:
Das 9 às 12 e das 14 às 18 horas na
Av. Luísa Todi, 163-1.º Dt.º em Setúbal

— Fundo de Fomento da Habitação Av. Bordallo Pinheiro, 87-5.º — LISBOA

Setúbal, 28 de Janeiro de 1980

Pel' Direcção da CHE

António Gomes Patrício

CASACOS DE ANTÍLOPE E CABEDAL LIMPAM-SE

ÚNICA NO GÉNERO QUE LIMPA TODO O GÉNERO DE CONFECCÕES DE ANTÍLOPE E TINGE TODA A CONFECCÃO EM CABEDAL

Vamar
Exclusivos
CASA ESPECIALIZADA

LISBOA:
R. JOÃO DAS REGRAS, 3-3.º ESQ. (À PRAÇA DA FIGUEIRA, ANTIGA R. DO AMPARO)
EM COIMBRA: R. DA SOFIA, 111-1.º

PELO DESARMAMENTO, PELA PAZ

NÃO
AOS NOVOS MISSEIS
NA EUROPA
COMÍCIO

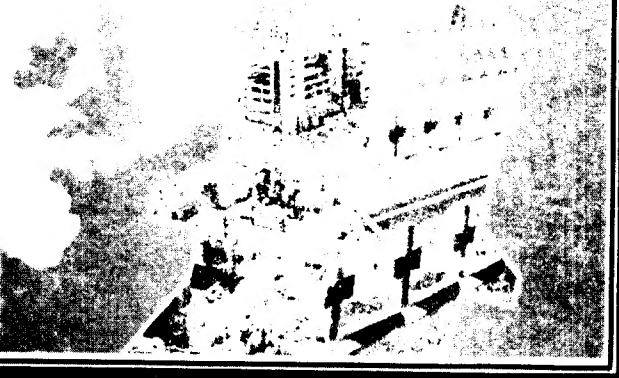
PAV. DESPORTOS 8 FEV. 21.30H.

ORADORES

GENERAL COSTA GOMES
VICE-ALMIRANTE DE ESQUADRA - ANTOINE SANGUINETTI
ENG. ANTONIO ABREU
PADRE EMÍDIO MARTINS - SECRETARIO NACIONAL DA L.O.C.
MANUEL LOPES

ESPECTACULO CULTURAL.

BAILADO MARCELO E MARIA BERMUDAS
POESIA - MARIA DULCE
MUSICA E CANÇÕES
CARLOS PAREDES
CELESTE AMORIM
LUIS CILIA
E FERNANDO ALVIM



Unidade Colectiva de Produção "Cinco de Outubro"

O sonho e o seu limite

«Antes do 25 de Abril pouco sonhava com isto, agora sonho todas as noites...» Com estas palavras João António Neves, dirigente da UCP «Cinco de Outubro» do Cano queria dizer que os trabalhadores da Reforma Agrária lutam por um sonho palpável pois já o viram realizado na prática. Estão convictos de que ele é possível. Mais do que nunca o sonho se tornou uma constante das suas vidas. Agem por ele, sem quebra nem desistência. E contra os sonhos do homem o poder nada pode.

A cooperativa a que João António Neves pertence com mais trezentos e sessenta trabalhadores é resultante do tal sonho de que ele fala. Existe, tem nome. Os agrários que agora reclamam a sua destruição também existem (ainda), embora façam parte do passado em que até sonhar era proibido. Andam agitados, pelos corredores do MAP, onde se sentem superprotegidos, à espera de que se cumpram as promessas na tranquila certeza de que tudo voltará ao lugar «devido». Não sonham. Empenham-se numa conspiração para a qual investiram tudo. É uma questão de jogo: ganhar ou perder...

Uns desses, três irmãos (Bernardo, Manuel João e José Eduardo), da família Magalhães, cujo nome consta de uma lista de agrários em dívida para com o banco Espírito Santo, arriscaram uma jogada forte no distrito de Portalegre, ao pedirem no conjunto reservas, no total de 328 mil pontos, abrangendo os concelhos de Estremoz, Monforte, Fronteira, Avis e Sousel. E com incidência nas cooperativas «Defesa e Barros», «Cinco de Outubro» e «Quatro de Março».

Não se trata de trabalhar ou subsistir como a Lei da Reforma Agrária definia mas pura e simplesmente da reconstituição do latifúndio. Receberam já três reservas, uma delas, correspondente à

herdade do Nabo, com 310 hectares, na UCP «Sete Estrelas» de Cabeço de Vide e as outras duas na cooperativa «Cinco de Outubro», do Cano, demarcadas nas herdades da Torrinhã e Macarra. Reservas que não foram «a seco». Nelas estavam incluídos gado, máquinas e cereais.

Entretanto aguardam que lhes seja entregue uma outra reserva na cooperativa «Sempre Unidos» da Defesa e Barros que engloba uma mansão de luxo, construída com os toques de bom gosto, apanágio dos «antigos» latifundiários. Lá nisso justiça lhe seja feita.



José António Neves, dirigente da UCP «Cinco de Outubro» (em primeiro plano) com outros trabalhadores

Ao contrário da burguesia rural ascendente de rendeiros e comerciantes que nessa matéria alinhavam na chamada estética do «pato bravo».

TABACO «VERGÍNIA»

Por acaso estivemos na herdade da Defesa e Barros, onde encontramos também, por acaso, dois elementos da Brigada Técnica de Avis, da Direcção Regional de Agricul-

tura do Alentejo que conversavam com o Barrocas, dirigente da cooperativa «Sempre Unidos». Cumpriam uma visita de rotina. Todas as semanas se deslocam às cooperativas que lhes pedem apoio — disseram. Esta afirmação seria, no entanto, contestada por um membro da comissão directiva da UCP «Unidade do Ervedal» (de que a cooperativa do Barrocas se desanexou há cerca de dois anos) que pelo que deduzimos tinha uma péssima impressão dos dois técnicos do MAP.

Foi com uma certa agressividade que o trabalhador do Ervedal desmentiu o tal

que estes trabalhadores não são totalmente fixos, de acordo com o dirigente da UCP «Unidade do Ervedal», é que enquanto «nós estamos a fazer greve eles andam a trabalhar».

Isto sucedeu no dia da paralisação efectuada no distrito de Portalegre, contra as entregas de reservas que ali estão a ser feitas.

Bernardo Correia, um dos elementos da brigada técnica, sustentou, porém, que não havia qualquer discriminação no respeitante às cooperativas, quer sejam ou não «comunistas» — foram estes os termos do seu discurso. Apresentou como prova do que estava a dizer, o facto de darem apoio, na cultura do tabaco à UCP «1.º de Maio» de Avis, tida em certos meios como o «modelo» das cooperativas afectas ao Partido Comunista.

A propósito do tabaco, Bernardo Correia, informou-nos de que foram cultivados 25,5 hectares de tabaco, na herdade de Camões, da UCP «1.º de Maio». Uma experiência com bons resultados que vai ter continuação. A produção média foi de dois mil quilos por hectare — o que é positivo, embora houvesse alguns «contras» provocados pelas chuvas que caíram demasiado cedo e a plantação tardia.

O tabaco obtido, da variedade «Vergínia», foi seco na herdade do Alcórrego, em seis estufas, tipo italiano, cuja construção importou em cerca de dois mil contos. Todo o ciclo da cultura (viveiros, plantação e colheita) teve o financiamento da Tabaqueira, entidade com quem a UCP «1.º de Maio» assinou um contrato de venda.

«Como cultura de rendimento, dentro das de regadio, o tabaco é das melhores, apesar de exigir uma assistência cuidada...» — adiantou Bernardo Correia.

PESADELO

Num regresso ao sonho e também ao pesadelo, com



Trabalhadores da UCP «Cinco de Outubro» em paralisação de trabalho, no passado dia 3

os pés fincados na terra, Joaquim Catelas, trabalhador da UCP «Cinco de Outubro», obrigada recentemente a entregar duas reservas aos irmãos Magalhães, reservas que os seus associados não aceitam como «caso arrumado», lembra os tempos em que trabalhou para aquela família.

«Viviam da venda da caça, da azeitona e da cortiça». Joaquim Catelas trabalhou para a família Magalhães em duas modalidades: à jorna (sem comida) e de concerto (com comedorias).

Experimentou, portanto, o salário de miséria, recebido ao dia e o magro ordenado mensal com «comida que nem para os cães servia». Ao meio-dia, pão com toucinho «amarelado dos anos» e azeitonas; à noite, uma açorda sem conduto. Isto invariavelmente.

Claro que o sonho, do antes do 25 de Abril também passava, por um bom naco de carne, peixe, chouriço, fruta e vinho. Essas coisas trouxeram a Reforma Agrária. Os trabalhadores hoje podem comprar tudo isso, nas cantinas das cooperativas.

Força moral temos nós

para defender isto, o pior é quando vêm com as armas para cima da gente... — diz João António Neves.

A UCP «Cinco de Outubro», pela força das armas, foi arrancada em Julho, uma reserva, morosa (durou oito dias), em benefício de Vasco Jardim, cunhado de António Champallimaud. Nessa altura não houve uma resistência forte dos trabalhadores porque, como salientou César Pereira, um dos cooperantes, o pessoal estava mais amolecido. Tinha sido empossado um Governo novo — o de Maria de Lurdes Pintasilgo — e os trabalhadores estavam ainda um pouco na expectativa. Viviam-se, por outro lado, a ressaca da repressão que se abateu sobre a UCP «Estrela Negra» de Sousel, sua vizinha. Dezenas de trabalhadores da «Cinco de Outubro» foram espancados. Aliás, César Pereira foi um deles: partiram-lhe duas costelas.

Afinal nem só os sonhos habitam o mundo dos trabalhadores da UCP «Cinco de Outubro». Nele também há a memória dos pesadelos.

Lourdes Férria

Costa Martins leva o seu caso ao Supremo Tribunal Militar

O antigo ministro do Trabalho, major Costa Martins, apresentou mais um recurso no Supremo Tribunal Militar, contra o despacho do subchefe do Estado-Maior da Força Aérea que o passou à situação de licenciado.

Antes, Costa Martins protestara já junto daquele tribunal por ter sido abatido do Quadro Permanente por decisão do chefe do Estado-Maior da Força Aérea.

O último recurso de Costa Martins argumenta com vícios do despacho do general Ferreira de Almeida, concluindo pela inexistência jurídica da medida tomada contra si. Com efeito, o despacho do sub-CEMFA (Pessoal) foi exarado sobre uma informação da Direcção de Serviço de Pessoal da Força Aérea que continha uma listagem dos oficiais oriundos do Quadro Permanente e que tinham sido passados ao Quadro do Complemento (militares) por ausência ilegítima. Essa lista continha os nomes de Costa Martins, Pereira Pinto e Carneiro, todos com mais de 35 anos de idade e de Martins Jorge, com menos de 35 anos. A informação, salientando que todos aqueles oficiais tinham auto de corpo de delito pendente por envolvimento nos aconteci-

mentos de 25 de Novembro, salientava que lhe deveria ser aplicado o Dec.-Lei n.º 179/78, que determina que os que tiverem mais de 35 anos passam à situação de licenciados e os que tiverem menos, à disponibilidade. Sobre esta informação, o general Ferreira de Almeida exarou um despacho em 5 de Julho de 1979, que dizia o seguinte: «Concordo. Aplique-se o articulado do DL 179/78 no que respeita à passagem à disponibilidade». Segundo Costa Martins isto só pode querer dizer que o sub-CEMFA não o passou à situação de licenciado, mas apenas se pronunciou sobre a situação do oficial que tinha menos de 35 anos e, portanto, poderia ser passado à disponibilidade. Quanto aos restantes três, o sub-CEMFA não tomou nenhuma posição, pelo que não terá existido nenhuma alteração na sua situação.

Apesar desta conclusão ser óbvia, em face do texto do despacho, o Estado-Maior da Força Aérea informou o major Costa Martins de que tinha passado à situação de licenciado, invocando o despacho acima indicado, o que mais tarde foi confirmado pelo Centro de Recru-

tamento da FA. A mesma solução, sem nenhuma base legal, era transcrita na Ordem da Aeronáutica, 2.ª série, n.º 31, de 30 de Julho de 1979. Mais tarde, Costa Martins pediu ao chefe do Estado-Maior da Força Aérea para esclarecer o que se passava, mas não recebeu resposta. Por isso recorreu para o Supremo.

SANEAMENTO

Mas esta situação do antigo ministro do Trabalho em Governos de Vasco Gonçalves é apenas uma pequena parte das irregularidades que têm sido cometidas, na Força Aérea, como em outros ramos das Forças Armadas, e que se prendem directamente com processos políticos de saneamento de oficiais considerados progressistas. Com efeito, as autoridades militares procuram afastar os militares que estiveram ligados ao 25 de Abril e ao processo que se lhe seguiu, tentando depois dar uma capa de legalidade a esta sua actuação.

Aqui, o caso de Costa Martins, entre outros, é exemplar. Em 10 de Dezembro de 1975, poucos dias depois do 25 de Novembro, o major Costa Martins, que se

ausentara como aconteceu com outros oficiais por considerar que a sua segurança não era garantida na situação criada pelos acontecimentos então verificados, foi declarado pelo Estado-Maior da Força Aérea como demitido das Forças Armadas. Era o saneamento político em função da vitória militar e política de uma facção das Forças Armadas depois do 25 de Novembro. Mais tarde, registou-se uma tentativa para legalizar uma situação que tinha por base pressupostos apenas políticos e não jurídicos e que, consequentemente, violava todas as leis em vigor. Por isso, o EMFA passa ao quadro do complemento o major Costa Martins por este ter desertado. Só que, de acordo com a lei em vigor, só poderia ser passado ao quadro do complemento o oficial que estivesse em situação de ausência ilegítima por mais de noventa dias. Ora Costa Martins podia ser considerado em ausência desde 26 de Novembro, mas só até 10 de Dezembro, altura em que o EMFA anunciou que ele tinha sido demitido das Forças Armadas. A partir daí cessavam, evidentemente, todas as suas obrigações em relação ao cumprimento das leis militares, pelo

menos até ser reintegrado. Nunca o foi e a 21 de Junho de 1976, Costa Martins é passado ao Quadro do Complemento, por portaria de 24 de Abril de 76 e com efeitos desde 4 de Março, ou seja, é colocado na situação de miliciano, o que depois permitirá o seu posterior afastamento definitivo das Forças Armadas.

Como se diz no recurso daquele oficial: «O Estado-Maior da Força Aérea demite em 21 de Junho de 1976, por portaria de 24 de Abril de 1976, com efeitos desde 4 de Março de 1976, um oficial que em 10 de Dezembro de 1975 constava já como demitido por aquele Estado-Maior!».

E o que é mais escandaloso em toda esta perseguição política é que o Estado-Maior da Força Aérea assume posições diferentes, em violação dos mais elementares princípios de direito conforme os casos — se um oficial é da «cor» política do EMFA é privilegiado; se não for, está «arrumado».

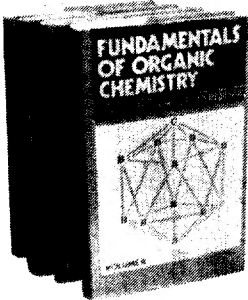
Exemplar a situação dos oficiais que participaram activamente no 11 de Março, bombardeando o RALIS, transportando para-quedistas amotinados, etc. Todos se encontram no activo, a

receber os seus vencimentos, com todos os direitos reconhecidos e nem sequer sujeitos a qualquer processo crime. A mesma Ordem da Aeronáutica que afastou Costa Martins, contém por exemplo, a reintegração no Quadro Permanente e no activo o tenente-coronel Quintanilha Reis Araújo, implicado no 11 de Março e um dos oficiais que fugiu com Spínola para Espanha, num helicóptero roubado, exilando-se depois no Brasil. Aquele oficial é colocado no EMFA e considerado como estando em situação de licença ilimitada.

Completamente diferente é a situação em que estão os oficiais acusados de implicação nos acontecimentos de 25 de Novembro. Foram afastados das Forças Armadas, proibidos de entrar em instalações militares, perseguidos pelas autoridades militares, que espantosamente se recusam a aplicar as leis aprovadas de acordo com a Constituição — nomeadamente a Lei da Amnistia, há muito tempo aprovada, desde Dezembro em vigor e ainda não aplicada pelas autoridades militares, nomeadamente pelo Estado-Maior da Força Aérea.

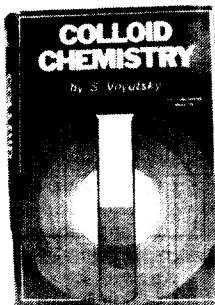
EDITORIAL MIR

Livro científico e técnico da URSS

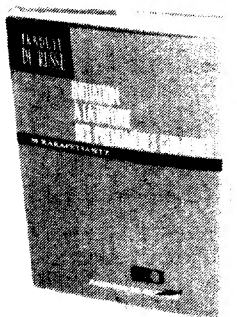


Título: Fundamentals of Organic Chemistry, I; II; III; IV vols.
Autores: Nesmeyanov, A.N./Nesmayanov, N.A.
Editora: MIR - Moscovo
Preço: I vol. 367\$00
II vol. 272\$00
III vol. 292\$00

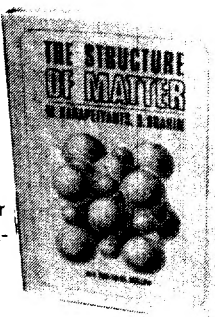
NOVIDADE
IV vol 391\$00



Título: Colloid Chemistry
Autor: Voyutsky, S.
Editora: MIR - Moscovo
Preço: 435\$00



Título: Initiation à la Théorie des Phénomènes Chimiques
Autor: Karapetiantz, M.
Editora: MIR - Moscovo
Preço: 282\$00



Título: The Structure of Matter
Autor: Karapetyants, M./Drakin, S.
Editora: MIR - Moscovo
Preço: 254\$00

CDL a distribuição

PORTUGUESA LEMBRA QUE A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA

A partir de 1 de Janeiro de 1980 o seu veículo só pode circular se tiver um seguro de responsabilidade civil.

As Companhias de Seguros não poderão negar-se à sua efectivação, salvo em casos muito especiais, previstos na lei.

Assembleia da República

Comemorações? O "negócio da AD" era "nomes" e não "números"

Com as propostas de alteração do PSD para os decretos sobre o Centenário de Camões, Dia de Portugal e Congresso das Comunidades, as quais irão ser apreciadas nas comissões, depois de ontem à noite os decretos terem sido suspensos com os votos da AD (os Reformadores abstiveram-se apenas no caso do Centenário de Camões), ficou demonstrado à evidência que o «negócio da AD» era «nomes» e não «números».

Na verdade, o PSD apenas se preocupou nessas propostas de alteração com as presidências e constituição dessas comissões e em retirar ao Presidente da República essa competência.

Carlos Brito (PCP), António Reis (PS) e Helena Cidade Moura (MDP/CDE) criticaram a actuação do Governo, enquanto Natália Correia se embruçava na defesa do Governo (Pedro Roseta passeava, levantava-se, encolhia-se, levava as mãos à cara) e Rui Pena continuava a pretender que não havia qualquer conflito com o Presidente da República.

«Abertamente no campo da ilegalidade e do abuso do poder» ou «um Governo fora do regime, como um grupo de agitadores políticos em sublevação contra o regime, como um contra-governo» foi como Carlos Brito classificou as últimas decisões da AD e, em particular, a suspensão dos decretos sobre aquelas comemorações.

Carlos Brito denunciou ainda que para este Governo, ao contrário do que Natália Correia tentava fazer desesperadamente, não era uma questão de austeridade. Freitas do Amaral, na discussão do Programa do Governo já tinha dito o que pretendia. O deputado comunista citou Freitas do Amaral: «introduzir as modificações necessárias para transferir os poderes legais relativos ao Dia das Comunidades e ao Congresso das Comunidades, da competência do Conselho da Revolução ou de alguns dos seus membros para a competência do Governo». «Foi claro, mas não foi rigoroso», disse Carlos Brito - o Vice-Primeiro-Ministro. Basta passar os olhos pelos decretos submetidos à ratificação para se verificar que as competências que Freitas do Amaral quer ver transferidas não são propriamente do Conselho da Revolução ou de alguns dos seus membros, mas

sim do Presidente da República».

Rui Pena (CDS) não respondeu a esta «citação» do Presidente do CDS, quando afinal ele passou todo este debate a negar o confronto institucional com o Presidente da República. «Não nos levarão para o campo para onde não queremos ir» - pediria Rui Pena. Só que Freitas do Amaral já tinha escolhido o «campo» quando da discussão do Programa do Governo.

António Reis (PS) acusou o Governo de sujeitar a ratificação a comissão organizadora das comissões camoneanas, «apenas porque não suporta que a referida comissão organizadora tenha sido nomeada pelo Presidente da República e pela ex-Primeira-Ministra Maria de Lur-

Moura (MDP/CDE), depois de um duro ataque ao Governo («O Governo está a afundar-se espectacularmente, porque já não só rema contra a corrente, como quer mudar as marés dos oceanos») e de acentuar que se trata de um conflito com o Presidente da República, a deputada do MDP, a propósito da tão falada austeridade, perguntou ao Governo: «Há muito tempo que o equilíbrio precário da nossa balança de pagamentos se deve a remessa dos emigrantes e é a eles que o Governo nega verba, para efectuar os congressos das Comunidades? E será que a história se repete, que o IV Centenário de Camões, como o III terá de ter no movimento popular e nas subscrições nacionais, a forte base da sua realização?»

discutir aquilo que o Governo quer?» - perguntou Vital Moreira, aludindo ao facto da série de pedidos de urgência e as ratificações solicitadas pelo Governo chegarem para «todos estes meses de trabalho da Assembleia da República». Para além disso, como diria Vital Moreira, pela primeira vez, o Governo nem se digna ir à Assembleia justificar este pedido de urgência e, por último, de que com este pedido de revogação se «pretende delapidar o sector público para pagar aos grandes capitalistas» e finalmente que este pedido é para a «urgência de instituir o projecto de subversão institucional». João Cravinho (PS) debruçou-se mais sobre o conteúdo material do que processual desse pedido de urgência. E declarou que o PS votaria contra, esse pedido de urgência «é incompreensível à luz da defesa dos interesses nacionais. Pretender o contrário é aceitar que é urgente permitir que o Governo caminhe no sentido de subversão institucional».

FM

Afinal não era austeridade...

A 'verdade' do Governo nas alterações do PSD

Para o IV Centenário de Camões, o PSD propôs a criação de uma comissão cujo presidente será nomeado por Eanes depois de parecer favorável do Primeiro-Ministro e de resolução favorável da Assembleia da República.

O Congresso das Comunidades portuguesas será em Junho de 1981 e não de 1980 como previa o decreto agora suspenso.

O congresso terá uma comissão de honra presidida pelo Chefe do Estado e uma Comissão Organizadora cujo presidente é nomeado pelo Primeiro-Ministro - propõe o PSD.

A Comissão Organizadora do Congresso das Comunidades funcionará da dependência do Ministério dos Negócios Estrangeiros - defendem os sociais-democratas.

GOVERNO DITA A ORDEM DO DIA?

O pedido de urgência para a discussão de proposta de Lei do Governo em que este pretende a revogação da Lei 77/79 que proíbe a oneração de bens das empresas nacionalizadas, foi outro ponto polémico de ontem. Isto, para além do adiamento da votação do protesto da UDP (com o aparecimento de um outro do PS) sobre a proibição de estrangeiros no Encontro dos Povos em Luta.

Vital Moreira (PCP) sobre a apreciação do pedido de urgência, foi muito claro: o Governo pretende ditar a Ordem de Trabalhos da Assembleia da República. «A Assembleia passa a

Criados os Centros Comunitários de Saúde

O primeiro passo para a estruturação do Serviço Nacional de Saúde foi dado com a publicação do decreto-regulamentar que cria os centros comunitários de saúde.

Nesses centros serão reunidos os cuidados primários de saúde a prestar ao indivíduo e à comunidade em que ele se insere.

Precede-se, deste modo, harmonizar e coordenar a actividade dos médicos de clínica geral, que se ocupam do doente individualmente com a dos médicos de saúde pública, que se preocupam com os problemas ao nível da comunidade.

Os novos centros de saúde, que representam o primeiro escalão do Serviço Nacional de Saúde, são definidos em função de uma área geográfica que cobre e da respectiva população, que fica a seu cargo.

Grupo parlamentar do PS

"Históricos" ausentes do Secretariado apoiados num documento de estratégia

Foi eleita a nova direcção do grupo parlamentar do Partido Socialista, com a votação de apenas uma lista em que não participaram os «históricos». Salgado Zenha mantém-se como presidente do grupo parlamentar; Carlos Laje, Almeida Santos e Maria Teresa Ambrósio foram eleitos vice-presidentes e João Cravinho, Carlos Candal, Armando dos Santos Lopes e João Lima como vogais.

Doze votos contra e quatro abstenções marcaram a oposição dos «históricos» a esta lista. Foi a «inteligência» com que a lista única foi elaborada que levou a este resultado. Ao incluírem nomes como João Cravinho, Carlos Candal ou João Lima, o anterior secretariado que dirigiu as negociações conseguiu reduzir o espaço de manobra dos «históricos». Carlos Candal está para Aveiro (tem 5 deputados) como Jaime Gama estará para

os Açores ou Manuel Alegre e António Arnaut para Coimbra.

José Luís Nunes foi mesmo convidado para vice-presidente do grupo parlamentar, convite que recusou, depois de fracassarem as negociações.

No entanto, os «históricos» tiveram uma «meia vitória»: a assinatura por 24 deputados, incluindo Carlos Candal e João Lima, que fazem agora parte da direcção do grupo parlamentar, de uma Proposta de Acção com o objectivo de «Renovar a Actividade Parlamentar do PS».

POLÍTICA FIRME E COERENTE

O desenvolvimento de «uma política firme e coerente de oposição à maioria da AD e ao seu Governo, diferenciando claramente o projecto socialista em relação às propostas apresenta-

das pelos outros grupos parlamentares, de acordo com a linha política do partido», é uma das exigências.

E no entanto, o ponto n.º 5 dos «objectivos gerais» que caracteriza melhor este documento como proveniente dos «históricos» ao pretender «contribuir, através da acção parlamentar, para consolidar a implantação do PS e reforçar a sua identidade como partido de trabalhadores, motor de um bloco social interclassista capaz de protagonizar do socialismo democrático europeu no quadro de referência da «Declaração de Princípios», do «Programa» e do «Documento dos anos 80». Neste documento insiste-se na necessidade de «apresentar rapidamente um conjunto concentrado de iniciativas parlamentares que, atendendo à curta duração da sessão legislativa, seja susceptível de contribuir para a ne-

cessária recuperação eleitoral do PS em 1980».

Para além da Organização Interna do Grupo Parlamentar, o documento refere-se ainda à actividade do grupo parlamentar na A.R., ao exigir a «dinamização do período de antes da ordem do dia, de modo a fazer participar, através de intervenções curtas e claras, o maior número possível de deputados na abordagem de questões de actualidade política e de assuntos de interesse sectorial e regional» para além da «utilização mais intensa dos requerimentos e exigências da respectiva resposta por parte do Governo».

A próxima etapa será Santa-rém, dia 23 deste mês, para a eleição da Comissão Directiva, para a qual os «históricos» exigiram e Mário Soares concordou, com uma representatividade idêntica à que conseguiram na Comissão Nacional do Porto.

Exonerados 14 gestores

"Pacote" da Comunicação Social privilegia PSD e CDS

«Fomos tratados como se fôssemos uma manada de gestores» — estas palavras do eng. Amílcar Martins, após lhe ter sido anunciado no Palácio Foz que estava demitido de presidente da Comissão Administrativa da RDP, põem em evidência a forma de actuar do actual Governo. Efectivamente, após ontem ter terminado o Conselho de Ministros, catorze dos vinte e um gestores da Informação estatizada foram chamados em grupo, pelas 19 e 30, à Secretaria de Estado da Comunicação Social, para ouvirem da boca do titular daquele departamento governamental. Sousa Brito, de que estavam todos exonerados das funções que vinham desempenhando até à data.

Amílcar Martins, em impressões concedidas ao semanário «O Jornal», é de opinião que «houve uma nítida opção por critérios com fortes conotações partidárias». (...) «Só assim posso entender que o único administrador que fica na RDP é um elemento ligado ao PSD, pessoa que este partido apresentou ao Conselho de Informação como

seu candidato quando das eleições para representantes no Conselho de Administração». E ainda: «Permanecendo o dr. Martins Aguiar, o Governo nem sequer pode invocar razões de competência, uma vez que tivemos ocasião de comprovar que esse senhor competente não é».

QUEM SAI, QUEM FICA

São demitidos da RDP, além do eng. Amílcar Martins, o major José Dias e os engs. Protes da Fonseca (a seu pedido) e Rocha Santos. Permanece, como acima se disse, Martins Aguiar, tendo sido nomeados os drs. João Barreiro Cardoso, presidente, e Arlindo Gomes de Carvalho.

Por sua vez, Soares Louro (confirma-se) sai da presidência da RTP para ser substituído por Vítor Cunha Rego, saindo também daquela estação emissora o capitão Leopoldo Águas, cujo lugar, como vogal, passa a ser ocupado pela dra. Maria Idalina

Neves de Sousa.

Da ANOP são demitidos Horta Lobo e António Ramos, continuando Tito de Moraes (PS) como presidente. Os exonerados, na sua qualidade de vogais, são substituídos por Suliman Vally Mamede (PSD) e major José Carlos dos Santos Cruz.

Quanto à Empresa Pública do «Diário Popular», foram exonerados da Comissão Administrativa, os drs. Jorge Pegado Liz, presidente, César Caeiro Chagabel, vice, e Miguel Bastos, vogal. Substituem-nos, naqueles cargos, o dr. Jorge Manuel Pereira Thadeu Ferreira, Rogério de Oliveira Gonçalves e Jaime Augusto Mesquita Alcobia.

Na CA da EP «Notícias/Capital», permanecem unicamente Macedo Cunha e o comandante Cristóvão Moreira, que no Governo Pintasilgo se opôs à demissão de Sousa Tavares do cargo de director de «A Capital».

São dali exonerados Figueira Amaro, Caissotti Rosa (do PS, e a seu pedido), Manuel Eusébio Jorge e Oliveira Neves. Foram

nomeados, em sua substituição, os drs. Macedo e Cunha (presidente) e Vieira de Sousa e eng. Casimiro Bouças, vogais.

Todas estas nomeações se revestem de carácter interino, ficando a sua confirmação dependente do parecer dos Conselhos de Informação para os órgãos de comunicação social atrás mencionados.

OS HOMENS DO PRESIDENTE

Presente-se, nesta exoneração de gestores, além de evidentes propósitos de inflexão política no sector da comunicação social, uma confrontação com a Presidência da República.

E isso porque homens como o major José Dias (RDP) e os capitães Leopoldo Águas e António Ramos (RTP e ANOP), respectivamente eram tidos como homens de confiança do general Ramalho Eanes, com maiores ou menores implicações. O último, efectivamente, era unicamente dado como próximo de Belém.

Esta noite no Pavilhão Sessão pública pelo desarmamento contra novos mísseis na Europa

Como tem sido largamente noticiado, realiza-se esta noite no Pavilhão dos Desportos em Lisboa, uma sessão pública pelo desarmamento, pela paz, contra a instalação dos novos mísseis na Europa.

Esta sessão, que será presidida pelo general Costa Gomes e contará com a presença do almirante francês Antoine Sanguinetti tem ainda como oradores o dr. Fernando Lourenço, Manuel Lopes, dirigente sindical, Emídio Martins, secretário nacional da Liga Operária Católica e o eng. António Abreu.

A mesa da sessão, composta pelo prof. Rui Luís Gomes, o dr. Piteira Santos, o dr. Pinto Correia, o reverendo Dimas de Almeida, o eng. Cunha Serra, Helena Cidade Moura, o pde. Telles Sampaio, o dr. Mário Murteira, o eng. Castro Neves, o d. Artur Gerales, o dr. Duarte Vidal, o eng. Pedro Nunes, a dra. Alcina Bastos e o dr. Luís de Matos, além de um representante da Juventude Operária Católica e outro do Movimento Académico Cristão, representa um grande conjunto de mais de cinco centenas de personalidades e organizações dos mais variados sectores políticos, sociais e religiosos que constituem a comissão promotora desta iniciativa.

A sessão pública constará ainda de uma parte cultural com poesia, música e bailado, a cargo, entre outros, de Carlos Paredes e Fernando Alvim, Luís Cília, Maria Dulce e os bailarinos Marcelo e Maria Bermudes.

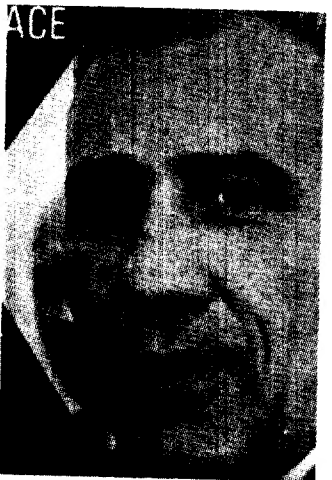
QUEM É ALMIRANTE SANGUINETTI

O almirante de quatro estrelas Antoine Sanguinetti entrou para

a marinha francesa em 1937.

Durante a Segunda Grande Guerra Mundial, participou na luta contra os nazis como oficial da resistência, tendo sido distinguido com a Legião de Honra.

Piloto aeronaval, saiu da Grande Guerra com o posto de capitão de mar-e-guerra, tendo sido posteriormente nomeado comandante do maior porta-aviões francês, o «Clemenceau».



Seguidamente comandou a esquadra aeronaval do mediterrâneo e depois a esquadra aeronaval do Atlântico.

Foi ainda comandante da frota de submarinos nucleares franceses e chefe de Estado-Maior da Armada.

É hoje, destacada autoridade internacional em problemas de estratégia militar, sendo membro do Partido Socialista francês e incansável lutador pela causa da paz e do entendimento entre os povos.

Sousa Tavares não conhece Savimbi

A propósito de uma notícia publicada ontem em que afirmávamos que o reconduzido director da «Capital» e deputado reformador teria estado com Savimbi, recebemos do dr. Sousa Tavares um telefonema em que nos comunica que efectivamente recebeu um convite para se deslocar a Rabat, de visita a Savimbi, mas que não foi pelo que não conhece nem Rabat nem Savimbi.

II Encontro dos "Povos em Luta"

Estrangeiros podem cantar mas não podem falar

A Comissão Organizadora do II Encontro dos Povos em Luta decidiu levá-lo por diante, apesar de o Governo ter proibido a participação de estrangeiros.

Devido à ausência interveniente de conferencistas estrangeiros a CNASPEL cancelou os debates que estavam marcados para hoje, mantendo-se no en-

tanto a sessão pública na «Voz do Operário», a realizar esta noite.

«A «Festa Internacionalista» realiza-se amanhã à tarde, no Pavilhão dos Desportos, estando já em Lisboa Emilio Cao (Galiza) e People's Music (Irlanda), que actuarão ao lado dos artistas portugueses Sérgio Godinho, Fausto e Vitorino.

A nota oficial proibindo a participação estrangeira no encontro invocou o decreto lei 582/76, de 22 de Julho, e fundamentou a decisão em resoluções da Assembleia Geral das Nações Unidas aprovadas em 1965 e 1970, condenando actividades armadas subversivas.

A CNASPEL, contrapondo, invocou o artigo 7.º da Constituição portuguesa e afirmou tratar-se de «organizações legais nos seus países algumas com deputados eleitos nos respectivos parlamentos, ou de movimentos de libertação contra todas as formas de opressão, nomeadamente contra o imperialismo e o colonialismo ou regimes declaradamente fascistas».

Entretanto uma delegação da Frente de Libertação Nacional da Argélia recusou a «oferta de vistos gratuitos», por parte da embaixada portuguesa em Argel, para participar neste Encontro.

A CNASPEL, que forneceu esta informação, acrescentou

que a embaixada rectificara a decisão anterior de não conceder vistos, tendo «pedido desculpas e oferecido depois vistos gratuitos».

Conselho de Ministros

Aprovados o projecto Renault e o subsídio de papel à Imprensa

A aprovação dos «termos a que deve obedecer a implantação do projecto Renault, cujo contrato deverá ser assinado na próxima semana» e a fixação do subsídio orçamental a atribuir no corrente ano ao papel de jornal, foram duas das principais medidas tomadas na reunião de ontem do Conselho de Ministros, presidido por Sá Carneiro.

O Governo deliberou também manter durante os próximos seis meses os benefícios fiscais à exportação, assim como a comparticipação do Estado nas despesas de expedição aérea da imprensa regional para o estrangeiro.

O comunicado da reunião não refere, entretanto, os montantes

do subsídio do papel de jornal e da comparticipação à imprensa regional, nem o preço de intervenção fixado para a região demarcada do Douro e à linha de crédito (a taxa bonificada) criada com este objectivo.

O Conselho aprovou, igualmente, um diploma reestruturador dos museus visando «pôr termo a uma situação de abandono que se arrasta há vários anos» e um outro de reestruturação da orgânica interna da Polícia Judiciária, «por forma a reforçar o seu vínculo de subordinação hierárquica ao ministro de Justiça e a assegurar a aplicação de critérios rigorosamente objectivos na promoção do seu pessoal».

Reestruturação da Judiciária

Reacende-se conflito ministro/director-geral

Cercear a autonomia administrativa do Director-Geral da Polícia Judiciária ser o objectivo do decreto-lei aprovado ontem em Conselho de Ministros o qual, sob o pretexto de reestruturar a orgânica interna daquela polícia, vem repor um antigo vínculo de subordinação hierárquica ao ministro da Justiça.

Lembra-se que há perto de dois anos a chefia da PJ foi elevada a Direcção-Geral, facto que transferia para o director-geral determinada competência de decisão.

Foi à volta dessa questão que se levantaram os incidentes entre o então ministro Eduardo Correia e o director Lourenço Martine, que levou este a demitir-se acompanhado, por solidariedade pelo restante quadro directivo. No entanto, com o 5.º Governo Constitucional, Lourenço Martins é de novo chamado a assumir o cargo, mas logo que o actual Governo foi nomeado, alguns observadores previram hipóteses de se renovarem incidentes do mesmo género.

Com efeito, agora é por causa duma lista de agentes de primeira classe escolhidos para frequentarem o curso de promoção a subinspectores elaborada pela Direcção-Geral e submetida à apreciação do ministro Pedro Macedo, este, segundo consta, terá discordado do critério selectivo e elaborado outra ainda não divulgada. Na sequência dessa atitude terá surgido este decreto que retira ao director-geral poderes de decisão inerentes a todos os directores gerais.

2.º ENCONTRO DOS POVOS EM LUTA

SESSÃO PÚBLICA VOZ DO OPERÁRIO 8 Fevereiro/21 horas

Com a presença de:

- OTELO SARAIVA DE CARVALHO
- REPRESENTANTES DE PARTIDOS PORTUGUESES

FESTA INTERNACIONALISTA

Pavilhão dos Desportos, Lisboa, 9 de Fevereiro /1980 às 15.00 H

com a participação de:

- | | |
|----------------------------|--------------------------------|
| GRUPO HAIZEA — País Basco | KARAXU — Chile |
| PEOPLE'S MUSIC — Irlanda | Coro 28 Novembro — Timor Leste |
| PI de LA SERRA — Catalunha | FAUSTO |
| XAVIER RIBALTA — Catalunha | SERGIO GODINHO |
| EMILIO CAO — Galiza | STEVE POTTS |

(entrada livre)

encontro promovido pela Comissão Nacional de Apoio e Solidariedade com os Povos em Luta

Umas vão, outras voltam

Greves: nos chocolates, peixe e Cabos Ávila

A greve dos trabalhadores do arrasto costeiro termina hoje, motivo por que a faina deverá ser retomada no domingo. A paralisação durou cinco dias, na prática, prolongou-se por nove dada a interposição de dois fins de semana.

O objectivo da luta adoptada pelos cerca de 1500 trabalhadores do sector foi pressionar o patronato a conceder aumentos salariais de 2100 escudos, ao que este contrapuseram cerca de 950 escudos. Em causa, também, aumentos nos subsídios de Natal, de férias e de reparação (quando os barcos param para reparações).

Por seu turno, o patronato, numa atitude que não é inédita, aproveitou a circunstância para ir a negociações com o Governo no sentido de lhe ser concedido um subsídio de gasóleo. Com esse auxílio, dizem, os armadores melhorariam a sua situação e poderiam negociar um novo contrato colectivo.

Um outro argumento que tem sido utilizado respeita a uma suposta crise no sector do arrasto costeiro. Tal é refutada pelos meios sindicais, uma vez que há embarcações em construção e, se a crise existisse, o patronato não continuaria a laborar. De resto, pergunta-se em certos meios, para onde tem ido o dinheiro dos constantes aumentos do preço do peixe?

JÚDICE FIALHO: ADESAO TOTAL

A greve do pessoal da empresa de conservas Júdice Fialho teve, ontem, uma adesão total — apurámos junto do sindicato do sector.

A paralisação também verificada na terça e quarta-feira, visa pressionar o pagamento de salários em atraso desde Setembro de 1979.

Os trabalhadores recusam, igualmente, assinar um documento exigido pela administração, no qual se comprometem a «não decretar formas de luta nos próximos três meses».

Entretanto, a administração pagou o vencimento de Setembro a 36 trabalhadores da fábrica de Matosinhos e ao pessoal de escritório e serralheiros de toda a empresa, o que o sindicato considera «uma manobra divisionista».

Um porta-voz da administração da Júdice Fialho disse nada ter a comentar sobre o assunto pois seria divulgado um comunicado da gerência que, entretanto, «estava reunida com os sindicatos para analisar a situação».

Esta reunião não foi, porém, confirmada pelas organizações sindicais que afirmaram «desconhecê-la».

A Júdice Fialho tem fábricas em Matosinhos, Peniche e Portimão e emprega cerca de oito-

centas pessoas, entre as quais um grande número de casais.

Os sindicatos envolvidos no conflito reúnem-se, hoje, em Lisboa.

ÁVILA: GREVE «SEGUE E SOMA»

Os trabalhadores da fábrica de condutores eléctricos «Cabos D'Ávila» paralisaram ontem a actividade por um período de quatro horas em cada turno, em apoio de reivindicações salariais.

A adesão à greve foi, de acordo com os delegados sindicais, superior a oitenta por cento. Contudo, para um elemento da administração declarou à ANOP que a percentagem de trabalhadores em greve era «inferior a cinquenta por cento».

Os trabalhadores, que até quarta-feira à noite mantiveram negociações com a administração, reivindicam aumentos salariais da ordem dos 26 por cento, contra os 18,3 propostas pela entidade patronal.

Reunidos em plenário, no exterior das instalações, os trabalhadores em greve decidiram efectuar nova paralisação, desta vez de 24 horas, no próximo dia 12, caso até lá não sejam retomadas as conversações.

A administração da fábrica, que emprega actualmente cerca de 780 trabalhadores, distribuídos pelas unidades do Porto, Lisboa e Portela da Ajuda, anunciou já a passagem do processo à fase de conciliação.

Realizam-se hoje as eleições para a comissão de trabalhadores da empresa, às quais concorrem duas listas, A e B, consideradas afectas respectivamente, à CGTP/Intersindical e à União Geral de Trabalhadores (UGT).

REGINA «JÁ» TEM VENDEDORES

O conflito que opunha os vendedores dos chocolates Regina à administração da empresa foi ontem resolvido em negociações efectuadas no Ministério do Trabalho. Termina, deste modo, uma greve que se arrastava desde o dia 3 de Janeiro.

A origem do diferendo situava-se em Maio, altura em que a gerência da fábrica de chocolates decidiu, unilateralmente, diminuir a parte variável das remunerações dos vendedores.

A partir de então, tanto os esforços dos sindicatos envolvidos no conflito como da própria Inspeção de Trabalho chamada a intervir foram baldados.

Até, agora e após mais de um mês de greve, o acordo foi estabelecido e contempla as reivindicações dos trabalhadores, e, particularmente, a proposta salarial quando foi anunciado o início da luta.

Em carta aos Governos

Metalúrgicos europeus pedem controlo da actividade da ITT

A Federação Internacional dos Metalúrgicos (FIM) apelou aos ministros europeus responsáveis pelos correios e telecomunicações no sentido de controlarem as actividades da multinacional ITT.

Herman Rbhan, secretário-geral da FIM, declarou ontem em Genebra que a federação escrevera, aos ministros europeus a solicitar a utilização do poder económico governamental para acções das multinacionais.

O apelo destina-se a pressionar a Administração da ITT a estabelecer uma política laboral que melhor respeite os interesses dos trabalhadores, sobretudo no campo das telecomunicações.

«É contraditório o facto de os Governos autorizarem a ITT a despedir milhares de trabalhadores e a encerrar unidades de produção, como acontece actualmente na Europa, e continuarem a comprar milhões de dólares de equipamento de múltipla nacionalidade» — acrescentou Rbhan.

A FIM representa cerca de 173 mil trabalhadores do sector metalomecânico, integrados nas unidades de produção da ITT na Europa.

LISBOA-MADRID SEM COMBOIOS

As ligações ferroviárias entre Portugal e Espanha, e entre Lisboa e Paris foram hoje afectadas pela greve de 24 horas dos ferroviários espanhóis. A paralisação iniciou-se às 8 horas, e prosseguirá durante a madrugada de amanhã.

Segundo informação obtida junto da CP, os comboios «Ter» (Lisboa-Madrid) e Porto-Vigo não circularão hoje em nenhum dos sentidos. Quanto ao «Lusitânia» e ao «Sud-Express», não sai-

rão hoje de Lisboa (destinos: Madrid e Paris, respectivamente). No entanto, haverá chegadas. Amanhã registar-se-á a situação inversa.

A greve dos trabalhadores da RENFE (a «CP» espanhola) deve-se a questões salariais, podendo repetir-se no próximo dia 12, se até lá não surgir uma evolução favorável das negociações. Prevê-se, de resto, a marcação de uma greve prolongada para os dias 2-21-22. De permeio, prosseguirá a «greve de zelo» iniciada há dias.

GREVE NO AÇO E NA LEYLAND

Em Inglaterra continuam a registar-se conflitos laborais de relevo.

Enquanto os sindicatos metalúrgicos reatam hoje as negociações com a Administração da Companhia Britânica do Aço, num clima de confiança quanto à evolução do conflito que mantém paralisada a indústria siderúrgica desde 2 de Janeiro, os trabalhadores de uma das fábricas da British Leyland prepararam-se para entrar em greve a partir de segunda-feira, como forma de protesto contra o despedimento de um dirigente sindical.

No que respeita à greve do aço, o Governo conservador mantém uma posição de neutralidade. Presentemente está em debate uma nova proposta salarial. A administração retirou também as exigências que anteriormente fizera de maior produtividade e de redução da força de trabalho.

Na Leyland, o despedimento injusto de um sindicalista extremamente popular entre os operários (o patronato apodra-o de comunista, e a Imprensa chama-lhe «Robbo, o Vermelho») levará

à paralisação da unidade fabril de Birmingham (8000 trabalhadores). A administração diz que o sindicalista tem «comportamento perturbador e influência nociva», e garante que ele não será readmitido, apesar da greve. Ainda de acordo com a direcção da empresa, o dirigente sindical despedido encabeçou 523 conflitos laborais, que custaram 200 milhões de libras.

Derek Robinson, o operário despedido, denunciara recentemente um plano para despedir 25 trabalhadores na empresa.

PELO MUNDO

— No Peru alastra o descontentamento dos meios laborais perante a insuficiência dos salários face às tensões inflacionárias que se verificam no país. Depois dos trabalhadores dos telefones, dos funcionários municipais de Lima e do pessoal das alfândegas, são os mineiros do complexo de Centromin (são 16 mil) e os operários da indústria têxtil quem anuncia greves mais ou menos pesadas.

— Na Grécia, os empregados bancários (cerca de 30 mil) vão continuar a greve iniciada em 17 de Janeiro, malogradas que foram, ontem à noite, as negociações com o Governo. Este recusou-se a fazer concessões em matéria de salários e de horário de trabalho.

— No Chile a percentagem de desempregados atinge os 13,37 por cento, sem contar com os milhares de pessoas «contempladas» pelo programa de emprego mínimo do regime de Pinochet, segundo elementos divulgados por uma confederação sindical. O subsídio de desemprego mal permite sobreviver.

Entrega de reservas

Também em Évora e Beja

A todo o vapor recomeçaram as entregas de reservas, primeiro no distrito de Portalegre e, agora, estendendo-se aos outros distritos da Zona de Intervenção da Reforma Agrária. A seguir a Portalegre, Setúbal e depois, Évora e Beja. É sintomático que apareçam nomes de conhecidos latifundiários ligados a diversas reservas numa demonstração de que afinal o Alentejo pertencia a meia dúzia

de famílias. Também nos parece curioso que só a partir do Governo de Sá Carneiro, surjam, em força, os grandes latifundiários — das grandes famílias — em primeiro plano enquanto os rendeiros que nos Governos PS eram as figuras principais do processo de entregas de reservas são atirados para o esquecimento.

Ontem em Montemor-o-Novo trabalhadores das UCP's e Co-

operativas Agrícolas do conceito desfilaram nas ruas, manifestando-se contra as entregas de reservas.

Por outro lado o PCP, através da Secção de Informação e Propaganda do seu Comité Central, pronunciou-se contra o ataque do Governo à Reforma Agrária, «um dos alvos preferenciais no seu plano de subversão do regime democrático».

Em Lisboa Sindicalista francês estuda problemas dos civis das FA's

O secretário-geral da Federação francesa dos Trabalhadores do Estado encontra-se em Lisboa para estudar a situação dos funcionários civis das forças armadas.

Berry Henri, também membro da comissão executiva da Confederação Geral dos Trabalhadores Franceses (CGT), esteve ontem na Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores da Função Pública, onde abordou problemas da organização sindical dos trabalhadores civis nos departamentos militares.

Segundo declarou à Anop, as liberdades sindicais em França, neste sector, só desde 1968 «conseguiram uma substancialização, materializada nomeadamente no direito à greve, se bem que limitado, e com a obrigatoriedade de pré-aviso com cinco dias de antecedência ao ministro da Defesa».

Outra das conquistas destes trabalhadores em França, é o pagamento de duas horas por mês aos operários que fazem parte das comissões executivas e o pagamento do salário de um funcionário sindical por cada mil trabalhadores filiados num Sindicato.

Berry Henri considera que a situação dos trabalhadores em França tem vindo a deteriorar-se, nomeadamente através da repressão sindical, o que motivará no dia 21 de Fevereiro, em França, um dia de luta pela reestabilização da situação dos trabalhadores.

CORRECÇÃO DE ANOMALIAS

A Federação dos Sindicatos da Função Pública anunciou que irá empenhar-se na «aplicação da correcção das anomalias aos trabalhadores do sector».

A nova legislação, que abrange cerca de trinta mil funcionários, satisfaz apenas, segundo os representantes sindicais, cerca de 80 por cento dos trabalhadores.

Assim, os trabalhadores ajudantes de microfilmagem e os trabalhadores de carreira de informática, entre outros, não vêm a sua situação resolvida com a nova legislação.

Enquanto isto, está quase concluído um caderno reivindicativo dos trabalhadores da Previdência, Casas do Povo e Institutos de Obras Sociais, que contempla os trabalhadores não abrangidos pela lei e é subscrito por 32 estruturas sindicais.

O documento refere ainda as principais reivindicações específicas dos trabalhadores deste sector.

SALVEMOS O LINCE E A SERRA DA MALCATA



Direcção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal
Av. João Crisóstomo 26 — Lisboa
Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS
SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS
DIRECÇÃO-GERAL DOS RECURSOS E APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS E OBRAS HIDRÁULICAS

DIVISÃO DE CONSTRUÇÃO AMPLIAÇÃO DA ALBUFEIRA DA COVA DO VIRIATO CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DA SOBREELEVAÇÃO DA BARRAGEM DA COVA DO VIRIATO E DO AÇUDE DA PORTELA

Anuncia-se que o prazo do concurso público para arrematação da empreitada acima referida, aberto por anúncio publicado no «Diário da República», n.º 280 — III Série de 5 de Dezembro de 1979 fica prorrogado para 26 de Fevereiro de 1980, devendo o acto público realizar-se no dia seguinte, pelas 15 horas, no local já anteriormente anunciado.

DIRECÇÃO-GERAL DOS RECURSOS E APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS, em 1 de Fevereiro de 1980.

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL (Joaquim Fernando Faria Ferreira)

ADÓQUE TEXTO

TELEF. 87 44 76

RIA COM:

HOJE ÀS 21.45h

ERMELINDA
MAGDA
ESMERALDA
FEIO

5.º MÊS

• AMÉLIA • CAMACHO
• MANUELA • M.ª RUAS
BOMBOM

NICHOLSON
NUMA
BARRIGADA
DE RISO

QUERIAS...
MAS NÃO TE DOU

ATENÇÃO ÀS ENTREGAS

DE 2.ª A 6.ª ÀS 21.45
SÁBADOS 20.30 E 22.45
DOMINGOS 16.30 E 21.45

SÁBADO
ÀS
16.00 H.

ZÁS! TRÁS! PÁS!

O musical infantil
que as crianças
merecem

Seguros

Sanear quem e porquê?

Tudo leva a crer que o Governo de Sá Carneiro se prepara para sanear os membros dos actuais Conselhos de Gestão das empresas de seguros.

A ser verdade, tal facto significará que os Conselhos de Gestão nomeados pelo Executivo de Mota Pinto, há pouco menos de um ano, irão ser, no todo ou em parte, eliminados pelo actual Executivo.

Este segregacionismo político a que se vem assistindo em vários sectores da actividade nacional, não pode deixar de levantar sérias reservas e apreensões.

Num Governo que se diz acima da política e devotado à defesa dos interesses nacionais, como admitir uma tal prática saneadora, cujos custos socioeconómicos serão elevadíssimos? Será que o actual Governo, na sua tão apregoada tónica de gestão de competências só descobre bons embaixadores, governadores civis, gestores públicos, etc., etc., no seio da AD e seus «acompanhantes»?

Tal filosofia faz-nos recordar uma época em que o recrutamento dos «grandes cérebros» só se verificava entre os elementos que militavam ou estavam muito próximo da famigerada União Nacional.

Mal irá pois, este País, quando a instabilidade política introduz no tecido económico, a nível do sector empresarial do Estado, uma desestabilização na área da gestão.

Importará voltar a realçar os elevados custos derivados de constantes remodelações dos órgãos administrativos das E. P., designadamente nas do sector de seguros, área de grande complexidade, onde a maioria dos bons gestores (e não são muitos) tem de ser recrutada na única «Universidade» ainda existente — as próprias companhias de seguros.

De resto, alterações nos comandos das empresas públicas, só são de admitir quando se está perante a aferição de incompetência de gestão.

Não é o caso dos seguros.

O sector segurador, apesar

das contradições do nosso processo político, tem experimentado até agora uma certa estabilidade na gestão das suas empresas.

Assim, no período pós-nacionalização, as empresas seguradoras foram geridas, e bem, pelos próprios trabalhadores do sector, através de Comissões Administrativas Provisórias (CAP), pelo período de nove meses, decorrido entre 15 de Março a 31 de Dezembro de 1975.

Seguiram-se os primeiros conselhos de Gestão, já numa perspectiva de gestão pública, cujos elementos, na sua grande maioria, eram oriundos das antigas CAP.

Estes conselhos de gestão, nomeados pelo período de três anos, exerceram regularmente a sua actividade no triénio 76/79, terminado o qual o Executivo de Mota Pinto nomeou os elementos actualmente existentes (grande parte deles foram novamente reconduzidos).

A confirmar-se a senha saneadora do actual Executivo, agora também no sector de seguros, caberá perguntar os motivos que levam a sanear quem e porquê.

Começaremos por lembrar que durante o passado mês de Janeiro a Imprensa afecta à direita retrógrada, iniciou uma campanha orquestrada numa grande demagogia, contra o sector dos seguros.

Os autores dessa campanha, a maioria dos quais pouco têm dado aos seguros, antes pelo contrário, dos seguros têm sacado fortes privilégios (que agora pretendem alargar por compadrio político), saíram à liza aparentemente preocupados com a sorte das companhias seguradoras face às fusões em curso.

Sem mais nem menos, vá de impugnar os critérios das fusões, embora estas se desenvolvam face a Planos discutidos e aprovados nas estruturas dos trabalhadores (CR's) e deferidos superiormente.

Perguntar-se-á porque só agora estes falsos defensores do sector de seguros abrem a boca,

calados que estiveram durante os longos meses em que se discutiu a reestruturação, mudos que se ficaram perante o projecto inicial do INS sobre o fusão das companhias, e «divorciados» que sempre estiveram de todo o processo de formulação dessa reestruturação, iniciado no «reinado» Nobre da Costa e prosseguido no de Mota Pinto?

Mesmo os menos atentos aos problemas dos seguros começam já a aperceber-se do que «faz correr» estes falsos defensores dos interesses nacionais.

A base do «iceberg» de que só vimos a ponta, é atingir mortalmente a nacionalização do capital privado segurador.

Perante a inconstitucional intenção do actual Governo de permitir que o sector bancário e de seguros reaberto à iniciativa do capital privado português, entenderam oportuno lançar uma campanha contra o sector nacionalizado, procurando travar todo o processo de fusões em curso e com isso arrastar a actividade seguradora para o caos e confusão.

Trata-se pois de criar condições favoráveis à reimplantação do sector privado na área dos seguros, no prosseguimento de uma política de recuperação dos monopólios.

Nada mais simples, para o efeito, do que paralisar qualquer projecto de reestruturação, sabido que o simples facto de se manter um parque industrial segurador atomizado levará à inviabilidade de muitas das suas actuais empresas e consequente perda de milhares de postos de trabalho.

A ser detido o actual processo de fusões uma causa seria certa, a muito curto prazo. Abrir-se-ia uma grave crise no sector de seguros, gerando-se com ela um clima de forte insegurança que se reflectirá nos resultados económicos e financeiros das empresas.

Criar-se-iam assim condições para acusar as nacionalizações de culpadas dessa crise.

Ocorrerá contudo perguntar:

Tudo o que se acaba de dizer não é praticável mantendo os actuais gestores?

Bom, muito embora a «selecção» feita pelo Governo de Mota Pinto dificilmente tenha deixado ficar nos conselhos de gestão qualquer elemento tido de esquerda (se existir algum estará isolado), o certo é que na sua maioria os actuais membros dos conselhos de gestão são tecnocratas competentes, e como tal gerindo para que o sector de seguros seja rentável.

De resto, os excelentes resultados alcançados pelo sector de seguros nestes últimos quatro anos são bastantes elucidativos do que se acaba de afirmar.

Ora, com gestores desse nível não é fácil inviabilizar o sector de seguros (objectivo agora pretendido).

Daí a necessidade de «mudança» de que o provável saneamento dos actuais gestores de seguros é o meio.

Não nos parece contudo, que vá ser fácil, mesmo a nível da direita, encontrar gestores que estejam dispostos a servir objectivos tão escuros.

Terminaremos por acreditar que mais uma vez os trabalhadores de seguros saberão derrotar este ataque à nacionalização do sector, apesar da direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros, liderada por Torres Couto, com o seu permanente silêncio e total demissão das responsabilidades que lhe cabem na defesa do sector nacionalizado, favorecer o ataque em curso.

J. S. Marques

Comércio com a URSS

OCDE vai analisar futuro dos acordos com Moscovo

Os países industrializados ocidentais e a União Soviética dificilmente chegarão a acordo com as propostas dos Estados Unidos para endurecer as condições de crédito para Moscovo.

As medidas, propostas pelos Estados Unidos depois do «caso» do Afeganistão, deverão ser discutidas na reunião da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), que se realiza na próxima quarta-feira.

A oposição poderá vir de países como a França ou a

Itália que têm acordos de comércio preferenciais com a União Soviética.

Também o primeiro-ministro japonês, Masayoshihira, afirmou no princípio desta semana no Parlamento do seu país que se estavam a estudar as medidas sobre a concessão de créditos à União Soviética para projectos comuns na Sibéria.

A posição do Governo nipónico é particularmente difícil devido aos acordos comerciais anteriores com a União Soviética.

Na próxima quarta-feira

Colóquio sobre investimento na indústria petroquímica

A Companhia Nacional de Petroquímica (CNP) e o Banco de Fomento Nacional organizam, na próxima quarta-feira, em Lisboa, um colóquio sobre o problema do investimento naquela indústria e a sua revitalização.

O colóquio destina-se a quadros das empresas transformadoras da zona Sul do País, do sector dos plásticos.

Gomes da Silva e Pampulim dos Santos, da CNP, farão uma análise da situação e evolução do investimento no sector e das

possibilidades do apoio à indústria transformadora a prestar pela companhia.

Os aspectos relacionados com os financiamentos, linhas de crédito, juros e bonificações serão abordados por técnicos do Banco de Fomento Nacional.

Participam também no colóquio representantes do Ministério da Indústria e Tecnologia, Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais, Fundo de Fomento de Exportação e Associação Portuguesa de Indústria de Plásticos.

Preços do petróleo
“enlouqueceram”

no mercado livre de Roterdão

Em poucas ocasiões foi tão apropriada como nestes momentos, a crença de que os preços petrolíferos «enlouqueceram» no mercado livre de Roterdão.

Uma aparente prova desta «loucura» é o facto de que os preços têm sofrido desde há algumas semanas em Roterdão uma queda que já atinge proporções de colapso, no momento em que os estados produtores agrupados na organização de países exportadores de petróleo (OPEP) voltam a incrementar o preço das suas ramas.

Há um mês, os petroleiros eram obrigados a viajar a todo o vapor com o seu precioso carregamento para o porto holandês para satisfazer a voraz procura.

Na quarta-feira, em contrapartida, nove mil toneladas de petróleo enchiam os depósitos de Roterdão.

Desde meados de Janeiro, o preço do gasóleo em Roterdão caiu de 350 para 295 dólares, por tonelada (de 17 500 para 14 750 escudos), o do óleo combustível de 179 para 125 dólares (de 8950 para 7250 escudos) e o da NAFTA- Virgem, produto utilizado na Petroquímica, de 375 para 325 (de 18 750 para 16 250 escudos).

O petróleo cru, por sua parte, caiu desde o fim de Dezembro de

38 dólares (1900 escudos) aos 32 (1600 escudos) actualmente, aproximando-se dos níveis praticados pela OPEP.

O fenómeno, no entanto é menos paradoxal do que parece, segundo alguns peritos, precisamente a liberdade de preços no seio da OPEP, derivada da impossibilidade de atingir um acordo que os unificasse, na reunião de Caracas, em Dezembro, contribuiu para forçar a diminuição no mercado livre.

A queda no mercado livre viu-se ulteriormente estimulada a semana passada ao iniciar-se no âmbito da OPEP uma noca espiral de altas que determinou um aumento médio de 8 por cento no preço do «crude».

O primeiro passo foi dado, pela Arábia Saudita, ao elevar os seus preços de 24 para 26 dólares o barril, (de 1200 para 1300 escudos) decisão imitada depois por outros países exportadores, ao mesmo tempo que a Nigéria e a Argélia elevavam os seus pre-

ços ao nível dos da Líbia que decidiu um incremento de 4.21 (dólares 210 escudos) para o seu petróleo de melhor qualidade.

Como factores da queda no mercado livre, soma-se aos reajustes da OPEP o facto de que existe, efectivamente, uma notória contracção da procura, derivada não tanto das políticas de contenção adoptadas por alguns países consumidores, mas de grandes reservas acumuladas durante o transacto período de compras frenéticas.

Passada a febre, alguns compradores independentes que apostaram na alta de 1979 no mercado livre, vêem-se agora à beira da bancarrota, com as suas contas a descoberto em bancos que, em alguns casos, adiantaram até 80 por cento das operações de compra.

Porém, muitos deles realizaram no período recentemente passado os mais fabulosos lucros na história deste mercado.

NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS



Perfilex

INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÕES METÁLICAS, LD.ª

uma nova firma na tradição das melhores

- Tectos falsos
- Divisórias amovíveis de alumínio

SEIXO

GONDOMAR

TELEF: 9 89 32 40

Aliança Atlântica,

«... Será muito difícil persuadir o mundo de que uma nação que tenha, sem aviso, utilizado uma arma nova, tão cega como os foguetões e mil vezes mais destrutiva, seja sincera quando tiver que proclamar o seu desejo de ver abolir tais armas por um tratado internacional. O seu emprego será seguido de uma perda de confiança e de uma vaga de horror e de repulsa do resto do mundo a nosso respeito... Se os Estados Unidos lançam este novo meio de destruição cega da Humanidade, sacrificando a opinião pública mundial, renunciam a todo o apoio moral do mundo inteiro, precipitam a corridas aos armamentos e destroem a possibilidade de atingir um acordo internacional futuro sobre o controlo de tais armas...»

Palavras amigas e proféticas, extraídas de um relatório (o Relatório de James Franck), dirigido por sete cientistas americanos de renome mundial, em 11 de Junho de 1945, ao presidente Harry Truman, por intermédio do secretário de Estado da Guerra, Stimson; mais tarde publicado no fascículo de Maio de 1946 do «The Bulletin of the Atomic Scientists», Chicago. As bombas foram lançadas respectivamente 55 e 59 dias depois do aviso-apelo... Bikini e as suas trágicas consequências prosseguiram na senda de Hiroshima e de Nagasaki... Os representantes dos Estados Unidos, e os «representantes» desses representantes continuam a sentar-se às mesas das negociações e a «proclamar o seu desejo de ver tais armas abolidas por acordo internacional...»

Clamor despujado, revestido na máxima dose de cinismo e falsidade, apenas comparável às juras dos mais destacados criminosos de guerra, condenados ou não em Nuremberga. Desditosa Pátria que tais «representantes» tem... no nosso mundo, na nossa era!

CONTRADIÇÕES E DESCONHECIMENTO DAS REALIDADES

Ao contrário do que afirmou, no passado dia 2, o dirigente socialista português, Mário Soares, Winston Churchill não deixou o lugar de primeiro-ministro do Império britânico depois de ter ganho a Segunda Guerra Mundial.

Precisamente por ter perdido a guerra que pretendia conduzir — guerra imperialista pela qual as forças do grande capital anglo-americano esperavam que o monstro nazi enfraquesse ou mesmo destruísse, o Socialismo, a fim de as mesmas forças poderem dominar em absoluto o mundo; precisamente porque, para alcançar tais objectivos, Churchill conduziu uma política de traição para com as forças e os princípios políticos que afirmava defender — os princípios da liberdade e da democracia; precisamente por ter traído os interesses gerais dos povos, utilizando para tal os mais abjectos métodos da mentira, do suborno, da conspiração, da calúnia e, quando necessário da força: precisamente 80 dias volvidos ao auto de capitulação das tropas nazis, 8 de Maio de 1945, o povo britânico, por sufrágio universal, disse que Churchill não lhe servia... e não dava garantias...

O dirigente socialista português, Mário Soares, não deve esquecer nem fazer por esquecer estas realidades. Para seu bem... e para seu uso próprio. Outro indivíduo, há 25 anos, apenas simples delegado do seu povo em Genebra, hoje primeiro-ministro desse mesmo povo, o glorioso povo vietnamita, Pham Van Dong; merecendo, por isto mesmo, o maior carinho, o maior respeito, o maior reconhecimento de todos os povos amantes da paz; Pham Van Dong, com humildade mas com firmeza, queixa-se das consequências das posições (políticas) assumidas por «sujeitos inferiores, ignorantes, incapazes de compreender as realidades e muito menos de lidar com elas».

O dirigente socialista português, Mário Soares, parece não compreender que os antolhos do anticomunismo e do anti-sovietismo fazem perder a capacidade, de alguém que porventura a tenha possuído, de «compreender as realidades e de (principalmente) poder lidar com elas».

Nada melhor escolhido que o «ídolo» ou paradigma invocado — a citação do exemplo é disto uma confirmação implícita — para provar que, adicionalmente ao que atrás contesto, é perigoso para os dirigentes dos grandes países, e mais particularmente para dos mais pequenos, por razões de classe e/ou de interesses próprios, não compreendendo e pretendendo lidar com as realidades, aliarem-se aberta ou secretamente aos interesses antipopulares.

Efectivamente, Sir Winston Churchill mostra uma ignorância de efeitos tremendamente trágicos na sua mensagem secreta, enviada em 27 de Fevereiro de 1943 a Franco, através do embaixador britânico em Madrid, Hower, dizendo que: «... (acabada a guerra) a Rússia será absorvida pela sua reconstrução e portanto vai depender em grande do auxílio dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. ... Depois da guerra, grandes exércitos britânicos e americanos ocuparão o Continente. Serão compostos por soldados de primeira ordem e não estarão desfalcados e esgotados, como as unidades russas. Atrevo-me a prever que os ingleses representarão a mais poderosa força militar sobre o Continente. A influência da Inglaterra sobre a Europa será deste modo tão forte como no momento da derrota de Napoleão. Toda a Europa sentirá a nossa influência, apoiada pela força, e nós tomaremos parte da sua reconstrução.»

Sir Winston mostra-se de uma inépcia trágica — provando incapacidade total em compreender a realidade — provocando a sabotagem da abertura da Segunda Frente ao longo de dois longos anos... — incapacidade total em lidar com as realidades — alimentando durante a guerra o Plano Rommel — Speidel/Eisenhower — Montgomery, para um armistício parcial na frente ocidental, que permitisse aos nazis voltarem-se exclusivamente contra a União Soviética.

E muitas coisas mais...

Os massacres dos patriotas antifascistas gregos nos últimos e primeiros trimestres de 1944 e 1945, por tropas e tanques britânicos, desembarcados e patrulhando Atenas e toda a Grécia já

completamente libertada dos nazis pelos próprios patriotas «antartes», guerrilheiros em grego) com a presença em Atenas de Churchill e seu émulo, A. Eden, no dia de Natal de 1944, tais massacres mostram uma obstinação determinada de forças que, representadas por «indivíduos inferiores, ignorantes...», não encontram outra solução que a de combater as rea-

programa de acção nuclear, que a sua «anunciação» tenha sido a notícia dada despreocupadamente por Truman a Staline, em 24 de Julho, durante a Conferência de Potsdam, de que «na véspera os USA tinham ensaiado com êxito, em Alamo Gordo, uma bomba atómica»; que o «nascimento» se processou em Hiroshima e Nagasaki, cidades sacrificadas, no dizer do

o que foi há pouco considerado como «conceito restrito da NATO», ou simplesmente NATO. Não cabe aqui fazer uma história deste pacto; apenas lembrar que foi assinado a 4 de Abril de 1949, e que posteriormente foram criados mais blocos:

O ANZUS (1951), para a defesa do Pacífico.

O OTASE (1954), para a defesa da Oceania, Pacífico e Sueste Asiático.

O CENTO (1959), para a defesa do Próximo e Médio Orientes.

O ASPAC (1966), para a defesa do... que já se encontrava defendido... pelos OTASE e ANZUS.

Deve acrescentar-se que os dois últimos blocos extinguíram-se... por falta de quorum... Apenas restaram fiéis os Estados Unidos da América do Norte! É de Maio de 1955, depois de na sua 13.ª sessão o Conselho da NATO ter resolvido equipar as forças militares com armas nucleares e mísseis, que os países socialistas decidiram assinar entre si o Acordo de Varsóvia.

UM PROBLEMA DE OPÇÃO

O povo português, os homens e as mulheres simples do nosso país, compreenderão que o saber se a NATO «é um pacto agressivo ou defensivo» representa uma questão de opção entre o imperialismo e o socialismo! A NATO é um pacto defensivo do imperialismo — também chamado civilização Ocidental —, cujos instrumentos de defesa são todas as formas de agressão... ao socialismo: corrupção, conspiração, mentira e as mais sofisticadas formas de destruição física de seres humanos, colectiva ou individualmente, armas atómicas, biológicas, químicas, seus veículos de transporte e seus programas de utilização.

O Pacto de Varsóvia é um pacto defensivo do Socialismo — também chamado regime de Cooperação dos Povos —, cujo instrumento de defesa é, fundamentalmente, a coexistência pacífica, arma mortal do imperialismo! Haverá porventura quem queira — olhando-se de



Frontispício de um número do «Boletim dos Cientistas Atômicos», prestigiosa publicação fundada por Einstein, onde foi publicado o apelo-aviso contra o uso da bomba atómica. Aviso que Truman não quis ouvir

lidades, apoiando-se no próprio crime.

OS DOIS CONCEITOS

À semelhança do que se passa com a «noção de defesa» concebida por certos dirigentes militares portugueses, seria esultante ingenuidade não encontrar também dois conceitos de NATO — o conceito global e o conceito restrito. Neste sentido, seria também difícil objectar que o «conceito global da NATO» tenha sido «concebido» durante o acordo ultra-secreto firmado por Roosevelt e Churchill em Outubro de 1941, de que saiu o

prémio Nobel da física britânico, prof. Blackett, no «primeiro acto da guerra fria diplomática contra a Rússia».

No seu discurso de Fulton, na presença de Truman, em 5 de Março de 1946, arranca definitivamente a máscara que o asfixiava desde o começo da coligação antinazi: faz um apelo mundial a «uma demonstração de força contra os... russos» e outro «aos anglo-saxónicos a unirem-se contra o socialismo...». É nesta «declaração de guerra política à União Soviética» que a Civilização Ocidental anuncia a entrada, para breve na alta roda da sociedade do imperialismo, da Aliança Atlântica: «se a Rússia não se conduz como deve (submissão aos altos valores) ela será destruída» (Byrnes, 1945, e outros...).

Entretanto, a política do dólar tinha sido retomada e definida no Verão de 1944, em Bretton Woods, na Conferência convocada pelos Estados Unidos com mais de 43 países, através da criação conjunta do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. Em 25 de Abril de 1947 cria-se a CIA, com a colaboração do chefe máximo da espionagem nazi, Reinhard Gehlen, acolhido nos últimos dias da guerra, pelo general de brigada americano, Donovan, numa zona americana interdita à população, perto de Francoforte (Maine). Quarenta dias volvidos, em 5 de Junho de 1947, o célebre general Marshall oferece «aos países destruídos pela guerra» um número de dólares equivalente ao valor dos gastos americanos em álcool no ano anterior: é o célebre Plano Marshall. Os governos francês e britânico esforçam-se, sem resultado, por convencer os soviéticos a aceitá-lo.

O SEGUNDO CONCEITO

Aquilo a que vulgarmente se dá o nome de Aliança Atlântica é

ESTA NOITE NA RTP-1

ZELLA LOPES

O TRIUNFO DA PERSONALIDADE
A GRANDE SURPRESA DO FESTIVAL



«NADA A PERDER»

...UMA CANÇÃO PARA GANHAR!

estude!

GANHE MAIS DINHEIRO!

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA Desde 1947

Recorte o cupão e envie-o HOJE MESMO (indique um só curso)

☐ COSTURA
☐ FOTOGRAFIA
☐ RELAÇÕES PÚBLICAS
☐ VENDAS / MARKETING
☐ CULTURA GERAL

☐ RADIO, ELECTRÓNICA, TV
☐ DESENHO E PINTURA
☐ ELECTRICIDADE
☐ INGLÊS
☐ SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒

GRÁTIS

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

CEC Alvaro Torrão * Rádio Escola

R. FERNÃO LOPES, 8 - 1096 LISBOA CODEX - TELEF. 54 31 36



, aliança defensiva?



A recompensa... (Truman condecora Vannevar Bush e James B. Conant, cientistas ligados às bombas atómicas lançadas sobre o Japão)

frente, olhos nos olhos — contestar estas verdades? Quem se atreve a negá-las, invocando simultaneamente a memória do preço da vitória sobre as forças da agressão: 50 milhões de mortos, 35 milhões estropeados e 20 milhões de órfãos?

Só na União Soviética 20 milhões de mortos, 1710 cidades arrasadas, 70 000 povoações incendiadas... e nove e meio anos de atraso na construção do socialismo. Os Estados Unidos, com 405 000 mortos, mas zero destruições e uma economia e indústria quase duplicadas (aumentadas 1,85 vezes).

Perigos para o povo português

Há poucas semanas, o almirante Souto Cruz, ex-vice-CEMGFA, afirmou «ser essencial que a Nação adquira a consciência de que a defesa dos

grandes objectivos nacionais, em tempo de paz ou de guerra, não constitui tarefa que as Forças Armadas possam executar sozinhas», e o vice-almirante Leonel Cardoso, director do Instituto de Defesa Nacional, completou dizendo «existem dois conceitos de defesa, o conceito global, ...e o conceito alargado... que consideram a defesa como um complexo de problemas vários, como sejam o económico, o diplomático, o social, o financeiro e o militar. Mas seja qual for o conceito... a defesa será sempre responsabilidade dos políticos e dos militares e **problema de todo um povo...** (o sublinhado é nosso).

Tudo isto é constitucional, concordante particularmente com os artigos 273.º a 276.º da Constituição da República Portuguesa.

Mas face à afirmação de responsáveis que dizem que, enquanto existirem blocos, a nossa posição e o nosso interesse se definem pela inserção de Portugal na NATO, contrapomos a seguinte pergunta:

— Pretende na realidade o povo português a sua inserção na NATO?

Como tem sido esclarecido o povo português sobre a Constituição, os objectivos dos pactos militares existentes, NATO, ANZUS, OTASE, CENTO? Sobre o Tratado de Varsóvia? E sobre o Movimento dos Não-Alinhados?

Como interpreta e aceita o povo português a cedência de bases militares nos Açores, em Esmoriz, em Beja, na Fonte da Telha, e a sua utilização para acções de agressão de Israel contra a Palestina (1973), com o apoio da frota aérea dos Estados Unidos (e consequentemente com o apoio estratégico de Portugal)? Se a defesa de um complexo de problemas vários, como sejam o económico, o diplomático..., como encara e aceita o povo português as consequências (particularmente as económicas) da participação do seu país nessas acções de agressão contra os países árabes?

Bastante mais grave, a verificar-se verdadeira a informação,

seria a situação que adviria da eventualidade de um bombardeamento nuclear à zona portuguesa centrada em Lisboa. Ainda não foi publicamente esclarecida a existência ou não de um «bunker», construído na Fonte da Telha no tempo do fascismo salazarista, para protecção dos altos comandos militares da NATO existentes em Lisboa. No caso de uma destruição nuclear de toda a zona central do país, os altos comandos teriam a sobrevivência assegurada durante uma ou duas semanas, o tempo necessário até poderem ser evacuados com a conveniente protecção às radiações, são e salvos! Entretanto o povo português teria desaparecido. Muito pior que em Hiroshima!

A montagem do muito complexo e sofisticado equipamento de segurança contra os bombardeamentos e a poluição radiactiva teria estado a cargo do «ramo português» de uma multinacional — a Bell's & C. Lda. Av. Fr. Miguel Contreiras, 54-9.º, Lisboa.

Terá o povo português medido o alcance do perigo que decorreria da existência, a poucos quilómetros da sua capital, de um foco militar-nuclear de tal categoria e importância mundial, inserido no complexo militar da NATO? Como encara o povo português o não cumprimento do disposto no artigo 7.º da Constituição da República, com a agressão ideológica, permanente, 24h/24h durante mais de um quarto de século, emanada do posto emissor da Glória do Ribatejo, dirigida a povos com os quais temos relações diplomáticas, comerciais, culturais e de amizade apenas «porque esses povos cometeram o crime imperdoável de suprimir nos seus países a exploração do homem pelo homem»?

Sendo esta, aliás, uma das tarefas fundamentais do Estado português, como reza a alínea c) do artigo 9.º da Constituição da República.

Por respeito das características pacíficas, de trabalho, de luta pela liberdade e pela dignificação, sua e dos outros povos; por respeito pela tradição gloriosa das lutas desenvolvidas ao longo de uma história de oito séculos, o povo português tem direito a que sejam rigorosamente cumpridos os preceitos contidos no artigo 7.º da Constituição da República, direito aliás conquistado numa luta pertinaz de meio século contra o fascismo e o imperialismo internacionais.

J. Gaspar Teixeira

Novos ventos da História

Americanos embelezam as chinesas

Baton «Vermelho Sereia» e sombra para os olhos «Azul Errante» são vivamente aconselhados aos estrangeiros em Pequim onde Max Factor se tornou a primeira firma americana a experimentar o mercado de maquilhagem.

«O buda de seda cor-de-mel» — como Max Factor se tornou conhecido na China — vende actualmente para os turistas, estrangeiros ou chineses hábeis, em balcões instalados no Hotel Pequim e na «Loja da Amizade», em Pequim.

A companhia que vendeu Pancake (base), na China, há cerca de trinta anos não está ainda autorizada a instalar-se em lojas oficiais, mas espera consegui-lo brevemente.

Um cada vez maior número de jovens chinesas afliu a comprar cremes, perfumes e batons de origem nacional.

«Oitenta e três por cento de luminosidade e 100 por cento de lábios maravilhosos» diz o slogan publicitário do baton «Super-Brilhante», um dos duzentos produtos de beleza exportados pelos americanos.

No entanto, o contraste é patente entre as raparigas maquilhadas dos anúncios e as vendedoras de cara lavada e uniforme castanho das lojas.

Apenas a clientela com moeda estrangeira é autorizada a adquirir produto Max Factor. Os batons custam três dólares e os perfumes podem atingir os 87 dólares.

Na «Loja da Amizade», misturados com papagaios tradicionais e baratos, as mulheres estrangeiras deleitam-se com produtos que não podem encontrar em qualquer outro local da China. Batons, verniz para unhas e loções para proteger a pele do duro e seco inverno chinês. Os negócios vão muito bem, refere Ernest Wright, representante da Max Factor em Pequim. Wright acrescenta que é ainda muito cedo para saber o volume de vendas, lucros e número de clientes.

O acordo que permitiu àquele fabricante de cosméticos instalar-se na China e ser o único estrangeiro a fazê-lo demorou um acto de delicadas e cautelosas negociações. No entanto, as chinesas acostumadas a considerar a maquilhagem um vício «burguês e decadente» durante a revolução cultural, lutam com algumas dificuldades para utilizar produtos de beleza. A casa Max Factor está disposta a dar uma ajuda na luta contra os preconceitos.

As mulheres chinesas não estão ainda habituadas aos cosméticos americanos — refere a senhora Lai, uma experiente vendedora da «Loja da Amizade». «É, também, uma questão de cores» — explica. «Gostamos de tonalidades mais suaves» — refere uma outra vendedora.

No Hotel Pequim, Mary Sanchez, esteticista de Los Angeles ajuda as vendedoras a saber «tudo» sobre a utilização dos produtos.

Ela própria adoptou uma «bela» linguagem proletária para convencer as alunas de que não existe nada de errado no facto de ajudar um pouco a natureza.

«Quando elas se maquilham sentem-se mais belas e em melhor forma, por isso trabalham melhor e produzem mais».

Referindo-se ao primeiro grupo de raparigas a quem deu aulas, a senhora Sanchez afirmou que elas «estavam tão excitadas que desataram a encher-se de pintura».

Escolheram o cor-de-rosa, «pêssego» e tons de café que são mais naturais, mas antes de voltarem para casa tiraram toda a maquilhagem.

Um jovem chinês que manuseava displicentemente, mas encantado, um baton, disse: «gostava de comprar um para a minha namorada, talvez rosa-suave, mas como não tenho moeda forte, não tenho qualquer possibilidade». Deu uma justificação diferente para a preferência das chinesas pelo cor-de-rosa: «Dantes os batons eram vermelho-vivo, mas durante a revolução cultural tudo o que ouviamos ou víamos era vermelho, vermelho, vermelho». «Agora estamos fartos de vermelho, queremos cor-de-rosa». Acrescentou.

AMOR E VASSOURADAS

Vários adjuntos dos chefes de Estado-Maior do Exército Chinês varreram as ruas e os parques de Pequim, para assinalarem o princípio duma semana de «Amor» entre o Exército e o Povo, organizada na capital chinesa, segundo indicou o «Diário de Pequim».

Além de três adjuntos dos chefes de Estado-Maior, um assistente do chefe de Estado-Maior, o director do Departamento Geral de Logística e vários vice-directores do Departamento de Política Geral, também participaram naquelas actividades, que também incluíram o descarregamento de carruagens de comboios e trabalhos de vendedores em certas lojas de Pequim.

PUBLICIDADE

A publicidade vai aparecer na rádio e na televisão chinesas.

A rádio central chinesa anunciou a difusão, em breve, nas suas ondas, de «Noites Culturo-Publicitárias», alternando seqüências musicais com «spots» publicitários.

As empresas que desejam fazer passar anúncios são convidadas a contactar pelo correio ou por telefone um serviço da rádio central, especialmente encarregado da publicidade. Este serviço começou a funcionar a 1 de Janeiro último, precisou o apresentador da rádio.

As duas cadeias da televisão central difundiram também já por várias vezes o mesmo apelo, visando as empresas chinesas ou estrangeiras.



Uma entrevista com o presidente da República do Irão, Bani Sadr

Bani Sadr deu no dia 27 de Janeiro a sua primeira conferência de imprensa de centenas de jornalistas estrangeiros e anônimos. Na entrevista que concedeu ao enviado especial do Monde, o presidente da República do Irão fala da política interna e externa do seu país.

Senhor presidente, uma arte da imprensa americana certos meios oficiais de Washington mostram-se satisfeitos com as denúncias que fez da invasão soviética do Afeganistão, e pensam que a sua subida ao poder poderá iniciar uma nova fase nas relações entre o Irão e os Estados Unidos. O que pensa disto?

«Não fiz essas declarações para agradar aos americanos. Limitei-me a exprimir bem alto a indignação e a inquietação que

que pude verificar durante a campanha eleitoral. Tanques russos esmagam os nossos vizinhos, os nossos irmãos. Não podemos ficar silenciosos.

O imã Khomeiny, no entanto, absteve-se de dar opiniões acerca desse caso, e, entretanto, os «estudantes islâmicos», que ocupavam a Embaixada americana, chamaram a população a não se distrair da sua luta contra o «inimigo principal», o imperialismo americano...

— A mim parecia-me que o imã Khomeiny tinha condenado a si mesmo os meus compatriotas, o

agressão russa. Seja como for, acho que os dois combates contra os imperialismos americano e soviético, são inseparáveis. Não vamos libertar-nos da hegemonia de uma das duas superpotências, para tombar sob a férula da outra. Os russos estão à nossa porta. Se conseguirmos atingir os mares quentes — o golfo Pérsico — podem controlar não só o Irão como todo o Próximo Oriente e o subcontinente indiano. Por isso acho que é nosso dever dar, logo que possível, um auxílio multiforme — financeiro, militar, alimentar e diplomático — ao povo afegão.

Por que não deu já o Irão esse auxílio?

— Porque a multiplicidade dos centros de decisão e as divergências que opõem os membros do Conselho da Revolução (que será dissolvido após a formação do governo) nos paralisaram nesse domínio.

Nesse caso aprova, sem dúvida, a decisão americana de ajudar o Paquistão a defender a integridade do seu território?

— Não, de maneira nenhuma, porque nenhum auxílio militar bastará para resistir ao exército russo. É preciso armar o povo o único capaz de defender o seu solo. Se os afegãos tivessem sido armados, os comunistas não teriam tomado o poder em Kabul em Abril de 78 e a fortiori, os russos não teriam ousado invadir o país no mês passado.

O que pensa da decisão do presidente Carter de defender, se necessário pela força, o golfo Pérsico, contra o expansionismo soviético?

— Carter não defende os povos do golfo mas o petróleo que os americanos querem continuar a pilhar. É isso que Carter designa os «interesses vitais» dos Estados Unidos.

AJUDA AMERICANA É INACEITÁVEL

Os Estados do golfo, principalmente a Arábia Saudita preocupam-se tanto como o senhor com a política soviética nessa parte do mundo. Encara a hipótese de concluir com os seus vizinhos um pacto de defesa comum?

— Não, porque esses governos não são representativos e receiam demasiado os respectivos povos para os armar. Ora eu, repito, só creio na eficácia da resistência popular. Os iranianos estão armados e assim continuarão. Em caso de necessidade saberão defender-se.

Alguns oficiais americanos declararam a semana passada que Washington está disposto a se os reféns de Teerão forem libertados — a dar auxílio económico e militar ao Irão a fim de salvaguardar a sua independência e a sua segurança. O que pensa dessa oferta?

Que é inaceitável. Um país dependente é particularmente vulnerável perante a potência dominante. Ora a nossa economia, o nosso exército, continuam grandemente dependentes dos Estados Unidos, do Ocidente de um modo geral. Claro que queremos resistir ao expansionismo russo, mas não vamos por isso dar aos americanos um pretexto para pôr outra vez o pé no nosso país. Washington pode ajudar-nos a enfrentar o nosso vizinho do Norte, abstendo-se de se ingerir nos nossos assuntos, de intrigar e conspirar contra a nossa revolução.

Val contribuir para a normalização das relações entre

Teerão e Washington, fazendo com que os reféns sejam libertados?

— O governo americano deveria publicar primeiro uma declaração, reconhecendo os crimes que cometeu no Irão por intermédio do regime imperial, assim como o nosso direito de exigir o julgamento do xá e dos seus acólitos. Deveria também comprometer-se a respeitar, de futuro, a independência e a soberania do Irão.

A expulsão dos jornalistas americanos do Irão foi interpretada como uma medida destinada a reduzir a publicidade feita ao caso dos reféns e portanto a acalmar a opinião pública americana. Confirma essa apreciação?

— Penso que as intenções das autoridades iranianas eram menos puras. Alguns talvez esperassem falsificar as eleições a fim de me cortar o caminho para a presidência. Procuraram pois afastar testemunhas demasiado incómodas. De qualquer maneira, sou por princípio hostil a toda e qualquer limitação da liberdade de expressão. Fui eu

de restabelecer a liberdade no seio desse organismo», declara ele. «Mas encaro a possibilidade de convidar o povo a marchar sobre a rádio - televisão a fim de se libertar daqueles que a controlam» (um colectivo nomeado pelo Conselho da Revolução e presidido pelo representante pessoal do imã Khomeiny, o ayatollah Seyed Ali Khomeini).

Bani Sadr acha que o partido republicano islâmico, cuja influência é predominante no seio da rádio-televisão e do Conselho da Revolução «morreu no dia das eleições». Essa formação apoiou a candidatura de Hassan Habibi, que ficou em terceiro lugar com menos 10% de votos. Bani Sadr prossegue: «O ayatollah Madani, na cidade de Tabriz, o ayatollah Saduri, em Yazd, incitaram a população a votar em Habibi. Ora mais de 70% dos eleitores destas duas cidades deram-me o seu voto».

Sugere que a derrota de Habibi tenha sido a derrota do clero?

Sim, de uma boa parte do alto clero. Em contrapartida, o baixo clero, os jovens mollahs, apoiaram-me. Mas o essencial não é isso: o povo votou segundo a sua consciência e não de acordo com as directivas deste ou daquele ayatollah. Como nos últimos meses da monarquia, o povo exprimiu-se de uma maneira independente, enquanto que o clero se dividia em duas tendências, uma delas apoiando a revolução e a outra opondo-se-lhe.

Por outras palavras, não foi o clero que o fez rei...

— Quem me designou foi o povo, mas aprecio, em todo o caso, o apoio que os mollahs progressistas me deram.

Que lugar reserva para o clero nas novas instituições? Val situar-se dentro ou fora do aparelho de Estado?

Nem dentro nem fora mas acima do Estado (forte gargalhada). Instaurámos o sistema do «Velayat Faguih» (tutela do imã Khomeiny) precisamente para regulamentar as relações entre o clero e o Estado. Será unicamente por intermédio do Faguih que os religiosos poderão exprimir-se ou agir. Um mollah poderá, no entanto, ser nomeado funcionário ou ministro devido às suas qualidades pessoais. Os Richelieu e os Mazarin não estão ausentes da nossa sociedade. Em todo o caso Irão será dotado de um aparelho estatal moderno cujos animadores serão escolhidos segundo um critério de competência.

Que acontecerá aos estudantes islâmicos que seguem a linha do imã depois de terem libertado os reféns americanos?

— Continuarão a seguir a linha do imã. Nas respectivas universidades (sorriso de entendimento). Por outras palavras, o novo presidente não toleraria outros centros de decisão para além do Estado.

Por outro lado, segundo Bani Sadr, os comités islâmicos serão dissolvidos logo que se terminar a depuração e a reorganização das parafiteiras e da polícia, herdados do regime imperial. Os «guardiões da revolução» (as milícias islâmicas) serão suprimidos logo que se reorganizem as forças militares que serão transformadas num verdadeiro exército popular com oficiais da tempera do general Giap». A antiga polícia política, SAVAK, será substituída por «um serviço de informação que terá a única tarefa de obter informações e de as analisar e não de perseguir e oprimir os cidadãos».

Em suma, o novo presidente tenciona dar à República islâmica um conteúdo e um rosto definitivos.

APPLE® chegou...

The Apple II Computer System:



Your Best Investment In A Personal Computer

APPLE® ... O COMPUTADOR QUE V. JÁ PODE ADQUIRIR COM TODA A CONFIANÇA

Documentação original cuidada e completa, com programas para inúmeras aplicações

Assistência assegurada no País, segundo as recomendações do fabricante

Para entrega imediata nos representantes exclusivos de APPLE COMPUTER, INC. em Portugal

SORUBAL, S.A.R.L.

MICROCOMPUTADORES — RADIO-TELEFONES DE HF, VHF e UHF

Rua General Pimenta de Castro, 15-8.º. (à Av. Frei Miguel Contreiras, 1700 LISBOA — próximo do cinema VOX)
Telefs. 89 65 55/76 65 48 — NOVO telex: 12775 SORBAL



E expulsaria então os diplomatas americanos?

— O problema dos reféns poderia ser facilmente resolvido...

Nas últimas semanas declarou várias vezes que considerava o caso dos reféns como imoral do ponto de vista do Islão. Mas hoje põe condições para a libertação dos cativos. Não serão contraditórias estas tomadas de posição?

— Sempre exige do governo americano uma declaração admitindo os erros cometidos contra nós, mas é certo que não a ligava à libertação dos reféns. Depois, a opinião pública iraniana julgou o caso de outro modo e é-nos impossível dissociar os dois casos.

O Conselho da revolução de que faz parte, não tinha combinado outra fórmula com Kurt Waldheim: a constituição de uma comissão de inquérito internacional em troca dos diplomatas americanos?

— Não me lembro de um tal compromisso. Talvez ele tenha sido encarado nas conversas entre o secretário-geral da ONU e o ministro dos negócios estrangeiros do governo cessante, Ghotbzadeh. Pessoalmente não aprecio tais mercados baseados na chantagem. No entanto, não posso dizer nada de definitivo a tal respeito, antes de consultar o imã Khomeiny. Ora este não está em estado de se ocupar do caso.

que abri de par em par as portas do Irão aos jornalistas, e conto voltar a abri-las em breve aos representantes de imprensa americana. Claro que muitos deles escreveram coisas abomináveis ou idiotas sobre nós, mas outros fizeram honestamente o seu trabalho. Acho, no entanto, que, no conjunto, a experiência foi positiva para nós assim como para a opinião pública mundial, que compreende melhor o que se passa no Irão».

Bani Sadr também quereria desencorajar «A autocensura que actualmente existe em parte da imprensa iraniana». «Alguns jornalistas, diz ele, consideram-se tutores do povo e não publicam informações que consideram prejudiciais ao interesse público. Quanto a mim, acho que o povo iraniano é maior e tem o direito de ser plenamente informado».

«O P.R.I. MORREU

O novo presidente da República ainda é mais severo com a rádio-televisão de Estado onde há, diz ele, «uma censura escandalosa», particularmente dirigida contra ele. Parece-lhe indispensável e urgente uma depuração, tendo em vista as próximas eleições legislativas. «Ainda não tenho o poder legal

ASIA

Crise do Afeganistão

Países euro-ocidentais recusam embarcar nas sanções contra a URSS

Os países desenvolvidos, da Europa Ocidental, mostram-se contrários a sanções económicas contra a União Soviética, pelo envio de tropas para o Afeganistão, apesar de haverem endurecido esta semana as posições publicadas.

Fontes norte-americanas de Paris, citadas pelo diário «The International Herald Tribune», constatarem esta posição como nota final à esteira de comentários da declaração conjunta franco-alemã sobre a questão.

«Os soviéticos pensam, e com razão, que podem obter o que quiserem de qualquer outro país que não seja os Estados Unidos, sobretudo na Europa Ocidental e Japão», comentou amargamente um diplomata norte-americano.

A imprensa europeia apresenta o presidente francês, Giscard d'Estaing, como um político de «duas caras», que pede com firmeza a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão no comunicado conjunto com a Alemanha Ocidental e pouco depois declara oposição às citadas sanções económicas.

Este chefe de Estado explicou aos jornalistas franceses que se opõe às sanções económicas para reduzir as tensões internacionais e para não endurecer ainda mais a posição soviética.

A empresa francesa «Pechiney» mostrou-se interessada num contrato de cem milhões de dólares para ajuda da obtenção de alumínio na Sibéria logo após a companhia norte-americana «Alcor» — «Aluminium Company of America» — ter rompido as negociações com os soviéticos na sequência da aplicação das resoluções políticas.

Os governos dos países do Mercado Comum Europeu, incluindo o francês, respeitaram o embargo decretado pelos Estados Unidos sobre fornecimentos à URSS apenas nos casos em

que já tenham sido assinados contratos.

A reacção oficial soviética à declaração comum franco-alemã mostra grande tacto ao sublinhar que, embora Paris e Bona se expressem agora num tom mais forte, têm o cuidado de preservar o diálogo com a URSS.

O Ministério francês dos Negócios Estrangeiros não considera por agora oficial a sugestão de uma reunião, em Washington ou Londres dos sete países ocidentais mais importantes, para tratar do caso afegão.

Um porta-voz do «Quai d'Orsay» declarou à agência EFE não poder a França tomar de momento posição alguma acerca desta possível reunião.

A França e a Alemanha Ocidental expressaram publicamente o seu desacordo de princípio ao boicote das Olimpíadas de Moscovo, mas o diário «The International Herald Tribune» crê saber que estão a modificar a posição.

Segundo este órgão de Informação norte-americano de Paris, os ministros dos assuntos exteriores do Mercado Comum Europeu inclinam-se actualmente para um apoio a este boicote.

O Partido Comunista Francês é a única organização política que condenou a declaração franco-alemã, a qual reclamou terça-feira a retirada «sem demora» das tropas soviéticas do Afeganistão.

Este partido denuncia o alinhamento da França com a Alemanha Federal e os Estados Unidos e a sua integração no imperialismo norte-americano.

Na primeira declaração de um país socialista sobre a crise, Edward Gierek, primeiro secretário do Partido Comunista Polaco, afirmou quinta-feira ao diário comunista francês o seu apego à paz e ao desanuviamento mundiais.

«Não há alternativa para o de-

sanuviamento», disse Gierek, mas não mencionou nas longas declarações a «L'Humanité» a acção soviética no Afeganistão.

REUNIAO

Os principais países ocidentais vão reunir-se este mês para coordenar a política perante a acção soviética no Afeganistão, noticiou quinta-feira em Bona a agência EFE.

Citando fontes oficiais a agência indica que reunião a nível de ministros de Negócios Estrangeiros poderá ocorrer em 20 de Fevereiro, mas que a Alemanha Federal não está interessada que a conferência se realize em Bona.

Esta confirmação do encontro surgiu algumas horas depois de o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Bona ter qualificado como falsa uma notícia neste sentido publicada na quinta-feira pelo diário norte-americano «New York Times».

IRAQUE ACUSA

O ministro iraquiano dos Negócios Estrangeiros acusou os Estados Unidos de utilizarem a crise do Afeganistão como pretexto para incrementarem o seu poderio naval no mar Árabe e no oceano Índico.

Numa conferência de imprensa em Nova Deli, Hamid Alwan considerou haver «muitas indicações de que os EUA tentam usar este acontecimento como um pretexto para aumentarem a sua presença naval no oceano Índico, Golfo Pérsico e no mar Árabe, agravando consequentemente a tensão nesta região».

Alwan disse que, embora o Iraque condene a acção militar soviética, «não devemos concentrar a nossa atenção apenas nela e esquecer a reacção da parte dos Estados Unidos».

PLANO ADIADO

O governo Carter decidiu

adiar a concessão da ajuda militar ao Paquistão, há apenas algumas semanas considerada urgente devido à intervenção soviética no Afeganistão.

Fontes do Congresso norte-americano disseram quinta-feira que a Administração não apresentará antes do Verão o plano de venda de armas, no valor de 400 milhões de dólares (20 mil milhões de escudos) ao Paquistão.

A retenção do plano de rearmamento do Paquistão parece ter origem na visita do conselheiro presidencial Brzezinski e do subsecretário de Estado Warren Christopher, a Islamabad, não tendo os norte-americanos chegado a qualquer acordo com o general Zia.

Os dois enviados de Carter não terão sequer encontrado grande apoio na região para uma contribuição no rearmamento do Paquistão.

China

Profunda remodelação nos altos comandos

A China promoveu uma profunda remodelação nos altos comandos militares regionais, aparentemente destinada a travar a crescente influência dos generais nas forças armadas, segundo notícia da UPI.

As emissoras de rádio e os jornais chineses indicavam que, em pelo menos seis das onze regiões militares do país, se registaram alterações de comando, nomeadamente em Pequim e Urumqi, que faz fronteira com o Paquistão, Afeganistão e União Soviética.

Fontes chinesas referiram que poderá ter havido uma sétima mudança, com o afastamento de Li Desheng da região militar de Sheng Yang, de há muito considerada um bastião de apoio ao denominado «Bando dos Quatro».

A remodelação surge na sequência do discurso proferido pelo vice-primeiro-ministro Deng Xiaoping, perante dez mil quadros e oficiais, em Pequim, no dia 16 de Janeiro.

Fontes do Partido Comunista assinalaram que, entre outras questões, Deng exigiu uma «constante obediência», a todos os níveis, às decisões do Comité Central.

Entre os objectivos visados, as alterações pretendiam li-

mitar o crescente poder de alguns generais que ocuparam posições de comando por períodos de tempo considerados longos.

Com o afastamento de Li Desheng e Chen Xiliang, antigos comandantes das regiões de Shengyang e Pequim, respectivamente, a liderança chinesa «eliminou» efectivamente os apoiantes do «Grupo dos Quatro» que ainda se encontravam em postos de comando militar, assinala ainda a United Press.

● FILIPINAS — Dois vulcões das Filipinas, o Babuyan e o Bulsan (respectivamente a 520 km a nordeste e 384 km a sudeste da capital) entraram em erupção, projectando lama quente e nuvens de cinzas a uma altura de seis quilómetros.

O sismógrafo instalado perto de Bulsan registou 28 tremores de terra vulcânicos e dois tectónicos.

Embora não haja nenhuma vítima a lamentar, as autoridades ordenaram a evacuação dos habitantes da zona próxima do Babuyan, nas ilhas Calayan. As colheitas de Paddy e as estradas foram atingidas.

A COMVOL precisa que a erupção do Bulsan foi a mais grave desde a de 29 de Julho de 1978 que soterrou três aldeias.

Giap deixou Governo do Vietnam

O general Nguyen Giap, o herói militar de Hanói, que foi o estratega da derrota da França na Indochina e que, 20 anos depois, obrigou a máquina de guerra dos Estados Unidos a retirar do país, foi substituído numa grande remodelação nas cúpulas da República Socialista do Vietnam.

O general, de 67 anos, que derrotou as forças francesas, superiores em número, na batalha de Dien Bien Phu, em 1954, que conduziu a retirada da França da Indochina como potência colonial, foi substituído no cargo de ministro da Defesa pelo

general Van Tien Dung, comandante-chefe do exército.

Foi o general Dung, de 62 anos, que levou as forças norte-vietnamitas à vitória na ofensiva de 1975 contra o governo sul-vietnamita de Saigão, apoiado pelos Estados Unidos, reunindo os dois vietnams num só, pela primeira vez, desde a partilha de 1954.

A agência noticiosa vietnamita, revelando a remodelação, informou que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Nguyen Duy Trinh, de 79 anos, que se encontra doente, fora substituído por Nguyen Thach.

Tanto o general Giap como Trinh continuam no governo como vice-primeiros ministros.

Duas das mudanças incidem sobre as esferas nacionais importantes da Economia e do Interior. Numa medida que se segue a críticas por causa da política económica da RSV, o presidente da comissão de planeamento do Estado, Le Thanh Nghi, foi exonerado do seu cargo.

O seu adjunto, Nguyen Huu, Mai, foi também exonerado na remodelação anunciada pelo presidente Ton Duc Thang.

Confirmado oficialmente

Suspensas sanções contra o Irão

Os Estados Unidos arquivaram por tempo ilimitado planos para novas sanções económicas contra o Irão e renovaram uma oferta indirecta de cooperação de Washington para resistência a «avanços soviéticos» na área.

Ao oferecer o ramo de oliveira ao governo do presidente Abolhassan Bani-Sadr, o Departamento de Estado tornou ontem oficial o que altos funcionários diziam privadamente, há dias — mais sanções contra o Irão foram arquivadas na esperança de se apressar uma solução diplomática da crise dos reféns.

Entretanto, o presidente Carter renovou a sua oferta indirecta de auxílio norte-americano ao Irão, logo que os 50 reféns sejam libertados.

Recebendo em audiência um grupo local de professores de universidades islâmicas, o presidente disse estar disposto a reforçar os elos, há muito existentes, com muitas nações muçulmanas.

ESTUDANTES DERROTADOS

Os estudantes que ocupam a embaixada dos Estados Unidos,

em Teerão, tiveram ontem, à noite, uma reunião importante com o seu chefe espiritual, após serem criticados vigorosamente pelo presidente Abolhassan, Bani Sadr.

Um porta-voz dos estudantes declarou à Reuter que discutiram o seu papel na política interna iraniana com Hojatolislam Seyed Mohammad Mousavi Kho'ini e chegaram a conclusões que poderiam ser anunciadas numa data posterior.

Contudo, o porta-voz salientou que não havia mudança na atitude dos estudantes em relação ao 49 reféns norte-americanos, a quem se recusam a libertar até o xá deposto voltar ao Irão com a sua fortuna.

«Acerca dos reféns, a nossa posição não mudou e nunca mudará», observou.

Os estudantes foram atacados ontem, pelo segundo dia consecutivo, pelo novo presidente do Irão, após revelarem pela rádio documentos apreendidos na Embaixada dos Estados Unidos acerca do ministro da Informação, Nasser Minachi, o que levou à sua prisão.

Noutra indicação da reacção contra as revelações feitas pelos estudantes, o vespertino «Ete-

la'at» publicou ontem uma carta do antigo vice-primeiro-ministro Abbas Amir Entezan, preso, há 40 dias, após os estudantes o acusarem de transmitir informações à CIA.

Entezan, que foi defendido calorosamente por Bazargan, dizia na carta estar inocente das acusações. Acrescentava que sofrera um ataque cardíaco e doenças estomacais, desde que fora preso.

O acusador revolucionário revelou que Entezan seria julgado logo que o «ayatollah» Khomeiny se restabelecesse completamente da doença cardíaca que teve.

Bani-Sadr, que alegou que as acções dos estudantes eram irresponsáveis, egoístas e contrárias ao islamismo, obteve ontem, à noite, maiores poderes quando o «ayatollah» Ruhollah Khomeiny, o nomeado presidente do Conselho Revolucionário.

O antigo primeiro-ministro Mehdi Bazargan voltou a aparecer ontem, à noite, perante as câmaras de Televisão, o que aconteceu, pela primeira vez, em meses, para criticar os estudantes e defender Minachi e outros colegas do movimento de libertade do Irão, que tem sido o alvo principal dos estudantes à escala nacional.

MÉDIO ORIENTE

Exército israelita de prevenção

Israel advertiu hoje a Síria de que colocou o seu exército de prevenção como medida de precaução contra um eventual ataque sírio.

A advertência foi feita pelo ministro israelita da Defesa, Ezer Weizman, em resposta a uma movimentação de unidades sírias de infantaria e blindados, que saíram de zonas setentrionais e costeiras libanesas para ocupar posições no vale de Bekáa, 30 quilómetros a norte da fronteira com Israel.

Esta movimentação foi inter-

pretada como uma primeira fase da retirada de unidades sírias do norte do Líbano e de Beirute, para possível utilização contra a fronteira israelita nos montes Golá.

Os sírios tencionariam utilizar o vale como base para evitar qualquer avanço israelita para norte e possível ataque à Síria através do chamado «Estado livre do Líbano» — pequena faixa territorial do Líbano controlada por um major direita apoiado por Israel.

O primeiro-ministro Mena-

chem Begin afirmou que defenderia os cristãos do Líbano de se renovarem no país vizinho as hostilidades entre cristãos e muçulmanos depois da partida das tropas sírias de manutenção da paz.

Numa conferência de imprensa, salientou que Israel estava alerta devido às movimentações sírias no Líbano. «Descobrimos o objectivo destas mudanças, não permitiremos que os cristãos sejam sujeitos a «pogroms» no norte ou no sul do Líbano» — frisou.

Israelitas atacam Líbano

A artilharia das milícias conservadoras libanesas, apoiada pela das forças israelitas, bombardeou ontem durante cerca de uma hora o campo palestino de Radhidyeh, a sul da cidade costeira de Tiro, indicam os correspondentes de imprensa na região.

Os bombardeamentos, que começaram pelas 20.15 locais (18.15 em Lisboa) causaram pre-

juízos materiais, mas não fizeram vítimas, precisam os correspondentes.

Também ontem, tropas israelitas perseguiram guerrilheiros palestinos em território libanês, segundo anunciou um comunicado militar em Telavive.

O documento revela que o exército detectou quatro homens que se tentavam infiltrar em Israel e os perseguiu até à zona

controlada pelas forças das Nações Unidas, cerca de três quilómetros dentro do Líbano.

Por outro lado morreram cinco pessoas no norte do país devido a lutas entre facções cristãs rivais.

Finalmente, em Beirute, atiradores furtivos mataram um motorista de táxi e feriram dois transeuntes, enquanto a cidade foi sobrevoada a grande altitude por aviões de combate israelitas.

AMÉRICA

El Salvador

O fascismo ameaça

A «União Guerreira Branca», organização de extrema direita que opera na clandestinidade, ameaçou metralhar a Escola Nacional de Comércio (Enco), se não for desalojada em breve pelos estudantes que a ocupam. Activistas do Movimento de Estudantes do Ensino Secundário mantêm-se nas instalações da Enco, exigindo a imediata abertura das aulas nos centros educativos estatais do país e a solução dos problemas apresentados ao Ministério da Educação.

As instalações do Ministério da Educação continuam ocupadas pelo mesmo agrupamento estudantil, que mantém 45 pessoas como reféns.

Na Enco, os estudantes mantêm cerca de 25 reféns entre empregados, docentes e pais de alunos que, quando ocorreu a acção, se encontravam a tratar de documentos.

Os fascistas da «UGB» indicaram telefonicamente à agência EFE que actuará com dureza contra «esses comunistas», caso não abandonem a Escola do Comércio, situada na zona sul de São Salvador.

As últimas informações políticas, chegadas de El Salvador, indicam que a facção da Democracia Cristã (DC) que apoia a Junta Militar começa a dar mostras de séria preocupação, perante o que classifica de «beco sem saída».

Com a sua própria sede ocupada pelas Ligas Populares 28 de Fevereiro (LP-28), os dirigentes da Democracia Cristã, único partido no Governo, defrontam-se também com as suas bases operárias e camponesas, que sofreram duros golpes repressivos.

Uma manifestação desta situação crítica é o facto de vários dirigentes intermédios da DC terem constituído aquilo a que se chama «tendência popular», em oposição aos que ocupam cargos no Governo estabelecido a 15 de Outubro do ano passado.

Por sua vez, obrigada a fazer sentir a sua presença e o seu poder, a direita reactivou grupos fascistas paramilitares: «Ordem», «União Guerreira Branca» e «Milícias de Cristo-Rei», causando dezenas de vítimas, particularmente entre os camponeses.

Perante a situação, a Igreja não mantém uma posição unitária face à conjuntura política.

Assim, enquanto o bispo Francisco Aparicio dizia numa entrevista à Imprensa do Panamá que é obrigatório «combater o comunismo», monsenhor Arnulfo Romero, arcebispo de São Salvador, afirmava na Bélgica que «a Igreja deve estar ao lado dos pobres».

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

AFRICA

Atentado na Rodésia

Um militante local do partido do dirigente nacionalista Robert Mugabe, a mulher e o filho, ainda bebé, ficaram feridos em consequência de um ataque com bombas incendiárias feito contra a sua residência em Salisbúria — o último de uma série de incidentes políticos na rodésia.

Notório o facto de as acções violentas se dirigirem normalmente contra dirigentes da ZANU-FP de Mugabe.

A polícia revelou que três ou quatro bombas incendiárias foram atiradas contra a residência de Mobile Chikwata, às primeiras horas de hoje, no subúrbio negro de Glenview.

Chikwata, a mulher, Anna, e o filho, de três meses, foram hospitalizados, mas a Polícia disse que as suas vidas não corriam perigo.

Armas americanas para a Tunísia

Dois aviões «C-5A» da força aérea dos Estados Unidos, transportando veículos blindados destinados ao exército da Tunísia, aterraram ontem em Túnis, informou em Washington um porta-voz da secretaria norte-americana da Defesa.

Cada um dos aparelhos transportou dos Estados Unidos cinco veículos, a expensas das autoridades tunisinas.

O governo de Túnis encomendou trinta veículos blindados, ao abrigo de um acordo de fornecimento de armamento, no valor global de dezoito milhões de dólares, concluído na passada semana em Washington.

A Tunísia acusou a Líbia de treinar e armar os guerrilheiros intervenientes no ataque ao

centro mineiro de Gafsa, há onze dias. O governo de Trípoli rejeitou a acusação.

O porta-voz da secretaria norte-americana da Defesa informou ainda que as autoridades tunisinas pediram que os seis helicópteros «UH 1N», incluídos na venda de armamento, fossem igualmente enviados por meios aéreos.

Os vinte veículos blindados que falta entregar serão transportados por via marítima para a Tunísia.

Um avião «C-141» seguiu também para este país do Norte de África, com acessórios e munições destinados aos veículos.

UMA NOVA PONTE COLONIALISTA

«Devemos resistir à invasão pelas tropas francesas de uma

terra vizinha da terra líbia», declarou ontem à noite o coronel Gadaffi à agência «JANA».

Num brinde pronunciado em honra do presidente da República venezuelana, Luis Herrera Campins, o chefe da revolução líbia precisou, segundo a «JANA»: «A grande potência que é a França constrói neste momento uma nova ponte colonialista, estendendo-se da Tunísia ao Tchade e à República Centro-Africana.»

«A comunidade das nações deve prestar atenção a esta invasão evidente», acrescentou o coronel Gadaffi, ao exprimir «a solidariedade do povo líbio com a revolução popular na Tunísia, confrontada com a invasão colonialista francesa», conclui a agência líbia.

EUROPA

O escândalo das escutas na Grã-Bretanha

Uma revista de esquerda «The New Statesman», revelou ontem o nome dos chefes dos serviços secretos britânicos, cuja identidade é geralmente ocultada, e descreveu as suas operações de vigilância electrónica e escutas.

Em mais um capítulo das revelações que já causaram grande celeuma no Parlamento, a revista contou que os serviços de segurança e de espionagem têm o uso exclusivo de oito grandes

edifícios de escritórios em Londres. Publicou os endereços desses escritórios e estimou que neles estavam empregadas 5.400 pessoas.

Segundo o «New Statesman», o chefe dos serviços de contra-espionagem britânicos, conhecidos por MI5, é Sir Howard Trayton Smith, que foi embaixador em Moscovo, ao passo que os serviços secretos (MI6) são dirigidos por Sir Arthur «Deckie» Franks.

A revista salienta que não eram necessários mandatos legais embora a colocação de aparelhos de escuta nas instalações sob vigilância exigissem a entrada clandestina ou por arrombamento ou ainda sob falsos pretextos.

O «New Statesman» cita um funcionário dos serviços secretos, não identificados, que deu a seguinte descrição dos alvos de vigilância electrónica e escuta telefónica: «embaixadas — todas

elas, incluindo a americana»; dirigentes e sedes de sindicatos; jornalistas (não muitos); companhias de navegação; alguns parlamentares, etc.»

De acordo com uma elevada fonte dos serviços secretos, algumas destas operações de espionagem foi autorizada directamente pelo primeiro-ministro, senhora Margaret Thatcher, e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Lord Carrington.

FOTOCOPIAS DESDE \$40

Encadernações, plastificações e trabalhos em offset

Discoteca Filinto

Av. 5 de Outubro, 53-A
Telefone 535040

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º Juízo

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do 1.º Juízo Cível de Lisboa, nos autos de Arresto número 8.473/A que JACINTA DE JESUS FERRAZ DE MELO move contra ANTONIO LOURENÇO, industrial da Construção Civil, correem editos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio, notificando o requerido, com última residência conhecida na Travessa Vitorino de Freitas, n.º 28-2.º Esq.º e Dt.º, Ajuda em Lisboa, de que por despacho de 21 de Dezembro de 1978, foi ordenado o arresto nos imóveis abaixo indicados, podendo o mesmo, no prazo de oito dias, findos os editos, agravar do despacho ou opor embargos, ou usar simultaneamente dos dois meios de defesa: — Prédio rústico sito no Brejinho de Água do Sul, com a área aproximada de 8,6523 ha, sito na freguesia de Melides, concelho de Grândola, inscrito na matriz cadastral da freguesia de Melides, sob parte do art.º 3.º da Secção FI, descrito sob o n.º 3.963, a fls. 140 do Livro B-11 da Conservatória do Registo Predial de Grândola; — Rês-do-chão direito e esquerdo e 2.º andar direito e esquerdo do prédio descrito sob o n.º 27.628, a fls. 84 v., do Livro B-88 que é urbano, situado na Travessa Vitorino de Freitas, n.ºs 28 e 28-A de polícia, freguesia de Ajuda, inscrito na matriz sob o artigo 2.847.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1980
O Juiz de Direito
Francisco Rosa da Costa Raposo
O Escrivão Adjunto
Mário Matias Monteiro

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Ourique em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o Processo 8/65 239, Arquivo 5460, para o estabelecimento, na freguesia de Panoias, concelho de Ourique, da linha aérea a 30 kv, com 1843 metros, do poste n.º 26 da linha para a Herdade da Torre Vã ao posto de transformação de S. Romão de Panoias

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Janeiro de 1980

O DIRECTOR DE SERVIÇOS,
José Flores

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Ourique em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o Processo 8/65 238, Arquivo 5460, para o estabelecimento, na freguesia e concelho de Ourique, da linha aérea a 15 kv, com 632 metros, do poste n.º 3 da linha para a Estalagem de Ourique ao Posto de Transformação de Brochas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Janeiro de 1980

O DIRECTOR DE SERVIÇOS,
José Flores

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o Processo 8/65 510, Arquivo 5460, para o estabelecimento, na freguesia de S. Salvador, concelho de Serpa, da linha aérea a 30 kv, com 290 metros, do poste n.º 3 da linha Serpa-Mértola ao Posto de Transformação do Lar de S. Francisco.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 22 de Janeiro de 1980

O DIRECTOR DE SERVIÇOS,
José Flores

CURSOS

PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO GRAVAÇÃO DISKETTES

Sistema IBM e UNIVAC

Recolha de dados p./computador

Início: 22-2-80

DACTILOGRAFIA
Início: todos os dias
Inscrições limitadas

EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 32 56 52
— Rua do Arsenal, 100-1.º
1100 — LISBOA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
14.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc. 4705
FALÊNCIA
2.ª Secção

REQUERENTE: CONSTRUÇÕES QUINTA-FEIRA, LDA., com sede na Rua do Conde Redondo, n.º 76-1.º Dt.º, em Lisboa

FAZ-SE SABER que nos autos de falência por apresentação, da firma acima referenciada, foi designado o dia 27 de Fevereiro de 1980, pelas 10,30 horas, na sala de audiências deste Tribunal, para a reunião de verificação de créditos, podendo os credores, que não tenham sido indicados pela apresentante, até aos dez dias antes do dia designado para a reunião, reclamar os seus créditos em simples requerimento, mencionando a sua origem e natureza, podendo a apresentante da falência e os credores, fazer-se representar por mandatários judiciais com poderes para transigir.

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1980

O Juiz de Direito,

a) Abílio Maria Peres

O Escrivão Adjunto,

a) José Galante

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21 45 H

DO PRAGA
SCHWARTZ

DOMINGO SO AS 18 H
2.ª FEIRA DESCANSO
2.º mês
PRACA DE ESPANHA - TEL 76 26 24

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE FARO
ANÚNCIO

Pelo Juiz de Direito do 2.º Juízo desta comarca de Faro, na Acção de Divórcio Litigioso pendente na 4.ª Secção da Secretaria, movida pelo Autor Júlio Augusto Conceição Leitão, casado, funcionário da TAP, residente na Rua António dos Santos Fonseca, Lote 6-2.º Direito em Faro, moveu MARIA NÚBIA SOTTO NEVES, com residência em parte incerta em Angola, com a última residência conhecida em Rio Moura, Rinchoa, Rua dos Cravos, «Vila Pinto», n.º 1, é esta ré citada para contestar querendo, apresentando a sua defesa no prazo de VINTE DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da segunda publicação e última desta anúncio, no pedido que o Autor deduz contra si naquele processo e que consiste em decretar-se o divórcio entre Autor e Ré.

Faro, 1 de Fevereiro de 1980

O JUIZ DE DIREITO,

O Diário de Lisboa VENDE-SE NO PORTO

nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

Soror Mariana vai a Nova Iorque — assim espera e deseja a Companhia de Teatro de Lisboa

Mariana Alcoforado vai ser evocada em palcos dos Estados Unidos, depois de uma breve passagem de sete dias pelo palco do Teatro Nacional de D. Maria II.

A iniciativa é da responsabilidade da Companhia de Teatro de Lisboa, fundada em 1976 pela actriz Graça Lobo que será a intérprete da discutida figura da autora das «Cartas Portuguesas».

Porquê as «Cartas Portuguesas», um texto narrativo não especialmente escrito para teatro, que teve a antecedência no ainda curto reportório da CTL a peça «Velhos Tempos», de Harold Pinter?

«Em primeiro lugar, porque esta mulher sempre me fascinou», responde Graça Lobo. E sempre gostei muito das «Cartas Portuguesas». Depois, tenho interesse em divulgar os textos portugueses e levá-los ao estrangeiro. Houve um terceiro factor muito importante também, que me levou a escolher as «Cartas Portuguesas»: foi o factor económico. Como a companhia vive da bilheteira e de um ou outro subsídio acidental, é mais económico fazer uma peça com uma só actriz...»

A versão a representar pela CTL é uma tradução de Eugénio de Andrade; os cenários são de Júlio Pomar, a música de Vasco Pimentel e a encenação do argentino Carlos Quevedo.

Neste momento dos ensaios — diz Quevedo, que constitui com Graça Lobo, actualmente, o total da companhia —, «descobrimos em Mariana não a freira apaixonada e abandonada, mas a mulher que manipula lucidamente e até com gozo a sua realidade. Aproveitamos os caminhos que outros percorreram ao estudar as «Cartas Portuguesas», como Rilke, Stendhal, Jaime Cortezão, mas a mulher que encontramos é diferente. Encontramos muito mais gozo do que sofrimento, aspecto que nos parece ter sido posto de parte.»

«Esta mulher é uma mulher sem hábito», prossegue Graça Lobo. «Por isso eu apareço com um fato que é quase perverso e suponho que era assim que esta mulher gostaria de estar vestida.»

No texto, foram feitos alguns cortes, os que na opinião dos



Graça Lobo, fundadora da Companhia de Teatro de Lisboa: «Que possibilidades tivemos de produzir espectáculos imaculados?»



Carlos Quevedo, encenador argentino, apesar de jovem, tem já uma certa experiência de teatro, especialmente em Paris, onde trabalhou com o seu compatriota Vitor Garcia. Vê-lo para Lisboa colaborar com Garcia na peça «As 4 gémeas», de Copi (estreado na «bolte» Frou-Frou, em 77), e diz que ficará na CTL enquanto esta o quiser contratar

responsáveis pela representação seriam susceptíveis de tornar o texto mais fatigante. Mesmo assim, a intérprete estará uma hora e um quarto em cena.

«Penso que este trabalho, bastante duro, é aliciente», diz Graça Lobo. É mais um desafio a par de muitos outros que tenho feito a mim mesma. Se eu conseguir prender a atenção do público sem o cansar, acho que me posso tirar o chapéu.»

O cenário é composto de elementos abstractos. «Não de símbolos», esclarece Quevedo,

«mas de signos, de modo a que cada pessoa possa fazer a sua leitura.»

Quanto à forma como se procura captar a atenção do público para um texto narrativo escrito para ser lido e não para ser representado, Graça Lobo fala na criação de motivos de surpresa constantes.

«Nós preocupamo-nos com o gozo que o público deve ter ao ver teatro. E confiamos na receptividade do público. Essa é de resto uma das razões porque se arrisca tanto no teatro português, a nível individual. As pes-

soas ainda pensam que há-de haver uma maneira de, ao menos, conquistar uma parcela de público. A pouco e pouco temos de aprender a fazer cada vez melhor para interessar um público que por razões sobrejacentes conhecidas está divorciado do teatro. Mas para isso temos que ser apoiados. Não se apoia o teatro e os que nele querem trabalhar porque as pessoas não vão ver os espectáculos, não se interessam. Mas como se pode esperar que o teatro sério em Portugal dê rendimento, se não nos dão condições de melhorar? Como se pode esperar que o nosso trabalho seja impecável? Que possibilidades tivemos de produzir espectáculos imaculados?»

E a fundadora do CTL fala das suas dificuldades económicas, dos subsídios que lhe foram concedidos e dos prometidos.

«Quando representámos «Os velhos tempos», que esteve dois meses e meio em cena, consegui pagar tudo com a bilheteira e tirar para meu «cachet» 5 contos. A dr.ª Teresa Santa Clara Gomes veio ver o espectáculo, gostou e concedeu-nos um subsídio de 80 contos. Para «As Cartas Portuguesas» disponho de um subsídio de 90 contos da Fundação Gulbenkian. O Teatro Nacional comprou-nos sete espectáculos. Também tenho prometido um subsídio da Secretaria de Estado da Cultura, não sei de que valor, para a deslocação a Nova Iorque. Esse subsídio foi-nos concedido em Outubro, pelo antigo secretário de Estado da Cultura, Hélder Macedo. Temos contrato já firmado para representar as «Cartas Portuguesas» a partir de 9 de Abril próximo, durante três semanas, no teatro «La Mama» de Nova Iorque e estamos a tentar representá-la também em universidades americanas. Penso que é importante para a divulgação da cultura portuguesa.

As «Cartas Portuguesas» estreiam no Teatro Nacional a 29 de Fevereiro. Para assistir à estreia está convidado um representante da organização do Festival de Outono de Paris, onde a Companhia de Teatro Lisboa espera estar presente com o mesmo trabalho. A espera de melhores dias, e de maiores apoios.

Esta noite na RTP-1

Segunda eliminatória do Festival da Canção



Filipe de Brito, João David Nunes, Simone de Oliveira, Luís Vilas-Boas, Pedro Bandeira Freire: o júri

O segundo pacote de canções concorrentes ao Festival da Canção será esta noite desembrilhado, às 21 e 30, no Teatro Villaret, ante os olhos maravilhados dos telespectadores portugueses que àquela hora sintonizarem a RTP 1.

Pela seguinte ordem, exibir-se-ão Dinah, intérprete e autora da canção «Guardado em mim»; Lara Li, que canta «E pouco mais»; Samuel, que cantará «Que ninguém te dê nome»; Edmundo Falé interpretará «Nossa cantiga de amor»; Jo canta «Mensagem de paz e amor»; as Doce interpretam «Doce»; Zélia Lopes cantará «Nada a perder»; seguem-se o conjunto Bric-à-Brac com «Música Portuguesa» e Zica, que canta «Que rotina!».

Na quarta-feira, efectuou-se o ensaio geral no Teatro Villaret, que foi gravado para ser transmitido na Madeira e nos Açores.

Hoje ainda deverá chegar a Lisboa a representante da Holanda no Eurofestival, Maggie MacNeal, que assistirá ao espectáculo. A representante holandesa, que já defendeu o seu país em 74, tendo alcançado o terceiro lugar com a canção «I see a star», deverá participar no programa radiofónico «Febre de sábado de manhã», de Júlio Isidro e ainda no «Tal e qual», da RTP 2, amanhã à noite.



Conjunto «As Doce»

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

Feita a crítica ao espectáculo do Teatro Experimental do Porto, estas palavras são apenas para lembrar ao leitor que está finalmente no Teatro Nacional D. Maria II um espectáculo que se pode recomendar. Seria, aliás, um aspecto interessante a analisar esse do confronto entre este espectáculo feito na província (!), com meios restritos, e os espectáculos da nossa companhia melhor subsidiada.

Ao contrário do que cheguei a temer, a transposição do espectáculo do TEP não prejudicou os seus mais importantes valores, pelo contrário evidenciou-os. Refiro-me especialmente ao facto deste espaço, muito maior, permitir uma outra visão das formas criadas por José Rodrigues, e um jogo de luzes que valoriza as zonas de representação e os aspectos plásticos do espectáculo. Além disso, os intérpretes tiveram o cuidado de alterar a emissão de voz de ma-

«Yerma» no Nacional

neira a que o texto se tornasse audível em toda a sala, como é o caso.

Embora se possa discutir a validade de algumas opções do encenador, José Blanco Gil, em especial no que se refere aos aspectos trágicos da sua leitura, bem como no que se refere à plástica vocal, que tende a tornar-se por vezes monótona, parece-me não haver dúvidas ser este um espectáculo que consegue ultrapassar as suas próprias carências, ao nível da

representação, consagrando-se como uma autêntica criação, coisa que não poderá dizer-se de grande número de espectáculos do teatro português.

Não quero deixar de lembrar ao leitor que além do espectáculo, deverá ver também a exposição de espaços cénicos patente no «foyer» do 1.º balcão do Dona Maria, exposição que confirma a extraordinária qualidade da obra de cenógrafo de José Rodrigues. A ela voltaremos com mais vagar.

«Nascente» de Espinho visita

UCP em Montemor-o-Novo

Uma larga representação cultural da Cooperativa Nascente, de Espinho, deslocou-se à UCP Salvador Joaquim do Pomar, do Escoural (Montemor-o-Novo). Dela fazia ainda parte o seu grupo de teatro e o coro que se exibiram com o maior agrado. O convívio entre os cooperantes e os trabalhadores daquela UCP possibilitou àqueles um conhecimento mais directo das realidades da Reforma Agrária. Mais: ficou bem marcada a

importância do intercâmbio de experiências como esta.

«Representar «As Espingardas da Mãe Carrar» ou «Sagui e as Estrelas» e cantar as canções de intervenção que documentam um passado de luta foi, afinal, mais uma maneira de participar no esforço colectivo de quantos trabalham para que a terra produza mais e com maior justiça» — afirmam num texto que nos enviaram os cooperantes da «Nascente».

Calisto Eloi de Barbuda em Lisboa

Desde o passado dia 1, que se encontra em Lisboa, Calisto Eloi de Barbuda, deputado eleito por Caçarelhos às Cortes de Lisboa. O ilustre visitante permanecerá na capital até ao próximo dia 10. Nesta sua visita faz-se dor Sarmento e suas mui do-

tadas filhas Adelaide e Catarina, o deputado Libório Meireles e muitos outros «figuras» acompanhar por larga comitiva, entre os quais; o abade de Estebães, o desembargador Todos eles fazem parte do romance de Camilo Castelo

Branco «A QUEDA DUM ANJO», recentemente levado à cena pelo Grupo de Campolide, numa adaptação teatral de Ildefonso Valério, e estreado no teatro da Academia Almadense em Almadá.

Depois da sua apresentação em várias localidades do concelho do Seixal, com o apoio da respectiva Câmara Municipal, é agora a vez de ser apresentado em Lisboa, na Sociedade Guilherme Cossul, durante apenas 10 dias.

Para quem ainda não teve oportunidade de se divertir com as aventuras e desventuras de Calisto Eloi de Barbuda, aqui fica o convite para se deslocar (apenas até ao próximo domingo dia 10) à sociedade Guilherme Cossul, na Av. D. Carlos I, 61 (junto ao largo de Santos).



A juventude de Tchekov

Os meus encontros de profissional com Tchekov foram, infelizmente, muito poucos. Em 1957 interpretei o Noivo em «Um Pedido de Casamento», na Televisão portuguesa; em 1959 encenei «A Boda» como o grupo amador da Sociedade Voz do Operário; e em 1974 desempenhei um pequeno papel no «Platonov» no Teatro Maria Matos de Lisboa.

Mas isso não impediu que os meus encontros de homem de teatro e cidadão com Tchekov fossem múltiplos e decisivos na minha formação.

Em «A minha vida na arte», Constantin Stanislavski tem um capítulo dedicado a Tchekov, que considero imprescindível a quem quer compreender e interpretar. Entre muitas outras coisas, todas elas fundamentais, Stanislavski, a dada altura afirmara:

A Rússia moderna, a Rússia revolucionária, cuja enérgica actividade é aplicada em destruir os alicerces do velho mundo, não pode aceitar nem compreender a inércia dos anos 1880 que foram anos desinteressantes, de passividade e de espera. Essa época não era favorável aos nossos revolucionários. Mas em qualquer canto da Terra, no subsolo, preparavam-se, acumulavam-se forças para as transformações futuras. O trabalho dos precursores reduzia-se, então, a preparar os espíritos, a sugerir ideias novas, a denunciar a mediocridade ambiente. Tchekov



foi um deles. Poucos escritores souberam descrever tão bem a atmosfera irrespirável que se vivia e, ao mesmo tempo, vencer a banalidade quotidiana.

Talvez por isto mesmo, durante o fascismo, nos anos quarenta e cinquenta, os que, entre nós, buscavam transmitir através do teatro o seu desespero, a sua esperança e a sua ansia de vencer a «mediocridade ambiente», encontraram em Tchekov o autor que lhes servia.

Não era muito diferente o Portugal dessa época da Rússia dos finais do século XIX. Paz podre dos cemitérios, resignação em muitos, comodismo noutros tantos e uma enorme esperança em muitos mais que acreditavam e colaboravam com os claudes de destino da «noite fria».

Tchekov surgiu como o autor ideal, não só pela força da sua temática como pela

possibilidade de o apresentarmos. A Censura fascista não se atrevia a proibi-lo como fazia com as obras dos autores portugueses. Parecia mal e (que diabo!) tinha morrido em 1904, treze anos antes da Revolução bolchevique, era representado em todo o mundo e não constava que tivesse pertencido a nenhuma organização comunista...

Tchekov tornou-se para nós, jovens desse tempo, o companheiro que nos ensinava a rir-nos da ridícula burguesia portuguesa e a gritarmos em cima dos palcos a nossa raiva e a nossa certeza na inevitável libertação.

Com Tchekov combatíamos a Censura, as polícias políticas, os «salazarentos», a cultura instituída e «corporativa», as imbecilidades condecoradas, as preopinâncias ministeriais e outras. Era uma «finta» à repressão.

Aliás compreender Tchekov não é difícil: basta compreender os homens e as sociedades que determinam o seu comportamento. Essa é a primeira leitura. A segunda é mais séria. Em Tchekov está latente a máxima que outros definiram: o mundo e as sociedades são transformáveis pelos homens, a questão é que eles se esclareçam. E para um actor, sobretudo para um actor que começa, o estudo de Tchekov é fundamental. Como o de Shakespeare, Molière, Brecht. Estudo cénico, dramático, profissional, humano.

Éramos, nesses anos quarenta, um grupo de jovens que entrou para o teatro de Portugal com a fúria da renovação. Tudo para nós era «velho», tudo correspondia à passividade a que nos obrigavam, aos berros de «quem vive» e de «quem manda», ao ensino retrógrado que nos impingiam. Éramos muitas vezes injustos: outros, antes de nós, tinham lutado muito mais... Mas o teatro aparecia-nos como uma forma de revolta, de afirmação, de iconoclastia. Teatro e vida confundiam-se nos nossos espíritos e entrelaçavam-se na nossa febre de repudiar e aceitar, de destruir e construir, de desprezar e de amar.

Tchekov foi nesses tempos um companheiro precioso!

Hoje já não somos jovens. Mas muitos de nós não somos velhos, porque isto de ser velho é condição que se merece. E voltamos a precisar de Tchekov. Os imbecis condecorados, os preopinantes ministeriais e outros, atacam de novo. Vamos chamar outra vez o nosso companheiro Tchekov, pois como também dizia Stanislavski: o capítulo Tchekov não terminou; ainda não foi lido como é preciso lê-lo fechou-se o livro antes de se ter penetrado na essência.

Temos que abrir o livro de novo! Pois bem: comecemos por festejar a juventude de Tchekov. Que são afinal 120 anos na História dos homens?

Rogério Paulo

Moção de protesto da CML contra extinção da Companhia do S. Luiz

A Câmara Municipal de Lisboa aprovou quarta-feira uma moção de protesto contra a decisão do secretário de Estado da Cultura de extinguir a companhia de teatro sediada no S. Luiz.

O Município expressa «o seu vivo desagrado pelo carácter unilateral da decisão», considerando que a Secretaria de Estado desrespeitou um protocolo assinado pelas duas instituições segundo o qual «deveria ter previamente ouvido a opinião da Câmara Municipal de Lisboa».

A moção, aprovada na reunião presidida por Nuno Abecassis, dirigente do CDS, acrescenta que «a CML considera-se desvinculada do cumprimento do protocolo que firmou com a SEC acerca da utilização do Teatro Municipal de S. Luiz».

Por seu turno, o grupo parlamentar do Partido Socialista, através dos deputados António Reis e Francisco Igrejas Caeiro, entregou ontem na Mesa da Assembleia da República um requerimento ao Governo solicitando as seguintes informações à Secretaria de Estado da Cultura:

«1.º - Tendo o Governo invocado a necessidade de comprimir gastos financeiros para extinguir a Companhia Nacional I do Teatro de São Luiz, mas tendo os actores e demais trabalhadores da referida companhia transitado para o Teatro Nacional de D. Maria II, qual a efectiva redução de despesas que pensa obter com tal medida no ano em curso?»

«2.º - Tenciona o secretário de Estado da Cultura renovar ou

não, no termo do seu prazo de vigência em Março deste ano, os contratos dos directores, actores e demais trabalhadores da companhia ora extinta?»

«3.º - Como pensa a Secretaria de Estado da Cultura integrar a programação já existente da actividade da Companhia Nacional I na programação do Teatro Nacional D. Maria II?

Será a referida programação anulada, sofrerá algumas alterações, ou manter-se-á intacta?»

A que salas de espectáculo

tenciona recorrer, neste caso, para a apresentação das peças previstas e em que condições?»

«4.º - Que outras medidas de compressão de gastos financeiros

no apoio a actividades culturais, quer de criação, quer de divulgação, quer de salvaguarda

do património, tenciona tomar a

Secretaria de Estado da Cultura,

em obediência ao princípio de

austeridade ora invocado?»

Entretanto, toda a imprensa

de direita, revelando o «conhe-

cimento» que tem destas coisas,

repete ontem uma «gralha» que

saiu na entrevista concedida por

Pulido Valente ao semanário

«Tempo», e onde se diz que,

para o orçamento do ano em

curso, a companhia do S. Luiz

pretendia 119 mil contos,

quando os números reais são 19

mil (a propósito de «gralhas»,

aproveitamos para pedir desculpa

ao leitor pelo facto de, na

edição de ontem do «DL», ter

caído um 1 inopinado à frente

dos «800 escudos» indicados

como custo médio ao Estado, de

cada espectador do D. Maria,

que é realmente de 800 e não

1800 escudos).

INÊS VAI MORRER

INGRID THULIN
num filme de
GIULIANO MONTALDO
com
STEFANO SATTA FLORES · MICHELE PLACIDO

FILMATAUS considerado FILME DE QUALIDADE

APLAUSO DA CRÍTICA E DO PÚBLICO! EM 2.ª SEMANA

CINE 222

CINE 222 - AVENIDA PRAIA DA VITÓRIA, 37 (SALDANHA) TELEFONE 5 79 60

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA LEMBRA QUE

A partir de 1 de Janeiro de 1980 o seguro do seu automóvel é obrigatório.

A quantia mínima por que deve estar seguro é de 700 contos.

Contribua para uma maior segurança, respeite a lei.



PUB.

STICF SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

ASSEMBLEIA GERAL
no Sind. Imprensa

16.2.80
14.30 H.

De acordo com a alínea b) do Art.º 32.º, convoco a Assembleia Geral do Sindicato, em sessão extraordinária, para o dia 16 do corrente mês, pelas 14.30 horas, no Sindicato da Imprensa, no Largo da Trindade, 16-1.º em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 - III Congresso da CGTP-IN
- 1.1. Eleição de Delegados ao Congresso
- 1.2. Discussão e aprovação das Teses

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1980

Por força de convocação de Assembleia Geral para o dia 16 de Fevereiro e de acordo com o Art.º 56.º dos Estatutos, realizar-se-ão Assembleias Regionais com a mesma ordem de trabalhos de Assembleia Geral:

DELEGAÇÃO	LOCAL	DATA	HORA
NORTE	SINDICATO DO COMÉRCIO à Rua Fernandes Tomás, 626	13-2-80	21.30
CENTRO	DELEGAÇÃO EM COIMBRA	14-2-80	21.30

O Presidente da Assembleia Geral
ÁLVARO FERNANDES RANA

Profissionalizada pretende trabalhar no Ensino Particular ou actividades livres com crianças.
Resposta à Rua Artilharia Um n.º 42 4.º-Dt.º

PONTA ESQUERDA

De censurar

Ontem, no Comité Olímpico Português, houve uma reunião. No decorrer do conclave, conta «Record» (pela pena de Moura Dinis) que **Fernando Ferreira lamentou que o professor Moniz Pereira tivesse sido «metido a martelo» na preparação olímpica.**

Lembra-se que Fernando Ferreira (denominado «coordenador da preparação olímpica») é colega de trabalho de Moniz Pereira. Pelo menos em termos éticos, seria de censurar qualquer crítica deste jaez. A atitude ainda se torna pior porque Moniz Pereira é o primeiro técnico do atletismo português. Com provas provadas...

Estoril e Cascais

Manuel Cunha, director de campo do Estoril Praia, afirma:

— A eventual fusão do Estoril Praia com o Cascais tem toda a «abertura» pela nossa parte, pois estamos dispostos a seguir em frente com a concretização do projecto. Só que neste momento, existe por parte dos elementos mais antigos da direcção do Cascais uma clara rejeição da ideia, ao contrário dos mais novos os quais se mostram perfeitamente receptivos. A fusão, segundo o meu ponto de vista, seria ótima para a projecção do clube que daí nasceria, podendo o Estoril dar o futebol e o respectivo campo e o Cascais contribuir com o pavilhão e as restantes modalidades que pratica actualmente. A zona da Costa do Estoril só lucraria com a junção das duas colectividades e penso que num futuro mais ou menos breve isto irá por diante.

Bola lá, bola cá

De um comunicado público da Associação de Voleibol do Porto, retira-se o parágrafo seguinte, referente ao regulamento de assistência material:

«I Sporting Clube de Coimbra levou por engano uma bola de borracha além da sua dotação, pelo que deverá devolvê-la urgentemente».



Garrincha: ocaso do «herói nacional»

Francisco Landureza, correspondente no Brasil, no nosso estimado colega «Mundo Desportivo», volta a falar de Manuel Francisco dos Santos (o ex-fabuloso Garrincha) mas, desta feita, em tom de tal tristeza que se torna confrangedor ler o que se segue:

«A vida continua sendo dura para Mané Garrincha. Na última sexta-feira, sua situação se agravou; embriagado, doente e triste, acabou, por pedido de Mariete, sua filha, novamente internado na Clínica Enio Serra, em Laranjeiras, por problemas de cirrose e transtornos neurológicos. O ex-ponta direita do Botafogo, o demônio das Copas de 58 e 62, de 46 anos, chegou às 16 horas, na clínica — onde deverá ficar 15 dias — acompanhado da mulher Wanderléa, viúva de Jorginho Carvoeiro, ex-jogador do Vasco da Gama. Ele foi atendido pelo médico José Massoud. Segundo o dr. Carlos Henrique Melo Reis, médico que atendeu Garrincha, da outra vez em que ele esteve internado na mesma clínica — em Agosto do ano passado, o ex-jogador «tem uma resistência orgânica acima da média».

—O estado de Garrincha é delicado e ele deve ficar internado uns 15 dias. O alcoolismo é secundário para a saúde do ex-jogador, que tem uma doença de base sobre a qual, não posso falar no momento.

«Em Bangu, onde reside com Wanderléa, sua actual mulher, mais duas filhas, e um irmão de sua mulher, o homem das pernas tortas vive para a bebida. Marinete, uma de suas filhas, chega a falar com a voz embargada:

—Infelizmente papai só bebe. Acorda com o pensamento fixo na bebida. As 6 horas, ele sai, nem escova os dentes, e vai para o «botequim» (Bar). É no boteco do Gérson ou do Ducha, que ele mata sua sede de bebida. Pior é que ele fica dias sem comer e só dá preocupações.

«Garrincha já não tem hora de chegar em casa, e quando à noite seus familiares querem trancá-lo para que ele não beba mais, fica possesso. Marinete explica que ele usa todos os recursos para buscar o vício do álcool:

—Outro dia mesmo quebrou o vidro da janela, machucou a perna, cortou o joelho, e chegou a se armar de um garfo e uma faca para arrombar a porta.

«Mané, de rosto inchado, o lado direito quase deformado, olhar de vaga, amargura mãos trémulas, ar triste, já não é a alegria do Povo. Diante desse homem, vítima da bebida, de muitos tiques nervosos, só uma coisa vem à cabeça: Garrincha morreu. Mas não para a história do futebol.

«Em 72, amigos fizeram um jogo de gratidão para conseguir algum dinheiro — o povo comprou ingressos para ajudar o idolo. Mané, ganhou Cr\$ 997.931,77 e perdeu tudo.

«Sem aplausos, sem dinheiro, os amigos fugindo dele na rua, como resistir? Seguiu o caminho do pai, seu Amaro, um guarda de segurança que morreu de cirrose de tanto beber. Agora está novamente no hospital, tentando driblar a vida numa luta um tanto desigual. Pobre Mané.»

Boicote não tem adesões

A totalidade dos atletas olímpicos franceses decidiram ir aos Jogos Olímpicos de Moscovo, votando unanimemente contra o boicote. Não obstante, entre os atletas aparecem divergências sobre o papel que o desporto deve desempenhar na sociedade, formando-se uma corrente (maioritária) que defende o apolitismo e uma outra (minoritária) que diz actuar em consequência dos problemas humanitários. Esta última tendência propõe-se ir a Moscovo com braçadeiras pretas em sinal de protesto contra a política da União Soviética.

Com a decisão, os atletas franceses reforçaram a posição do Comité Olímpico do seu país, único órgão com poderes para decidir a ida a Moscovo.

Os atletas decidiram enviar uma carta ao presidente da República (Giscard d'Estaing) na qual dão conta das suas intenções, das quais se salientam uma série de medidas de acção para evitar o boicote.

Em Moscovo, Ignati Nivikov (presidente do Comité Organizador dos Jogos) confia em que se **lponha a sensatez e a calma** nas reuniões do Comité Olímpico Internacional (COI) iniciadas ontem em Lake Placid. Novikov formulou esta declaração no Estado de Nova Iorque onde assistirá às reuniões do COI que debaterão a problemática do boicote aos Jogos.

PONTOS DE VISTA

Entretanto, a Argélia confirmou que participará nos jogos, segundo declarações do presidente do seu Comité Olímpico (Mohamed Zerguini).

A Colômbia ainda não tomou uma posição oficial sobre a sua participação nos Jogos, mas o presidente do Comité Olímpico Nacional (Fidel Mendonza) expressou-se contra o boicote.

Olimpíadas

Durante a Intervenção norte-americana no Vietname os Jogos realizaram-se e ninguém disse nada, frisou Mendonza.

Em Espanha, a maioria dos atletas seleccionados para os Jogos de Moscovo manifestou-se igualmente contra o boicote, de acordo com um inquérito publicado no periódico madrilenho «Diário 16».

O célebre corredor norte-americano Jesse Owens, quatro vezes medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Berlim (em 1936) pronunciou-se contra o boicote dos Jogos de Moscovo: **Os acontecimentos mundiais e políticos não deveriam interferir com os Jogos** — disse ele, em Paradise Valley (Arizona).

Mari Vasquez, presidente da assembleia geral das Comissões Olímpicas, afirma que só

uma terceira guerra mundial poderá impedir os Jogos Olímpicos de se realizarem em Moscovo. **Moscovo é este ano, para os desportistas, o que o Vaticano é para os católicos.** O Brasil participará nos Jogos de Moscovo e esta decisão do Governo brasileiro será comunicada à Comissão Olímpica Internacional. A informação foi dada por João Havelange, presidente da Federação Internacional de Futebol e membro da COI, no final duma entrevista com o presidente brasileiro, general João Figueiredo.

Nos meios desportivos brasileiros manifesta-se igualmente oposição unânime ao boicote dos Jogos.

Mais países contra o boicote: Chipre e Suécia. Em contrapartida, anuncia a Libéria que não irá aos Jogos na URSS.

Luís Caldas: 1.º português para Moscovo

Distinção para Portugal: pela primeira vez, um árbitro lusitano estará nos Jogos Olímpicos. Trata-se de Luís Caldas, que vai dirigir encontros de luta, nos Jogos de Moscovo, expressamente indicado pela Federação Internacional de Lutas Amadoras. É um dos 56 juizes de todo o mundo: prémio para uma brilhante carreira.

Luís Caldas conta 52 anos de idade e possui um «palmarés» magnífico: como praticante (de rúgbi, no Ben-

fica; de luta e ginástica, pelo Ginásio Clube Português). Foi atleta olímpico em Roma e dirigente de representação olímpica em Munique e Montreal. Tem, atrás de si, actividade como dirigente federativo da ginástica, do rúgbi, de luta e de halterofilia. Faz parte da Comissão Executiva do Comité Olímpico Português, arbitrou em diversos campeonatos do Mundo e vários torneios internacionais. Enfim: é o nosso primeiro homem para Moscovo.

Mundial de andebol

Portugal: ganha mas perde

Portugal venceu a Bélgica, por 30-20, em jogo do campeonato mundial de andebol de sete, grupo C, disputado em Klaskvik, (ilhas Faroe). Portugal não ficou apurado para o grupo B do

Mundial, porque a França derrotou Israel, por 20-18.

São de sublinhar os 16 golos apontados por Jorge neste encontro.

Sob a arbitragem dos suecos Wester e Broman as equipas alinharam e marcaram:

Portugal: Carlos Silva (José António), José Manuel (1), Vasco Vasconcelos (2), Espadinha (6), Jorge (16), Areias, Brito (1), Hernâni (2), João Gonçalves, Ricardo e João Manuel (2).

Bélgica: Paesen, Verofstadt (6), Schuurmanns (7), Smeets (2), Debruyne (1), Smits (1), Kenis, Mertens, Fourrez (2), Depreter, Brouwers e Tielens.

Os dois primeiros classificados passam à fase final da competição e garantiram a presença na disputa do grupo B do Mundial.

«LATINA» POR CÁ

A 2.ª jornada da «Taça Latina» de andebol de sete, a disputar em Abril, deverá realizar-se em Viana do Castelo. O vereador Dionísio Ferreira declarou que «a Câmara Municipal está em vias de obter a garantia de que esta pretensão será satisfeita».

A «Taça Latina» de andebol disputa-se em Portugal, de 30 de Março a 7 de Abril. Em princípio, cada uma das jornadas realizar-se-á numa localidade diferente.

A CM de Viana do Castelo suspendeu, por outro lado, uma autorização anterior para a prática de hóquei em patins no pavilhão gimnodesportivo municipal, «até ser encontrada solução que não prejudique as modalidades habitualmente praticadas naquele recinto».

COLECTIVIDADES

OLIVAIS

O Olivaes Futebol Clube iniciou ontem as comemorações do quadragésimo quinto aniversário da sua fundação.

O programa inclui uma exposição de troféus e de recortes de jornais e revistas, numa mostra da vida da colectividade conimbricense.

Rui Costa da Direcção Geral de Desportos, abordará questões desportivas numa palestra que se realiza, sábado à noite.

«Placard»

ZONA AZUL MARGINALIZADA

A Associação Cultural e Recreativa «Zona Azul», de Beja, afirma ter sido marginalizada por parte da secção de atletismo da Associação de Desportos da capital do Baixo Alentejo.

A «Zona Azul» justifica a sua afirmação pelo facto de ter sido ignorada para a recente eleição dos corpos administrativos e técnicos da Associação de Desportos de Beja.

Aquele clube manifesta, em comunicado, o seu «vivo repúdio por mais esta irregularidade por parte da Associação de Desportos», acrescentando que ela

«vem na linha de actuações dos seus autoneomeados dirigentes». O «Zona Azul» lembra, entretanto, que já organizou uma

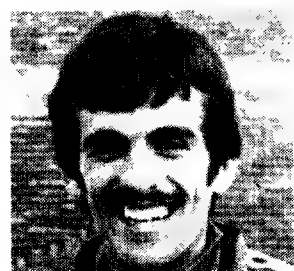
prova internacional — estafeta «Campos Verdes/Beja 79» — e apela à direcção da Associação de Desportos «para que tenha um rasgo de consciência, de modo a não impedir o trabalho deste clube em prol do atletismo nacional».

ESTRELAS DO FEIJÓ

Na noite de amanhã, vai processar-se uma assembleia geral dos associados da Sociedade Recreativa Estrelas do Feijó, para discussão do relatório e contas da gerência 78/79 e indicar os nomes que vão ocupar a nova direcção da colectividade.

ÁRBITROS EM ACÇÃO

A arbitragem basquetbolística portuguesa estará em acção lá por fora: hoje, Rui Valente será segundo juiz na partida Valladolid



José Carvalho: fora da preparação olímpica

Comité Olímpico afasta José Carvalho de Moscovo

O Comité Olímpico Português, em reunião plenária, tomou várias resoluções. Revolucionárias, como se verá:

1 — A Comissão Directiva vai negociar (mais) um contrato de publicidade que renderá 5 mil contos.

2 — Foi nomeada uma Comissão de Contas que irá debruçar-se sobre a contabilidade do COP: a incumbência pertencerá ao eng.º Pinto de Magalhães, dr. Raul Caldeira e comandante Fiandeiro.

3 — José Carvalho (actual treinador do Benfica) fica afastado da preparação olímpica, **porque um parágrafo da Carta Olímpica proíbe que um atleta olímpico seja treinador de qualquer modalidade.** Para além disso (disse-se) **José Carvalho «recusa-se, sistematicamente, a submeter-se a testes no Centro de Medicina Desportiva.**

Pesca desportiva desprotegida

DGD
mete
água

Caso queiram aproveitar algo do que fica dito (escrito) sobre matéria de pesca desportiva, poderão fazê-lo. É neste sentido que escrevemos ao «Diário de Lisboa».

É a confissão-lamento da Associação Regional do Centro de Pesca Desportiva que nos endereça o grito de alma de um passatempo-desporto com milhares de apaixonados mas, nem por isso e como pode ler-se, protegida pelos poderes governamentais. Como poderá ver-se:

«Não temos dúvidas que, 1979 não foi um bom ano desportivo português. Procurar culpados seria fácil. Senão, vejamos: dirigentes que apenas procuram que seus nomes sejam conhecidos e bem sonantes; atletas que procuram a todo custo receber sem nada dar em troca; indisciplina que grassa em todas as modalidades e em todos os sectores dos Clubes.

«As assembleias, apenas se apresentam meia dúzia de interessados que se dividem em duas partes: a que vai, ouvir e ver como decorrem os trabalhos (pretexto para deixar a sua casa por algumas horas; outra que, de algum modo, está interessada que a modalidade (querida) sirva para novos campos. E são sempre os últimos que, roubando aos seus familiares os tempos que lhe deviam ser destinados, perdem horas nas alamedas dos gabinetes trabalhando para servirem alguns milhares.

«A D. G. D., não dispensa atenção (e não só) a determinadas modalidades (tais como a nossa), que eles (os Senhores) consideram sem motivação entre bancadas. E aqui nasce o óbice da questão. Os dirigentes da pesca desportiva não são doutores ou engenheiros, nem tão pouco possuem riqueza para prestigiarem quem os contacta. Nessa ordem, é marginalizada uma modalidade que de várias maneiras cria riqueza ao País: «1 - Somos os maiores defensores da fauna piscícola e ecológica, em Portugal.

«2 - Somos obrigados a pagar uma licença para os Serviços Florestais (águas interiores), sem que se veja algo de melhoramentos em nosso proveito.

«3 - A parte de hotelaria é de várias formas beneficiada pelas deslocações dos praticantes de pesca desportiva.

«4 - Cada Associação (somos três) movimentam entre os 4000 a 6000 filiados.

«5 - Entre as três Associações são levados a efeito 90 Concursos anuais, os quais são passíveis de abranger centenas de concorrentes, nos chamados Concursos Interclubes.

«6 - Tem esta Associação (com poderes federativos) tentado e conseguido uma unificação nas directrizes a levar a cabo. Vejam-se os campeonatos

regionais que cada Associação leva a efeito nas diversas zonas do País, dando assim origem a que todos os pescadores desportivos possam concorrer, de igual com os das capitais.

«7 - Após se ter levado a efeito os Campeonatos Nacionais de 1978, os primeiros pescadores concorreram entre si, a fim de conseguirem os seis lugares que lhe possibilitaram representar a equipa portuguesa no XXVI Campeonato Mundial de 1979. Ai, a nossa representação conseguiu o 3.º lugar (entre 18 países), apesar das dificuldades monetárias que a Federação Portuguesa de Pesca Desportiva (deve à Associação Regional do Centro, cerca de quatrocentos contos) atravessa, sem o apoio da D. G. D.. Indo até Sagaraça (onde se realizou o Campeonato Mundial), de comboio, em II classe, e porque já não existe III nesse transporte. Apesar do resultado ser de molde a haver mais atenção sobre uma modalidade que poderá preencher uma lacuna dos nossos meios, apenas podemos salientar que nem os meios reponsáveis nem tão pouco a Imprensa ligaram qualquer atenção ao resultado conseguido.

«8 - Praticamos uma modalidade sem apoio mas que, apesar dos resultados obtidos, merecia uma atenção monetária por parte da D. G. D., mas isso terá que ser para outras modalidades que não passam da mediocridade.

«9 - Muito haveria que retratar, porém, pouco tempo nos resta para acabarmos o nosso mandato, tempo que nos falta para sermos claros na análise que gostaríamos de fazer sobre fundos da D. G. D. e posições de outras modalidades no conceito oficial.»

Bibliografia
desportivaCADERNOS
DE MEDICINA
ESCOLAR
E UNIVERSITÁRIA

A Direcção-Geral de Apoio Médico acaba de lançar em público mais um caderno sobre «Medicina escolar e universitária», desta vez subordinado ao tema «Filosofia e perspectivas».

Porto-Benfica nas Antas:
adivinha quem vai arbitrar

Dada a relativa impossibilidade de António Garrido (arbitrou o Benfica-Porto, na Luz) e porque também ficam excluídos outros nomes à liza nos últimos jogos dos dois clubes (Mário Luís e Marques Pires), mais o facto de se encontrarem no estrangeiro os juizes Inácio de Almeida e César Correia, e do vertiginosamente ascendente nas escalas (Graça Oliva) ser lisboeta, parece que foi de um pequeno lote que saiu a indicação para o jogo de domingo, nas Antas. O escasso rol: Raúl Nazaré, Alder Dante, Santos Luis, Manuel Pereira (com um processo disciplinar mas em suspensão), José Luís Tavares ou o novato Raúl Ribeiro. Resta ao leitor jogar (ainda) na renovação da carta António Garrido: seria um sportinguista convicto no comando de uma partida que diz respeito ao seu clube, iria contrariar o preceito de um árbitro não dirigir jogos em rondas consecutivas mas, por outro lado, era uma quase absoluta garantia de excelente direcção de partida.

PORTO VENCE
EM VIAREGGIO

O FC Porto derrotou o First de Viena, por 2-0, em jogo ontem disputado no Torneio Internacional Junior de Viareggio.

Nos outros jogos, o Juventus de Turim e o Real Madrid empataram a dois golos; o Milão bateu o Perugia por 3-0; o Avellino empatou com o Aris de Salónica a um golo; o Nápoles derrotou o Partizan de Belgrado por 4-0; o Dukla de Praga bateu o Torino por 3-0 e o Lazio empatou com o Celtic a um golo.

MARÍTIMO
EM FORÇA
VEM AO
CONTINENTE

Acompanhado por adeptos que encham quatro aviões, o Marítimo desloca-se amanhã ao continente, não apenas para ver o seu emblema actuar em Alvalade mas, também, para tentar assistir ao jogo Porto-Benfica, domingo, nas Antas.

Entretanto, uma curiosidade: diversos lisboetas anunciam descontos aos associados do clube madeirense que se desloquem, reduções que atingem 25% em dormidas e primeiros almoços.

MEDEIROS MULTA

Arnaldo Silva abrangido por castigo: por não ter actuado em boas condições físicas perante o Académico de Viseu, foi multado em dez contos, pelo treinador António Medeiros.

TRIUNFO
DO MARÍTIMO

O Marítimo foi vencedor do torneio a favor das vítimas do sismo dos Açores, ao derrotar,

no Estádio dos Barreiros, no Funchal, o Nacional por 1-0. Mané (aos 67 minutos) foi o autor do tento dos verde-rubros. Ao clube vencedor foi entregue o troféu «Vitorino Nemésio».

A anteceder esta partida e para o 3.º lugar o Real Union de Tenerife derrotou o Lusitania de Angra do Heroísmo, por 2-1.

SPORTING TENTA

Arnaldo Carvalho, defesa «internacional» de «esperanças», ao serviço dos funchalenses do Marítimo, é pretendido pelo Sporting.

MENESES DE FORA

Problema para Fernando Mendes e Radisic: o defesa brasileiro Menezes não pode de frontar o Marítimo, porque se encontra de cama, com um problema intestinal.

Camegim operado

Camegim (Beira Mar) foi operado ao menisco interno do joelho esquerdo.

JUVENIS
PARA O ALGARVE

Com vista ao Torneio Internacional do Algarve, foram convocados os seguintes juvenis: Mayer (Belenenses); Prates (Barcelonense); Casimiro e Durão (Porto); Guimarães, Leonardo, Carlos Pereira, Pacheco, Carlos

Manuel, Carlos Ferreira e Padinha (Benfica); José Carlos (Braga); Carlos Ferreira, Andrade, Carlos Freitas e Damas (Sporting). De notar que existem dois jogadores com o mesmo nome (Carlos Ferreira) mas de clubes rivais.

ÁRBITRO DESISTE

O dr. Mário Graça, árbitro português, acaba de solicitar o licenciamento. Para o seu lugar (2.ª categoria nacional) ascende Eduardo Henrique Lopes Barata.

BENFICA TAMBÉM

O Benfica abstém-se de recorrer da decisão do Conselho Técnico federativo em relação ao protesto (julgado improcedente) do seu jogo com o Vitória de Setúbal.

JORGE: ADEUS, LUZ

O dianteiro benfiquista Jorge (irmão de José Luís) vai deixar a Luz em Julho, termo do seu contrato com o clube rubro.

VITAL EM ESPANHA

Vital deve estreiar-se pelo Bétis no domingo, frente ao Almería. Recorda-se que vai cobrar 1600 contos por temporada, mais estadia e prémios de jogo.

Guarda-redes mata
avançado a tiro!

Um guarda-redes matou a tiro um avançado contrário, que tinha marcado um golo durante um desafio de futebol, disputado no Estado brasileiro de Pará. Pedro Santana (26 anos) o melhor marcador do seu clube, desconfia o feito do seu adversário e marcou o golo. De imediato o guarda-redes puxou de uma pistola e desferiu um tiro mortal na cabeça de Santana.

Segundo os espectadores, o guarda-redes colocava sempre uma pistola, atrás da sua baliza e afirmava que mataria o primeiro que lhe marcasse um golo. Os futebolistas que conheciam o seu feitio «temperamental» evitavam sempre marcar, mas (ao que parece) Santana ignorava a ameaça do guarda-redes e o seu violento humor.

O guarda-redes foi detido no campo de futebol e o desafio interrompido, depois de retirado o cadáver de Santana do rectângulo de jogo.

TELÉ SANTANA
TREINADOR
DO BRASIL

Telé Santana aceitou o cargo de treinador exclusivo da selecção brasileira de futebol. San-

tana, que sucede a Cláudio Coutinho, treina actualmente o Palmeiras de São Paulo, clube com o qual deverá rescindir o contrato para servir unicamente a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

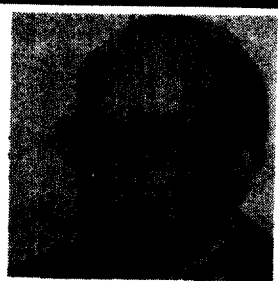
Antigo jogador do Fluminense do Rio de Janeiro, Santana alinhava na posição de extremo-direito atrasado, na primeira experiência desse tipo realizada no Brasil, pelo técnico Zézé Moreira, na década de quarenta.

Depois treinou as equipas do Fluminense, Atlético Mineiro, Grêmio e Palmeiras, entre outros, tendo conquistado vários títulos de campeão regional.

Santana esteve reunido terça-feira, à noite, com o director da CBF, Medrado Dias, e no final do encontro aceitou a proposta, frisando que desejava falar primeiro com os dirigentes do Palmeiras, porque o seu contrato termina no próximo fim-de-semana.

Cláudio Coutinho afirmou em Manaus aceitar a sua destituição e afirmou:

«Treinador da selecção é um cargo de confiança e neste momento a CBF só confia em Santana.»

Leis
do futebol:
Marques
de Matos
volta
a explicar

Temos um respeito profundo por quem estuda. Mais ainda: por quantos, observando e dissecando os mais diversos problemas até ao âmago de cada questão, têm depois a coragem e a alegria de compartilharem o seu saber com quantos se interessarem em seguir o mesmo caminho.

Dá um apreço (profundo) pelo professor Marques de Matos, duas vezes já distinguido com o Prémio Ribeiro dos Reis e, incontestavelmente, o homem que, por estas bandas portuguesas, mais e melhor interpreta em todas as «nuances» as leis que regem o futebol.

Marques de Matos acaba de editar «Chave das Leis do Futebol», um volume de trezentas e tal páginas onde as 17 leis do jogo que a esmagadora maioria do adepto desconhece totalmente (sem que isso o impeça de discutir com gregos ou troianos a razão ou o erro de qualquer árbitro) estão em livro que se impõe tenha dilatada divulgação, se possível extensiva a jogadores, técnicos e dirigentes, muitos deles a bem precisarem de actualizar os parcos conhecimentos com uma viagem às tais leis que, como o macaco Sócrates dizia, «estão ali todas».

Aplaudimos a mãos ambas o trabalho do professor Marques de Matos que, novamente, veio enriquecer a depauperada bibliografia desportiva portuguesa, dando preciosas achegas para a compreensão e interpretação do futebol, um fenómeno que, nas últimas décadas, ganhou inusitada projecção mundial, infelizmente nem sempre rodeada do sentido crítico mais correcto. Marques de Matos dá novo impulso: resta-nos, a todos, melhorar os conhecimentos e actualizar os juízos.

N. de S.

do seguinte modo: 1.ºs, FC do Porto e Sporting, 36 pontos; 3.º, Sangalhos, 33; 4.ºs, Atlético e Benfica, 31; 6.ºs, Ginásio Figueirense e Olivais, 29; 7.º, Barcelonense, 29; 9.º, SLO/Grundig, 27; 10.º, Algés, 24; 11.º, Conimbricense, 20; 12.º, CDUL, 19.

Entretanto, o Conselho Jurisdicional da Federação de Basquetebol deu provimento ao recurso apresentado pelo Ginásio Figueirense, que contestava a decisão do conselho técnico em mandar repetir o jogo com o Benfica. Assim mantém-se o resultado de 91-90, a favor do Ginásio Figueirense.

TÊNIS: «MASTERS»
POR CÁ

José Cordeiro venceu o antigo campeão nacional João Lagos, por 6/2 e 6/4, no jogo da segunda jornada do torneio «mas-

ters» em ténis, a decorrer nos campos do Clube Internacional de Futebol. Nos outros jogos, Luís Filipe derrotou Vaz Pinto por 6/3 e 6/3, Miguel Soares venceu Luís Cruz por 3/6, 6/3 e 6/2 e Manuel de Sousa bateu Arsénio Marta por 6/3 e 6/3.

Por seu lado os irmãos Pedro e José Cordeiro derrotaram Raul Peralta e Vaz Pinto por 6/3, 5/7 e 6/4 no único jogo de pares. O torneio termina no domingo.

RÁGUEBI: JUNIORES
EM SELECÇÃO

A selecção nacional de juniores de rúgbi realizou mais um treino, com vista à sua participação no Torneio da Federação Internacional de Rúgbi (FIRA), que se realiza na Tunísia de 1 a 6 de Abril.

A formação do Técnico colaborou na sessão, em que partici-

param os seguintes juniores seleccionados: Lobato Varela (CDUP), Keating e Henrique (Académica de Coimbra); Cajó Sequeira, Galvão, Eduardo, Coutinho e Amarel (Benfica); Luís Filipe, Paulo Ferreira, Macedo e Armando (Direito), Pinto, Jales e Lupi (CDUL), Lemos, Mesquita e Moita (S. Miguel); Cajó II, Vasco Paulo e Durão, (Cascais); Santos (Técnico); Gómeas (Lousã); Borges (CDUE) e João Paulo (Belenenses).

TÊNIS DE MESA:
DERROTAS
PORTUGUESAS

Duas derrotas portuguesas nos campeonatos de ténis de mesa que estão a disputar-se no País de Gales: ambas por 0-3 e face à Polónia e Roménia.

É TEMPO DE PENSAR EM FÉRIAS!
Caravanas GAIA
FÉRIAS / CAMPISMO / TURISMO

1 QUARTO
1 SALA
1 ROUPEIRO

PREÇO:
55 CONTOS



(PAGAMENTOS ATÉ 24 MESES)

2 QUARTOS
1 SALA
1 ROUPEIRO

PREÇO:
65 CONTOS



RUA DOS INDUSTRIAIS, N.º 15

(A S. BENTO)

LISBOA

TELEF.: 66 04 60

ROTEIRO CULTURAL

BAILADO

O Ballet Gulbenkian apresenta hoje, no Grande Auditório da Fundação, o 2.º programa da sua presente temporada, constituído por «Ante-Manhã» e «Outono» de Vasco Wellenkamp, «Canções Sem Palavras» de Hans van Manen e «Whirligogs» de Lar Lubovitch. Este programa repetir-se-á no sábado, às 16 e 21.30, no domingo às 16 horas, na quarta-feira, às 21.30 e na quinta-feira às 18.30.

O bailado «Ante-Manhã» será apresentado em estreia absoluta. Trata-se de uma obra de carácter contemplativo, em que Wellenkamp terá enredo de, mais uma vez, evidenciar os seus magníficos dotes de criador coreográfico influenciado pelas correntes estéticas da «modern dance». «Ante-Manhã» baseia-se em música do compositor norte-americano George Crumb, e terá um belo cenário do artista plástico Nuno Carinhas, e figurinos de Helena Lozano.

Ainda de Vasco Wellenkamp, veremos «Outono», uma das obras de maior êxito deste coreógrafo. Trata-se de um «pas-de-deux» em que a técnica da dança moderna se alia ao clima intensamente apaixonado da música de

Mahler (o célebre «Adagietto» da 5.ª Sinfonia).

De um dos maiores coreógrafos europeus da actualidade, Hans van Manen, será dançado «Canções Sem Palavras», coreografia de ambiência romântica, servida por uma linguagem de ballet contemporâneo. «Canções Sem Palavras» inspira-se na partitura homónima de Mendelssohn, que nestes espectáculos será interpretada ao vivo pelo pianista Jorge Moyano. A terminar o programa, será interpretado «Whirligogs», uma das peças fundamentais do repertório do Ballet Gulbenkian.

Entretanto, por motivo de dificuldade na obtenção, em Portugal, dos materiais para confecção do guarda-roupa de «A Sagração da Primavera», cuja estreia estava anunciada para agora, este bailado só poderá ser apresentado no 3.º programa da temporada do Ballet Gulbenkian, em Abril próximo.

TEATRO

Na segunda sessão do ciclo que o Clube dos Amigos da Comuna (Clac) dedica aos problemas do teatro e que preencherá todo o mês de Fevereiro, o ensino do teatro será debatido amanhã, a partir das 17 e 30, no casarão da Praça de Espanha.

Madalena Perdigão, Mário Barradas, Jorge Listopad, Eurico Lisboa, Adolfo Gutkin, Carlos Wallenstein e João Mota são os convidados para o debate.

No passado sábado discutiu-se dramaturgia



«Sem título», óleo sobre tela de Raul Perez

antes e depois do 25 de Abril. As dificuldades e alegrias de escrever para teatro em Portugal foram sucessivamente abordadas por Cardoso Pires, Bernardo Santareno, Virgílio Martinho, Jaime Salazar Sampaio, Hélder Costa, Miguel Barbosa, Norberto Ávila, António Vilarinho e Fernando Dacosta, moderados por Luis Francisco Rebelo.

O papel do teatro amador e

da FAOJ no despertar de uma cultura popular foram tema para Vilarinho, que trabalhou na zona de Viseu e Coimbra com grupos amadores.

V. Martinho deu a perspectiva de um grupo que escolheu descentralizar a sua acção, enquanto autores como Cardoso Pires e Salazar Sampaio estabeleceram comparações entre os diversos tipos de pú-

blico a que se tem dirigido a sua escrita.

Os presentes referiam as dificuldades que o teatro atravessa actualmente e reconheceram ter havido um estímulo aos dramaturgos com o lançamento de prémios para novos autores, de pue são exemplo os prémios da SEC e da RTP. Mas afirmou-se que os grupos de teatro não podem representar esses textos por necessidade de escolher um repertório de sucesso garantido.

«Se este País não está interessado nos seus dramaturgos, eu também não estou interessado neste País», afirmou a dado passo Norberto Ávila, ao comparar o sucesso do seu trabalho no estrangeiro com o que tem em Portugal.

Os dois últimos sábados de Fevereiro serão dedicados ao teatro do Estado e ao teatro independente.

Amanhã, também, às 16 horas, o TEC (Teatro Experimental de Cascais) estreará no Teatro Aberto a peça de Orlando Neves, com encenação de Fernanda Lapa, «Os Brinquedos do Tó Zé Fazem Banzé». Trata-se de um espectáculo escrito e concebido para crianças, que levará à confortável sala da Praça de Espanha muita gente, nesta época do ano em que há uma grande procura de espectáculos infantis.

Como não há mal que não acabe (nem, aliás, bem que sempre dure), as crianças, tão esquecidas em matéria de divertimentos (e noutras matérias) passam a contar, a partir de amanhã, com um novo espectáculo que funcionará

todos os sábados, no «Espaço 1-Picadeiro» (ao Monte Estoril), às 15 e 30. Estes espectáculos infantis contarão com a participação de Carlos Alberto Vidal e ainda de um pequeno convidado que todas as semanas será diferente.

CINEMA

Hoje, às 21 e 30, na sede da Associação Portugal-URSS (R. de S. Caetano, 30, em Lisboa), realiza-se uma sessão de cinema com a exibição do filme «Viva Cuba, Viva o Festival!»

No Clube Microcine (Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 70-B, cave), passarão filmes de Fernando Correia Marques.

Prossigue, no Palácio Foz, a Semana do Cinema Jugoslavo, com a exibição, às 18 e 15 e às 21 e 30, do filme «A Procura», de Matjaz Klopčič.

CONFERÊNCIAS

Prossigue hoje, às 17 e 30, no Museu Nacional de Arte Antiga, o ciclo «O Mito, o Simbolo, o Real do Imaginário», apresentação de várias estéticas, sob a orientação de Carlos M. Couto. Esta tarde, o tema é «O mito das origens, a origem do mito», num percurso que vai de Gauguin a Lévi-Strauss, de Derrida a Rousseau, e que passa por uma obra do período «mítico» de Stockhausen.

ARTES PLÁSTICAS

E hoje inaugurada na Galeria Tempo, na Rua Nova de S. Mamede, 17, em Lisboa, uma exposição das últimas pinturas de Raul Perez. A inauguração é às 22 horas e a mostra estará aberta até ao dia 20 das 15 às 20 horas (excepto às segundas-feiras).

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

MOEDAS ESTRANGEIRAS	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	58875	61875
ALEMANHA FED. (marco)	28550	29560
AUSTRIA (xelim)	3590	4510
BELGICA (franco)	15585	15785
BRASIL (cruzeiro)	5837	15087
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	42540	44540
(notas de 5 a 1000)	42590	44590
DINAMARCA (coroa)	9810	9950
ESPAÑA (peseta)	5714	5814
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	49530	51530
(notas de 5 a 1000)	49580	51580
FINLÂNDIA (marka)	13540	14500
FRANÇA (franco)	12515	12575
HOLANDA (florim)	25520	26580
INGLATERRA (libra)	114580	118580
ITALIA (lira)	5056	5066
JAPÃO (iene)	1188	1218
NORUEGA (coroa)	10515	10565
SUECIA (coroa)	11590	12550
SUIÇA (franco)	30570	31580
VENEZUELA (bolivar)	10500	11500

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e havia neblina ou nevoeiro em várias regiões.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	12°
BRAGANÇA	4°
VILA REAL	8°
PORTO	12°
P. DOURADAS	2°
COIMBRA	12°
C. CARVOEIRO	—
PORTALEGRE	8°
LISBOA	12°
ÉVORA	—
SINES	13°
BEJA	8°
SAGRES	13°
FARO	9°
P. DELGADA	13°
FUNCHAL	16°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
7.17 3,4 m 0.40 1,6 m	
19.45 3,3 m 13.10 1,7 m	
Dia 9	
8.08 3,3 m 1.34 1,8 m	
20.47 3,2 m 14.11 1,8 m	
Dia 10	
9.22 3,2 m 2.46 1,9 m	
22.09 3,2 m 15.26 1,9 m	

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu muito nublado, vento fraco ou moderado de sudoeste, períodos de chuva ou chuveiro nas regiões de norte e centro.

AMANHÃ
NASCER ÀS 7.36
OCASO ÀS 18.07

DIA 9 DIA 16 DIA 23 DIA 1

rádio

1.º Programa

17.00: Trajectória, programa da juventude; 19.00: Música portuguesa; 19.30: Jornal da noite; 19.50: Música instrumental; 20.00: Música popular; 20.30: Temas de desporto; 21.00: Música variada; 22.00: Conjuntos; 22.30: Forma e conteúdo, trissemanário das artes e das letras; 23.00: Programa da noite; 24.00: Jornal da meia-noite.

2.º Programa

18.00: Música portuguesa; 19.00: O pianista Robert Casadesus; 19.30: Cancioneiro popular; 20.00: Música sinfónica; 21.35: Música de piano de Schubert; 22.15: Curiosidades musicais; 23.00: Intercâmbio musical; 23.50: Música sacra; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (204m)

17.03: Contacto; 17.40: Contacto com o Mundo; 18.10: Tutti-frutti; 19.03: Carros roubados/SOS; 19.45: Teatro trágico; 20.03: Quando o telefone toca; 20.30: Cartaz; 20.40: Música para meditar; 21.03: Quando o telefone toca; 22.03: Hóquei em patins; 23.40: Ponto final.

Emissão Estereofónica

15.03: Rock em stock; 18.03: Transição; 19.03: Em órbita; 21.03: Forum.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos; 18.15: Igreja em notícia - palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço do Externato do Parque; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.54: Apelos; 21.05: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 21.30: Temas vivos; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 23.30: Actualidade económica; 23.55: Fecho.

544545

centro S.O.S.
voz amiga

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

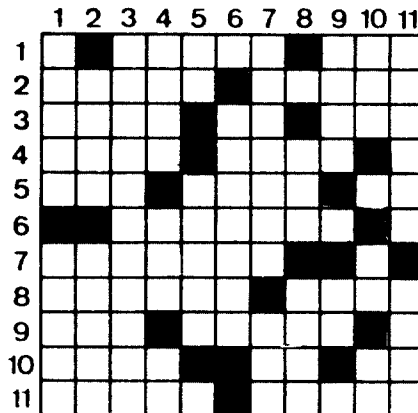
PROBLEMA N.º 12 555

HORIZONTAIS:

- 1 Artigo definido. Calado (fig). Executa.
- 2 Adeja. Pele curtida para usos industriais.
- 3 Cálculo aproximado. Centiare. Grande quantidade.
- 4 Criminosos. Tosta.
- 5 Língua que antigamente se falava no N. de França. Combino. Centiare.
- 6 Dera. massagens a.
- 7 Tingirão.
- 8 Chamar em socorro. Irmão de Abel.
- 9 Doença (inv). Um gosto no meio de muitos dissabores.
- 10 Doce usado no Oriente, semelhante ao manjar-branco. Sua Majestade. Preposição latina que designa movimento.
- 11 Pegada. Espalhado.

Resolva completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



VERTICAIS:

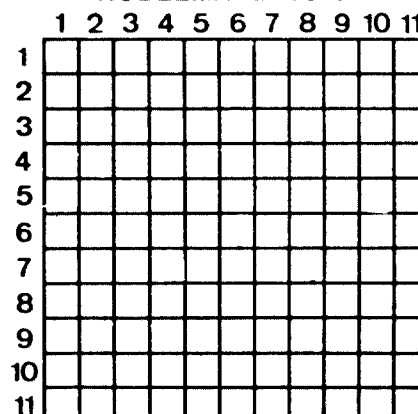
- 1 Realizo. Guardar segredo.
- 2 Guardar segredo. Pedra preciosa.
- 3 Disfarçamos.
- 4 Bois selvagens. Calamidade. Atomo.
- 5 Batráquio. Irmão de Moisés.
- 6 Pisara aos pés.
- 7 Enjeio. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
- 8 Artigo definido. Ribeira de Portugal. Cume.
- 9 Golpe. Campeão.
- 10 Anel. Letra grega. Antigo Testamento.
- 11 Homem indolente (Prov. transm). Sosegado.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8615

HORIZONTAIS:

- 1 Trama. Tosta.
- 2 Concorrentes. Terra nova e arroteada de fresco.
- 3 Agora. Pega. Liquei.
- 4 Tempo do verbo ir. Metal precioso de cor amarela. Campeão.
- 5 Acrescentar. Montão.
- 6 Peixe do Algarve. Fado (pop).
- 7 Chuva. Numeral cardinal.
- 8 Preposição. Nojo. Clima.
- 9 Liga. Reis. Larva das feridas dos animais.
- 10 Protector das letras e das artes, ou dos seus cultores. Cinquenta e dois em romano.
- 11 Grande ribeira da Ásia Russa. Gálio (s.q). Equipas.



VERTICAIS:

- 1 Pontal de areia em frente de Setúbal. Personagem do Frei Luís de Sousa.
- 2 Porção de cereais que se debulham por uma vez na eira. Dêem mios.
- 3 Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Sufixo que designa pequenês. Antes de Cristo.
- 4 Autores. Dobra. Germânico (s.q. e inv).
- 5 O mesmo que ion. Jogo de cartas originário de Espanha. Sódio (s.q).
- 6 Igualmente. Cidade e porto no golfo da Guiné setentrional.
- 7 Pernadas de sobreiro. Serra de Portugal.
- 8 Apellido. Horror.
- 9 Sapo do Amazonas. Nome de uma antiga Agência de Imprensa. Cidade da Alemanha.
- 10 Nome de mulher. Amarraria.
- 11 Aplano. Verbais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 554

HORIZONTAIS:

- 1 PREGUIÇA. Sa.
- 2 Elar. Bar.
- 3 Nios. Tarolo.
- 4 Ut. Civ.
- 5 Nova. Aas.
- 6 Creia. Rilar.
- 7 Carota.
- 8 Pratas. len.
- 9 Fúme. Etna.
- 10 Emara. Lot.
- 11 Zoara. Fa. És.

VERTICAIS:

- 1 NUNCA. FEZ.
- 2 Reitor. Piro.
- 3 Elo. Verruma.
- 4 Gas. Al. Amar.
- 5 Ur. Terá.
- 6 Tia. Ca.
- 7 Cravaras.
- 8 Sir. Ela.
- 9 BOM. FEITO.
- 10 Sal. Batente.
- 11 Arou. Rana.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8614

HORIZONTAIS:

- 1 Capas. Nas.
- 2 Ro. Leçar. Bo.
- 3 Aita. Ralas.
- 4 Vastas. Cair.
- 5 Sá. Ana.
- 6 Ba. To.
- 7 C4. Corola.
- 8 Amansa. Elias.
- 9 Ler. Anima.
- 10 Eu. Orate. Na.
- 11 Obesa. Mas.

VERTICAIS:

- 1 Capas. Nas.
- 2 Ro. Leçar. Bo.
- 3 Aita. Ralas.
- 4 Vastas. Cair.
- 5 Sá. Ana.
- 6 Ba. To.
- 7 C4. Corola.
- 8 Amansa. Elias.
- 9 Ler. Anima.
- 10 Eu. Orate. Na.
- 11 Obesa. Mas.

Provérbio: PREGUIÇA NUNCA FEZ BOM FEITO

cartaz de cinemas e teatros

OS DONOS DA TERRA



RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
 Administração: Rua Castilho, 185 - 1.^o
 Telefones 654531/2/3 - 1100 Lisboa
 Redacção: Publicidade e Serviços Técnicos
 Rua Luz Soriano, 44
 Telefones 321154/5 - 320771/2/3
 Publicidade 368740
 Serviço Notite (Depois das 21h)
 Porteiro 321154
 Mensagens Gravadas 320229
 Endereço Telegráfico Diteca
 Telex 12363 Lisboa Portugal
 Delegação do Porto: Rua do Almada, 30 - 2.^o
 Telefones 20954/5 - 4000 Porto

Governo converte "O Século" em Escola de Jornalismo

O Estado vai criar a "Escola de Jornalismo do Século", vocacionada não como escola superior, "mas como instituição que atraia a juventude que deseja abraçar o jornalismo" — afirma-se em nota da SECS.

A Escola permitirá "reciclar aos níveis intermédios os profissionais de Informação" a funcionar nos edifícios de "O Século" e "como fonte de angariação de receitas" — caber-lhe-á a exploração da "Feira Popular".

Por sua vez, as instalações da Colónia Balmear Infantil de "O Século", em S. Pedro do Estoril serão utilizadas como "casa de repouso dos jornalistas da Terceira Idade e para alojar os jornalistas estudantes da Escola que de tal careçam, pensando-se em especial naqueles que provenham da província e dos novos países irmãos de expressão portuguesa."

"O Século", segundo a nota informativa, será publicado semanalmente, logo que possível, pela Escola de Jornalismo, que ficará detentora do título.

Finalmente, o presidente do Sindicato dos Jornalistas será convidado para fazer parte da Comissão Instaladora — e no recrutamento de docentes será dada preferência a jornalistas que hajam trabalhado em "O Século". O Estado, no decurso desta iniciativa, afirma que vai respeitar "os compromissos relativos à liquidação integral dos salários e indemnizações pela cessação dos contratos dos trabalhadores daquele matutino extinto em 1977."



LONDRES 1 SEMANA
FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS SEMANAIS EM AVIÃO ESPECIAL
1 SEMANA - 8 dias
SÉRIE A - Domingos (todo o ano)
Preço excepcional desde 9.420\$
 * a vantagem dos voos especiais
 Milhares de pessoas dizem com satisfação: "Fui a Londres numa daquelas viagens baratas da LONDRES!"
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
 fundada em 1949
 UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO
 LISBOA Av. da Liberdade 160 Telef. 271141
 PORTO Av. dos Azeites 207 Telef. 217421
 COIMBRA Rua da Seta 2 Telef. 273112
 FARO Av. da República 124 Telef. 257566
 FUNCHAL Rua do Gorgulho 1 Telef. 10778
 CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Certos sectores da Portucel correm o risco de paralisarem por falta de matéria-prima — afirmaram ao "DL" elementos da comissão de trabalhadores do Porto daquela grande empresa pública convictos de que "não há ritmo a que a matéria-prima está a entrar nas fábricas caminha-se para a paragem".

Esta situação é atribuída à incompetência do "conselho de gerência cessante" mas ainda em exercício de funções. Segundo aqueles trabalhadores, as consequências mais graves recairão sobre as fábricas de Viana do Castelo e do Ródão.

Para aquela comissão de trabalhadores, esta é apenas uma das muitas coisas que manifestam o elevado grau de incompetência dos gerentes e que para além da fuga de quadros (dos

mais qualificados) e do agravamento dos gastos desnecessários provoca mal-estar em toda a empresa.

A precisamente a incompetência — dizem-nos — que provoca a supercentralização da empresa em Lisboa, há dias referida pelo "DL" e que "compromete o seu funcionamento", pondo em causa a operacionalidade dos mais variados departamentos. "A empresa torna-se ingovernável, inoperante" — salienta um dos membros da CT, dando um exemplo: para autorizar uma hora extraordinária chega-se ao cúmulo de ter que telefonar para Lisboa. Esta supercentralização implica de imediato uma superburocratização da empresa, com a consequente criação de lugares de directores, adjuntos destes e

adjuntos dos adjuntos dos directores. Por exemplo: a informática do Norte depende do director dos serviços centrais de informática, que por sua vez é subdito do director do serviço de sistemas e métodos, dependente do Conselho de Gerência. Mas há aqui uma particularidade: ao serviço de sistemas e métodos tem apenas uma pessoa que é precisamente o director. Outra curiosidade: este director que é dos mais bem pagos, "chewga a vir ao Porto discutir o simples funcionamento de um escritório como já aconteceu".

Mas o desperdício e empobrecimento de funções não só a este nível que se manifesta: a criação de serviços que já existiam no Porto, com as respectivas direcções em Lisboa, colocou muito

pessoal portuense na "prateleira". Das oito áreas da empresa euqe tinham autonomia no Porto até alturas do governo Mota Pinto, apenas duas têm agora hierarquia na 2.ª cidade do País. As restantes passaram a ser comandadas de Lisboa, a partir de departamentos entretanto criados, enquanto os serviços que eram anteriormente autónomos no Porto baixaram de escalão. Exemplo disso são, entre outras, a direcção da administração de madeiras e a divisão florestal. Surgem assim situações de autêntico "despedimento técnico", sendo muitos quadros convidados à reforma no activo. Alguns quadros não aguentam esta situação e saem. Aconteceu, por exemplo, com um dos técnicos mais prestigiados da indústria de celuloide a

quem lhe foi criada uma tal situação por não querer pactuar com certas coisas que só lhe restou um caminho: sair para o sector privado.

A par disto, os membros do Conselho de Gerência — acusam os trabalhadores com quem conversamos — autono-meiam-se para os lugares mais altos de empresa, acumulando direcções de divisão com a gerência.

Para além de contestarem todo este tipo de actuação, os trabalhadores do Porto pretendem que, à delegação da Portucel desta cidade, seja restituída, pelo menos, a grandeza que tinha com a presença de dois dos membros do conselho de gestão no Porto, situação que existia até Agosto do ano transacto.

"Cabaz-80" foi hoje revelado no Palácio Foz

"Um soco" de mais 15,5 por cento no estômago de todos nós

Será mais caro viver a partir do princípio da próxima semana, quando os novos preços dos produtos que integram o chamado "Cabaz de Compras" (os mesmos do ano findo e mais três espécies de peixe, mas congelado: pescada, bacalhau e red fish) entrarem em vigor. Os novos preços foram esta manhã anunciados no Palácio Foz pelos ministros do Comércio e Turismo e das Finanças, Basílio Horta e Cavaco e Silva, que se encontravam acompanhados por Escalva Gonçalves, secretário de Estado do Comércio. Os aumentos rondam globalmente os 15,5 por cento (cerca de menos 5 por cento que o "Cabaz" de 79) mas envolvem um recurso a subsídios na ordem dos 23 milhões de contos — mais cerca de dez milhões de contos que o "Cabaz" — 79.

Bem vistas as coisas, e a despeito do ministro do Comércio e Turismo ter repetidamente afirmado que a constituição e apresentação do "Cabaz" — 80 a estes preços não é demagógica, a verdade é que o agravamento dos produtos, na prática, revelar-se-á aos mesmos custos do ano passado. A razão parece-nos simples, e para ela não teve de imediato resposta o ministro das Finanças, a propósito questionado pela reportagem do "DL": é que se o aumento médio global é da ordem dos 15,5 por cento relativamente ao último "cabaz" (e menos acentuado que o agravamento da anterior, comparativamente aos preços de 78), não

é menos verdade que o conjunto de subsídios sobe de 13 para 23 milhões de contos. Quem vai arcar com **esses** mais dez milhões?

Desta interrogação deriva uma outra: que esquemas ou mecanismos accionará o ministro das Finanças para diminuir os impostos, quando confrontado, por exemplo, com um subsídio desta ordem? A grande novidade, afinal, é o facto do "Cabaz de Compras" não ser suportado pelo Fundo de Abastecimento, mas pelo OGE. Orçamento Geral do Estado que ainda não está pronto e que contempla, como é forçoso, matéria de impostos. Sobre a hipotética diminuição destes, Cavaco e Silva admitiu-o, mas não referiu à nossa reportagem como.

Foi preocupação de Basílio Horta, técnica e financeiramente muito bem apoiado e complementado por Cavaco e Silva, justificar a necessidade do pão subir (o Governo terá pensado, numa primeira fase, em mantê-lo aos mesmos níveis e só por pura demagogia) e, bem assim, dizer das razões por que o açúcar aumentou na ordem dos 25 por cento. Note-se, a propósito, que este é o agravamento mais acentuado. Depois, e ainda em valores superiores a 20 por cento, subiram os cinco tipos de bolachas (entre 21,4 e 24,5), o arroz carolino, gigante de 1.ª e de 2.ª, as massas alimentícias de qualidade superior e os óleos alimentar, cártamo e girassol (21,4%). O leite e os ovos foram os produtos menos agravados. O frango mantém o preço em vigor e será revisto quando as condições de mercado o exigirem.

O Governo prepara novas medidas e, talvez já na próxima 2.ª-feira reúna os representantes dos órgãos da Comunicação Social para explicar as linhas gerais da contenção de preços e da inflação (segundo Cavaco e Silva) e, a curto prazo, subirá também o preço dos adubos (de acordo com Basílio Horta). Relativamente ao pão, ainda, disse o último ministro que o não aumento do pão levaria a que o trigo (cereal) fosse vendido a preço inferior ao do milho — um absurdo, como absurdo seria — disse ainda Basílio Horta — não subir o açúcar, que será vendido a 30\$00 o quilo quando sai da fábrica a 35\$40 e 36\$00, já com todas as margens de comercialização.

Médico aplica "anestesia dos pobres"

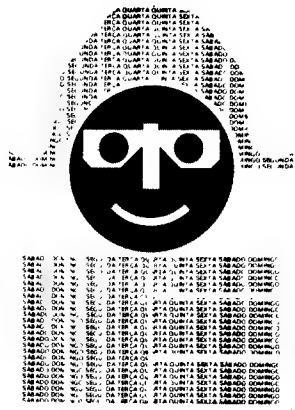
Paulo Neves Ferreira, de 4 anos, foi esbofetado no Hospital de S. João, pelo dr. Leal da Silva. A criança, ao ser anestesiada à mão em que se ferira, mostrou certa resistência. Daí a agressão.

Uma mão descomandada, mão de médico desabrindo, marcou o rosto da criança com uma nódoa negra. Nódoa que talvez não incomode um clínico de serviço na "urgência" dum hospital mas que manchará o branco das batatas de outros médicos...

Preços dos produtos

PRODUTOS	Preços fixados em Abril de 1979	Preços agora fixados	Acréscimo de 1978 para 1979 (%)	Acréscimo de 1979 para os preços agora fixados (%)
Pão de 1.ª pequeno	22\$00	26\$00	22,2	18,1
Pão de 1.ª grande	20\$40	24\$40	21,4	19,6
Pão de 2.ª	16\$20	19\$40	22,7	19,7
Massas alimentícias				
— Consumo corrente:				
— cortadas 1 kg	13\$60	16\$00	25,9	17,6
— massinhas 1 kg	13\$60	16\$00	20,3	17,6
— Qualidade superior:				
— cortadas e massinhas 1 kg	19\$20	23\$20	21,5	20,8
— meadas e bambus 1 kg	20\$00	24\$00	20,9	20,0
Farinhas p/uso culinár.:				
— simples 1 kg	16\$40	18\$60	22,4	13,4
— compostas 1 kg	16\$80	19\$00	21,7	13,1
Bolachas:				
— torrada a granel	47\$00	58\$00	21,7	23,4
— torrada em pacotes	52\$00	64\$00	21,2	23,1
— Maria a granel	52\$00	64\$00	23,8	23,1
— Maria em pacotes	56\$00	68\$00	21,7	21,4
— água e sal a granel	53\$00	66\$00	22,1	24,5
— água e sal em pacotes	58\$00	72\$00	21,8	24,1
Arroz:				
— carolino	30\$00	36\$00	33,3	20,0
— gigante 1.ª	20\$50	25\$00	20,6	21,9
— gigante 2.ª	19\$00	23\$00	18,8	21,1
— mercantil embalado	15\$50	18\$50	19,2	19,4
— mercantil a granel	14\$50	17\$00	20,8	17,2
— corrente	10\$20	12\$00	20,0	17,6
Óleos:				
— alimentar		65\$00		21,4
— soja	53\$50	62\$00	16,3	15,9
— cártamo		65\$00		21,4
— girassol		65\$00		21,4
Margarinas:				
— vaqueiro, banquete sol e outros 1 kg	60\$70	71\$00	16,6	17,0
Frango:				
— carcaças s/miudezas	93\$00	(1)	16,3	(1)
Ovos:				
— classe C, cor branca embal. em ovothermo	48\$50	55\$00	16,3	13,4
Leite:				
— pasteurizado	10\$00	11\$00	17,7	10,0
— UHT gordo	17\$00	19\$00	17,2	11,8
— esterilizado 1/2 gordo	17\$00	19\$00	17,2	11,8
— especial	17\$00	19\$00	17,2	11,8
— comum	9\$00	10\$00	20,0	11,1
— em pó n/instantâneo				
1/2 gordo	127\$00	152\$00	21,0	19,7
Queijo flamengo	195\$00	230\$00	20,4	17,9
Açúcar granulada	24\$00	30\$00	6,7	25,0
Pescada congelada:				
— n.º 0	56\$50	56\$50	—	0,0
— n.º 1	66\$50	66\$50	—	0,0
— n.º 2	66\$50	76\$50	—	0,0
— n.º 3	91\$50	91\$50	—	0,0
— n.º 4	101\$50	101\$50	—	0,0
— n.º 5	115\$50	115\$50	—	0,0
Red Fish				
— até 1/2 kg	5\$50	65\$50	—	0,0
— mais de 1/2 kg	80\$50	80\$50	—	0,0
Bacalhau congelado				
— até 1/2 kg	65\$50	65\$50	—	0,0
— mais 1/2 kg	80\$50	80\$50	—	0,0

(1) o frango mantém o preço anterior e será revisto quando as condições do mercado o exigirem



caixa do PONTO

Um minuto de reflexão

Esta Caixa do Ponto é diferente do habitual. Não vimos desta vez recomendar espectáculos ou recusar espectáculos. Vimos pedir ao leitor, que necessariamente se interessa por teatro, um minuto de reflexão sobre os acontecimentos que durante esta semana ensombraram a actividade do teatro português.

Depois da esperança que os projectos do ex-secretário de Estado da Cultura, Hélder Macedo, justamente fizeram nascer, projectos que aliás nem sequer chegaram a ver a luz do dia, uma imensa sombra parece ter caído sobre o palco do teatro português. É natural: o teatro sempre foi, em todos os regimes reaccionários, um inimigo a abater. No entanto, sempre o teatro demonstrou ser invencível. O fim da civilização grega não significou o fim do teatro, não conseguiu destruir a última semente da qual nasceu esse jogo dos homens, como lhe chamou Rebello, com o qual o homem aprende a conhecer e a reconhecer as luzes e as sombras que atravessam o seu caminho, aprende a descer aos mais fundos abismos e a atravessar sem asas os céus estrelados, aprende a usar a palavra como uma arma, e a luz como uma arma, aprende a transformar o espaço do confronto no espaço da paz e da alegria, aprende a olhar nos olhos o amor da vida (que é negação do ódio da morte). Hoje não vimos recomendar-lhe nenhum espectáculo, leitor, vimos pedir-lhe que ajude os homens do teatro, que nos ajude, a passar o testemunho. Porque, como temos vindo a demonstrar nestas mesmas páginas, 50 anos de fascismo não mataram o teatro. E também desta vez o teatro não morrerá.

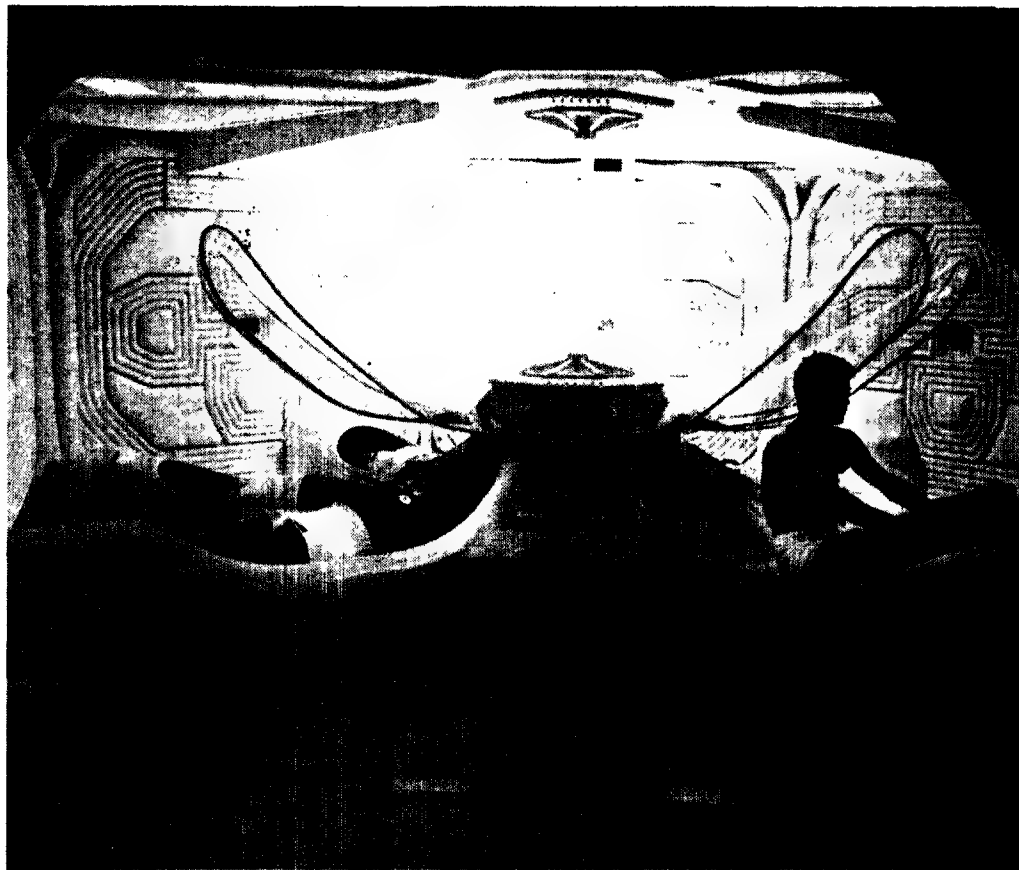
CARLOS PORTO



Ainda Jacques Lacan e a dissolução da sua escola

“É possível contentarmo-nos com ser outro como toda a gente, depois de ter passado uma vida a querer sê-lo independentemente da lei”

Págs. 4 e 5



«Alien»: os cenários são excepcionais, o resto é silêncio



DE 8 A 14 DE FEVEREIRO DE 1980

Obra de Raul Lino no Chiado ameaçada de demolição

A chapelaria Gardénia, no Chiado de Lisboa, um dos raros estabelecimentos comerciais desenhados por Raul Lino que mantém a pureza das linhas originais do começo dos anos vinte, está ameaçada de demolição.

Uma companhia de seguros vizinha pretende anexá-la para nela instalar os seus sanitários.

Na mesma zona, os edifícios da «Pompador» e da «Loja das Meias», obras do mesmo arquitecto, sofreram transformações que as desvirtuaram.

Um professor de arquitectura portuguesa da Escola de Belas Artes declarou que desaparecia «um bom exemplo da arte nova, com um impecável ambiente interior».

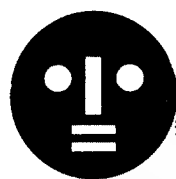
Lembrou que o próprio Raul Lino costumava ir todos os anos, antes de morrer, cumprimentar o proprietário da chapelaria para lhe agradecer a obstinação com que conservava o traço original.

A arquitectura de Lino foi alvo de grande polémica ao longo das últimas décadas, atacada por jovens gerações que viam no seu «estilo português» um símbolo do Estado Novo.

Hoje é geralmente reconhecido como um dos grandes mestres da arquitectura portuguesa deste século.

Combates de Dali

Numa entrevista dada à «Gazeta de Mónaco», Salvador Dali resumiu o seu «eterno combate». Segundo o pintor surrealista esse combate é: «Contra os espinafres, pelos caracóis, contra o cinema pelo teatro, contra Buda pelo marquês de Sade, contra o Oriente pelo Ocidente, contra o Sol pela Lua, contra a revolução pela tradição, contra Miguel Ângelo por Rafael, contra Rembrandt por Vermeer, contra os objectos selvagens pelos objectos 1900 ultracivilizados, contra a arte moderna africana pela Renascença, contra a filosofia pela religião, contra a medicina pela magia, contra os fantasmas pelos espectros, contra os homens por mim próprio, contra o tempo pelos relógios, contra o cepticismo pela fé, contra a montanha pela praia». Enfim...



CINE/PONTO

O amigo americano
 de Wim Wenders
 (RFA-França - 1977)

O amor e a aversão pelo mítico novo continente, o seu cinema e a memória que dele temos. Wim Wenders conquista Lisboa (vai em 15 semanas de exibição) e faz confluír a atenção para o novo cinema alemão. Já era tempo!

Cinema Quarteto-sala 3 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)
 (não acons. men. 18 anos)

Manhattan
 de Wood Allen
 (USA - 1979)

Uma das mais fortes personalidades do cinema nova-iorquino, Woody Allen, congrega a quase unanimidade neste seu filme por onde passam o humor, a ternura, a noite, a cultura, Gershwin, todos nós. Embora não tenha o explosivo fulgor de *Annie Hall*, esta película é um momento de cinema apaixonante.

Cinemas ABCine-sala B (15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h) e **S. Jorge** (15.15, 18.15 e 21.30 h)
 (não acons. men. 13 anos)

A árvore dos tamancos
 de Ermano Olmi
 (Itália - 1978)

Os camponeses olhados com os olhos secos. Um filme belíssimo e intransigente que nos exige a disponibilidade de um novo tempo. Olmi a alcandorar-se à primeira fila do cinema italiano.

Cinema Nimas (14, 17.45, 21.30 h)
 (para todos)

Irmãos de sangue
 de Claude Chabrol
 (França-Canadá - 1977)

Depois de um período menor, para não dizer medíocre, Chabrol regressa num segundo fôlego a acompanhar com atenção.

Cinema ABCine-sala A (14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45 h)
 (interdito a men. 18 anos)

Os donos da Terra
 de Michel Soutter
 (Suíça - 1971/72)

Com fundo de Brahms, sob um céu nuageux, no «centro do

mundo», a revitalização dos jogos da amizade e do amor. Marie Dubois, Jean-Luc Bideau e Jacques Denis tonificantes como sempre.

Cinema Quarteto - sala 4 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h)
 (não acons. men. 18 anos)

Norma Rae
 de Martin Ritt
 (USA - 1979)

Um filme académico mas escoreito, simpático na funda crença na liberdade que o envolve.

Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h)
 (não acons. men. 13 anos)

Noites de Singapura
 de Peter Bogdanovich
 (USA - 1979)

O regresso de Bogdanovich à simpatia do público e da crítica. Pintado de exotismo, com piscadela de olho cinéfila a Bogart, o sabor *faisandé* das produções. Corman e um actor de excepção (Ben Gazzara), *Noites de Singapura* é um filme interessante *ma non troppo*.

Cinema Quarteto - sala 2 (14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30 h)
 (não acons. men. 18 anos)

10 — Uma mulher de sonho
 de Blake Edwards
 (USA - 1979)

Eis como uma encomenda publicitária para lançar Bo Derek se pode transformar numa subtil desmontagem do próprio «animal sexual» que ela figura, pela inteligência insuspeitada de um realizador (Blake Edwards) que costuma falhar três filmes em quatro.

Cinemas City Cine (14.30, 16.45, 19 e 21.15 h), **Terminal** (11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h) e **Vox** (15, 18 e 21.30 h)
 (não acons. men. 18 anos)

Alien — O 8.º Passageiro
 de Ridley Scott
 (USA - 1979)

Já se disse: os cenários são notáveis (a Michael Seymour se devem) o resto é medíocre.

Cinemas Condes (14, 16.30, 19 e 21.30 h) e **Quarteto - sala 1** (14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h)
 (não acons. men. 18 anos)

Meteoro
 de Ronald Neame
 (USA - 1979)

Um filme-catástrofe mais interessante do que o habitual em virtude de transmitir o clima datado da cooperação (a época do SALT-II), clima que o Afeganistão veio nublir.

Cinema Monumental (15.15, 18.15 e 21.45 h)
 (interdito a men. 13 anos)

As estrelas

O Amigo Americano	★★★★★
Manhattan	★★★★★
A árvore dos Tamancos	★★★★★
Os donos da Terra	★★★★
Irmãos de sangue	★★★★
Norma Rae	★★★★
Io — Uma mulher de sonho ..	★★★
Noites de Singapura	★★★
Alien — O 8.º passageiro	★★★
Meteoro	★★★

A «CHAVE»

- ★★★★★ — Excepcional
- ★★★★ — Bom
- ★★★ — Interessante
- ★★ — Desinteressante
- — A evitar

Os filmes de Manoel de Oliveira em Paris

Uma visão muito subjectiva de Portugal

Louis Marcorelles

Numa indústria cinematográfica em que hoje as reputações se constroem à velocidade da luz... e do «marketing», Manoel de Oliveira é uma figura um tanto anacrónica. A iniciativa tomada por Paulo Branco de apresentar pela primeira vez em França, em distribuição comercial regular, o conjunto da sua obra, cinco filmes de longa metragem e uma meia dúzia de curtas metragens adquire aspectos revolucionários. O facto desta obra se estender pela metade do século, grosso modo de 1929 a 1979, e de silêncios imensos lhes quebrarem a sequência — dez anos e mais entre o primeiro e o segundo filme, vinte entre a primeira e a segunda longa metragem — bastam para explicar a dificuldade da criação cinematográfica num pequeno país como Portugal, colocado pela história, e pela língua, longe das correntes modernas. O mal — estar acentua-se se tentarmos traçar uma linha bem direita dessa carreira constantemente interrompida e retomada com fervor, se se pretender introduzir, de vontade ou à força um novo Deus no panteão cinefílico: Manoel de Oliveira não se presta ao jogo. O homem e o artista resistem às definições, aos enquadramentos de prestígio. Pode-se, quando muito, como o fez Georges Sadoul na altura, ver em *Aniki-Bobo* (1942) um precursor do neo-realismo italiano; ou ainda sentir a tentação de aproximar *Benilde ou a Virgem Mãe* (1971) da *Gertrud*, de Dreyer, e, para além dos filmes comparar os destinos destes dois solitários. Com setenta e um anos — nasceu no Porto a 12 de Dezembro de 1908 — Manoel de Oliveira conserva toda a lucidez de um artista durante longo tempo frustrado da obra considerável de uma verdadeira indústria, lho tivessem permitido. Nasce, no entanto, abençoado pelos deuses. O pai é um pequeno industrial que o ajuda a comprar, ainda muito jovem, uma câmara de 35 mm, uma Kinemo portátil para amator. «Desde os dez anos que tinha a paixão do cinema, diz-nos ele. Via todos os filmes. Liguei-me a amigos artistas, pintores, intelectuais; falávamos muito de cinema e senti a necessidade de o fazer. Quando o meu pai me comprou essa câmara comecei logo a fazer o meu primeiro filme, «Douro, faina fluvial», realizado entre 1927 e 1929. Era, naturalmente, um amator sem experiência, nem mesmo de fotografia. «Neste primeiro filme não fiz fotografia. Foi um dos meus amigos, António

Mendes quem a fez. Desviei-o do seu caminho, e digo que o desviei porque ele era arquivista e trabalhava num Banco. Tinha uma paixão pela fotografia e era um excelente fotógrafo, mas organizara a vida de outra maneira. O cinema era para ele uma aventura, tinha mulher, um filho, e vivia do seu trabalho. Desviei-o pois, nas suas horas livres. Filmávamos ao fim da tarde ou de manhã muito cedo. Aproveitávamos os feriados, os domingos. Foi assim que nasceu «Douro faina fluvial». Depois encontramos um local, debaixo de uma escada, e improvisamos lá um laboratório e revelamos a maior parte do filme. Só no fim é que nos resolvemos a mandar o material para um laboratório de Lisboa, para não sacrificarmos as cenas mais longas. As bacias de que dispunhamos eram demasiado pequenas».

De «Aniki Bobo» a «Acto da Primavera»

Depois de *Douro, faina fluvial*, obra prima sobre a cidade do Porto, Manoel de Oliveira teve dificuldade em filmar. Participa então na gestão da empresa familiar. António Lopes Ribeiro, que acaba de fundar uma casa produtora, dá-lhe a possibilidade de realizar *Aniki Bobo*, segundo um conto de um amigo, Rodrigues de Freitas intitulado *Meninos milionários*. «Esses pequenos milionários, muito pobres, explica Manoel de Oliveira, são cheios de imaginação. Recriei a história de Aniki Bobo no bairro à beira do rio. Claro que tivemos de nos limitar, não podíamos ir muito longo no estudo dos problemas sociais, por causa da censura». Depois de Georges Sadoul, André Bazin também falou do filme quando ele foi apresentado no Festival de Veneza nos anos 50. Manoel de Oliveira conhece Bazin no Lido, depois volta a encontrá-lo no Porto: «Ele não tinha uma grande opinião do cinema português. Os meus filmes, principalmente *Douro*, *Aniki-Bobo* e o documentário *O Pão*. Acho que foi depois dessa altura que comecei a ser mais eu próprio. Admirava muito André Bazin, era um homem extraordinário. Quando foi ver-me ao Porto tivemos longas conversas sobre os filmes e os realizadores. Eu tinha curiosidade de saber o que faziam os outros cineastas. Bazin tinha uma visão muito clara, muito precisa,

do cinema. Admirava muito Jean Renoir, sobre quem estava a escrever um livro. Tudo isto me foi muito proveitoso.» Foi só em 1962, vinte anos depois de *Aniki Bobo* que Manoel de Oliveira realizou o *Acto de Primavera*, sua segunda longa metragem, segundo uma representação do mistério da Paixão pelos camponeses de Curalha, na região de Trás-os Montes.

Entretanto Oliveira estivera na Alemanha a estudar a fotografia a cores, e tornou-se o seu próprio operador tanto no *Pão* (1959) como em *Acto da Primavera* e noutra curta metragem, *A Caça* (1964). *O Pão* é um belo documentário sobre o trabalho do homem visto através do ciclo da produção do pão: o cineasta evita cair na ideologia, contenta-se em observar com rigor e ternura o processo da vida humana. Acerca do *Acto da Primavera* disse Manoel de Oliveira quando o filme foi estreado: «Resolvi a pouco e pouco passar de uma representação para uma experiência de vida». Ele quer que «o público se transforme de espectador em participante... que se veja no filme a máquina de filmagem e os técnicos a trabalhar, que a vida repita a vida». Oliveira segue os seus camponeses-actores que preparam a representação, põe a câmara debaixo do nariz dos actores, recia, último esforço físico, uma escolha moral, uma fé. *Acto da Primavera* passa vagamente por Paris, fora de qualquer contexto, sem nada a ver com a restante obra do cineasta.

Com a evolução da situação política em Portugal, a aproximação do fim do regime salazarista, a chegada da revolução dos cravos e os primeiros esforços de organização do cinema português, o cineasta vai pela primeira vez dispôr de certos meios. *O Passado e o Presente* (1971) é a adaptação de uma peça do mesmo nome da autoria de Vicente Sanches. Manoel de Oliveira trabalha agora a cor, utiliza com virtuosismo o travelling mas já não assina a fotografia. Desta vez na grande tradição de Hollywood dos anos 30, um pouco à maneira de Lubitsch. Comédia negra, com alguns toques buñuelianos, história rocambolesca de uma mulher da alta burguesia com os seus dois maridos sucessivos, que morrem, um após outro, conforme as exigências romanescas, para renascerem, sob a forma de pesadelo no imaginário da heroína, depois na realidade, com um terceiro marido que é afinal o primeiro (uma história insensata de

gémeos). *Benilde ou a Virgem Mãe* (1974), traz para o ecran uma terceira peça, de José Régio, amigo de sempre de Manoel de Oliveira e que escrevera com entusiasmo acerca de *Douro*. «Conheci José Régio em 1931, no regresso da crítica, diz-nos ele. Falou-me pela primeira vez de *Benilde* que, ao que pensava, ia ser uma das personagens de um livro muito importante que estava então a escrever, *A Velha Casa*.

Depois, tirou-a do livro e escreveu uma peça sobre ela, em 1947. Eu tinha uma ideia um pouco fantástica de *Benilde*. Foi quando fiz *O Passado e o Presente* que me lembrei de *Benilde*. E logo a seguir pensei no *Amor de Perdição*, que viram em Paris. Nasceu assim a ideia da trilogia. É curioso que Vicente Sanches, o mais jovem dos três, o autor do *Passado*, tenha sido um grande admirador de José Régio que, por sua vez, admirava muito *O Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco.

Acho que, para além dos amores frustrados, há algo que liga estas obras. *Benilde* surpreende, perturba. Manoel de Oliveira inicia o filme pondo mais uma vez as cartas na mesa: estamos no meio do estúdio com os cenários, os objectos que vão entrar no filme, os projectores.

Depois, progressivamente, a câmara entra na realidade do filme, do único cenário do filme. Os actores aparecem então recitamos, com uma tensão insustentável, essa história impossível de uma jovem virgem que se descobre grávida «miraculosamente» (mesmo que sejam salvaguardadas pelos espectadores as aparências da verosimilhança).

«Dirijo-me ao público, diz Manoel de Oliveira e faço-lhe directamente a pergunta. Quero obrigá-lo a reflectir, a julgar por si mesmo como se estivesse no tribunal. Não se sabe na verdade o que as pessoas fizeram».

Depois de *Acto da Primavera* Manoel de Oliveira trabalha em som directo, com a tensão do jogo do actor captada na origem, o diálogo com toda a sua força significativa. É uma estranha curva a que foi traçada por Manoel de Oliveira, tal como a de Dreyer em *Gertrud*: cineastas em plena posse da imagem, mestres do olhar visual, afastam de súbito a sua atenção para outra forma de olhar mais interiorizado, ao qual a palavra, posta em primeiro plano, confere uma dimensão insuspeitada.

Cinema

"10 — Uma Mulher de Sonho"

de Blake Edwards

Blake Edwards é, para o grande público, o realizador das «Panteras» que, com uma regularidade impressionante, chegam aos ecrãs geralmente para nosso desespero. Porém, os mais avisados sabem-no perfeitamente capaz de outra coisa do que seguir vendendo um Peter Sellers esgotado no infável Clouseau. Os outros irão descobrir isso neste **10 — Uma mulher de sonho**, um filme que chega a cheirar a esturro e acaba por se revelar uma surpresa, para quem souber e quiser lê-lo com atenção. A publicidade e o pré-lançamento (contracapa do *Se7e* e tudo) centraram-se em Bo Derek, a mais recente vedetinha de Hollywood. Fotografias com a menina (a senhora, a tipa, a gaja?, o filme também fala disso, isto é, da terminologia masculina/machista na designação de pessoas disponíveis do sexo feminino) estão agora em tudo quanto é revistinha de espectáculos: nua, seminua ou apenas prometendo, Bo Derek é o produto cinematográfico a vender nesta estação. O filme, curiosamente, também o faz: primeiro sugerindo o produto (a visão fugaz de um rosto), depois criando a expectativa (mais de uma hora em que o espectador «sequioso» não lhe vê nem a sombra no ecrã), a seguir apresentando-o e promovendo-o (em sequências de típica publicidade: câmara

lenta, poses cuidadas, progressiva desvendagem do objecto em causa, isto é, o corpo), finalmente demonstrando o irrisório que ele, afinal, é, quer dizer, desmontando o mito e chamando as coisas pelos nomes. É isto, para já, que surpreende. É impossível aos «investidores» em Bo Derek (dos quais o principal parece ser o próprio marido, John Derek, ex-promotor e ex-marido de Ursula Andress) afirmarem que **10 — Uma mulher de sonho** não lhes promove o produto: Blake Edwards faz-lhes um filme de grande estilo publicitário (praias, suites fabulosas, passeios à noite junto ao mar, jantar íntimo, música romântica, a senhora em traje de noite, em fato de banho, em roupão, nua, na obscuridade, ao sol, em contra-luz, eu sei lá, uma infinidade de estereótipos...); ao mesmo tempo, através de uma ironia e de uma estrutura subtilíssimas, Edwards acaba por dissolver todos esses estereótipos numa cáustica subversão do que o filme parece ser à primeira vista. Tratando de sexo, Edwards começa por sinalizá-lo nas suas duas grandes coordenadas (a homossexualidade e a heterossexualidade); é importante ver que, apesar de trabalhar em registo de comédia, Edwards não trata Hugh (o homossexual) em



tonalidades desprezíveis ou ridículas, o que quer dizer, antes do mais, que não está em causa uma valorização de qualquer desses dois caminhos em relação ao outro. De seguida, enveredando pela heterossexualidade, Edwards vai, ainda uma vez, traçar duas linhas: de um lado a mulher inteira (Julie Andrews), do outro «o corpo», a imagem de marca (Bo Derek). O trajecto de George (Dudley Moore) é, evidentemente, de Julie Andrews para Bo Derek mas, outra nota curiosa, George está

em desequilíbrio emocional (andropausa, psicanalista, medo da velhice...) e só por isso percorre esse caminho. Entrementes (num parêntesis absolutamente precioso), Edwards introduz a breve aventura de uma noite com a já-não-jovem americana que começa a acumular falhanços sexuais e se lamenta de que (cito de memória) «um homem quando envelhece adquire um certo charme, mas uma mulher fica apenas velha», constatação que o filme (Julie Andrews), aliás, desmente e que funciona,

ficcionalmente como uma espécie de antecipação de um outro destino. Por fim ao encontrar, intimamente, o objecto erótico dos seus sonhos, George descobre-o frágil, fútil, mecânico, **standardizado** (e é sobre uma imagem **standard** — o Playboy publica-as aos montes — de Bo Derek nua, de barriga para baixo, sobre a cama, que nos despedimos dela): o regresso a Sam (Julie Andrews) não é, assim, um mero regresso à «normalidade» e, de certo modo, às instituições (ele pede-a em casamento...)

mas o regresso à vida, inteira, contraditória, tonificante, viva. De resto, Edwards não perdoa ao espectador que a «visão» de Bo Derek atraia à sala de cinema: deixa-o na posição do voyeur olhando o real pelo óculo castrado do vizinho indiscreto mas nega-lhe um «último espectáculo». Como se houvesse coisas que pertencessem ao domínio do comércio público e outras para viver por dentro da intimidade e que não servem para gáudio de nenhuma plateia.

FICHA:
Título original: 10
Realização: Blake Edwards (USA - 1979)
Argumento: Blake Edwards
Fotografia (panavision/metrocolor c/tiragem technicolor): Frank Stanley
Música: Henry Mancini (canções: letras de Robert Wells e Carole Bayer Sager, música de H. Mancini)
Production designer: Rodger Mans.
Montagem: Ralph E. Winters.
Interpretação: Dudley Moore (George), Julie Andrews (Sam), Bo Derek (Jenny), Robert Webber (Hugh), Dee Wallace (Mary Lewis), Sam Jones (David), etc.
Distribuição em Portugal: Columbia/Warner
Cinemas: City, Terminal e Vox.
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos.
Duração: 113 minutos.

Cinema e papel pintado

A memória do cinema — ano 2

Em França existe a «Saison Cinématographique», um repositório exaustivo, competente e analítico de todos os filmes estreados durante o ano em Paris. Em Portugal existia (e continua a existir) o Boletim Cinematográfico, publicação clerical em fichas, plena de bons conselhos morais, com fichas técnicas incompletas, apreciações críticas de uma imensa disparidade; mas, no cômputo geral, uma publicação útil (que poderia ser cem vezes mais útil se, profissionalmente, mais competente e se menos agarrada à raiz católica da publicação). No ano de 1978 surgiu, apenas às sessões das sextas-feiras do Quarteto, à meia-noite, uma outra publicação fascicular com pretensões a anuário e que dá pelo nome de *A Memória do Cinema*. Já no termo do volume respeitante a 1977, aqui se produziram comentários que comprovavam, na minha opinião, não estarmos perante o anuário que tanta falta faz em Portugal. No termo da publicação referente a 1978 (que em Dezembro se cumpriu) pode dizer-se que não só nenhuma das falhas respeitantes ao primeiro volume se colmatou (mormente no que respeita a uma maior exatidão nas fichas técnicas ou a um critério — qualquer que seja — de selecção

A MEMÓRIA DO CINEMA 78

ANUÁRIO CINEMATOGRAFICO



de filmes merecedores de apreciação crítica: é assim que obras como *Os Violentos*, *A*

mulher do domingo, *Sorrisos de uma noite de Verão*, *O juiz e o assassino*, *O labirinto da*

violência, *O uivo*, *O pecado mora ao lado*, etc., etc., não têm uma linha dedicada... mas outras ainda se criaram, isto para já não falar no procedimento discutível que é citar, publicar e vender prosa alheia sem o consentimento dos autores das mesmas, hábito que urge corrigir se queremos que as relações entre trabalhadores do mesmo ofício sejam pautadas por aquelas regras deontológicas consideradas mínimas em qualquer país civilizado do mundo. De resto é de perguntar qual o conceito que esta publicação (dirigida por J. Guilherme da Silva) faz do cinema ao maquinar para capa uma montagem de 12 fotografias das quais: em todas surgem mulheres; em 4 surgem despedidas; noutras duas em cenas de cama; em três restantes em poses provocantes. O problema não é, evidentemente, moral mas é bom não ignorar certos sintomas para se aquilatar do mal do paciente. Ao fim de dois anos de publicação julgo que o «mal» se pode diagnosticar com simplicidade: esta publicação é uma forma de ganhar dinheiro sem outros interesses profundos que a motivem. Daí não vem, obviamente, qualquer mal ao mundo. Nem bem. E é isso que dói.

J.L.R.

MEMÓRIAS DO CINEMA

Prossegue hoje no Quarteto o ciclo «Memórias do Cinema» com as seguintes sessões duplas, a partir das 23.30 h.

- SALA 1 — Honra a um homem Mau.
 Robert Wise
 Zardoz — John Boorman.
 SALA 2 — Dillinger — John Milins
 Uma Mulher Só — Paul Mazursky
 SALA 3 — Zardoz — John Boorman
 O Regresso da Pantera Cor-de-Rosa
 Blake Edwards.
 SALA 4 — Uma Mulher Só — Paul Mazursky
 Primeiro Amor — Arthur Barron

AGORA EM LISBOA

Na Guilherme Cossoul

HOJE ÀS 21.30
A QUEDA DUM ANJO
 de CAMILO C. BRANCO
 com António Assunção e Ema Paul
GRUPO DE CAMPOLIDE
 Av. D. Carlos I, 61
 - Tel. 66 59 06

VEJA NÓ TEATRO

TODAS AS NOITES ÀS 20.30 E 22.45
 DOMINGOS E FÉRIAS ÀS 16 H

TRINDADE

"A INVASÃO"
 O melhor espectáculo musical de sempre.



Foiga às segundas-feiras

com:

NICOLAU BREYNER
 CARLOS QUINTAS
 ANTÓNIO CALVÁRIO
 HENRIQUE SANTOS
 MAFALDA SANTOS
 M. HELENA MATOS

à frente de um grande elenco

ORQUESTRA DE 25 FIGURAS

Um espectáculo importante para o Povo Português

Transportado pelos Caminhos de Ferro Portugueses

Ainda Jacques Lacan e a dissolução da sua escola

“É possível contentarmo-nos
com ser outro como toda a gente,
depois de ter passado uma vida
a querer sê-lo
independentemente da lei”

Carlos A. Brito

Jacques Lacan decidiu dissolver a Escola Freudiana de Paris. Na manhã de 8 de Janeiro, todos os membros e correspondentes da Escola recebiam a carta histórica em que Lacan participava a sua decisão de dissolver a instituição por ele fundada em 1964, ao mesmo tempo que convidava todos aqueles que quisessem «prosseguir com Lacan» a apresentar, por escrito, no prazo de dez dias, uma candidatura a uma nova associação. Além da estupefacção geral que provocou nos discípulos, a decisão unilateral de Lacan suscitou reacções mais ou menos apaixonadas por parte de alguns membros da escola, comentários contraditórios sobre o meio psicanalítico francês, mas, sobretudo, permitiu a circulação de ideias para lá do espaço fechado das escolas, abriu um espaço de comunicação sobre o trabalho do inconsciente... até agora reservado aos analistas estabelecidos.

Ao nível da sociedade civil, o «golpe» do Mestre situa-se «fora da lei», uma vez que uma Associação da Lei de 1901 só pode ser dissolvida mediante o voto de uma maioria de dois terços.

Ao nível da escola e do movimento psicanalítico francês, o gesto de Lacan é considerado como um acontecimento que revela a actual crise da psicanálise em França. Crise em que ele se orienta. Ao precisar na carta que se reservava o direito de escolher os seus futuros discípulos, Lacan, «pai severo», não só deseja delimitar o campo de acção de uma futura Associação que se reivindicasse da sua obra, como se afirma, à partida, o mestre da sua Escola. De facto, qualquer que seja a reacção dos membros da Escola Freudiana de Paris — adesão, contestação ou ruptura —, Lacan assume o seu desejo de autonomia teórica, prática e

institucional e manifesta o seu prazer de prosseguir como mestre da sua escola. Em suma, Lacan, através do seu acto de dissolução, levanta a questão do poder da palavra nos domínios psicanalítico e social, situando-se nessa questão. Afirma o primado do analítico sobre o jurídico, afirma a autonomia da sua prática analítica e assume o poder de decidir do seu funcionamento e de determinar, em última instância, quem são os agentes do saber lacaniano, que são os seus verdadeiros discípulos.

A carta de dissolução

«Falo sem a menor esperança — de me fazer ouvir nomeadamente. «Sei que o faço — juntamente ao facto o que isso comporta de inconsciente. «É essa a minha vantagem sobre o homem que pensa e não se apercebe que primeiramente ele fala. Vantagem que só devo à minha experiência. «Porque no intervalo entre a palavra que desconhece e o que ele julga tornar pensamento, o homem tropeça, o que não o encoraja. «A tal ponto que o homem pensa frouxo, tanto mais frouxo que se irrita... precisamente por tropeçar. «Existe o problema da escola. Não é um enigma. Também aí me oriento, e não o faço demasiadamente cedo. «O problema apresenta-se de maneira a ter uma solução: a di — a dissolução. «Entenda-se da associação que dá estatuto jurídico a esta escola. «Que seja suficiente que um se vá embora para que todos fiquem livres, é na minha dificuldade, verdade de cada um; é necessário que seja eu na minha escola. «Assim me decido, pela razão que ela funcionaria, se não me opusesse, num sentido contrário

à razão por que a fundei. «Seja por um trabalho, disse-o eu, que, no campo que Freud abriu, restaure a lâmina do arado para a sua verdade; que reconduza a «praxis» original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete neste mundo; que, mediante uma crítica assídua, denuncie os seus desvios e compromissos que debilitam o seu progresso degradando a sua utilização. Objectivo que mantenho. «É por isso que dissolvo. E não lamento os ditos «membros da Escola Freudiana» — antes lhes agradeço, por ter sido ensinado por eles, coisa em que falhei — isto é, tropecei. «Esse ensino é-me precioso. Utilizo-o. «Por outras palavras, eu perovero (no original *père-severe*, pai severo). «E chamo a associarem-se de novo aqueles que, neste Janeiro de 1980, querem prosseguir com Lacan. «Que uma candidatura por escrito os dê a conhecer no mesmo momento perante mim. Num prazo de dez dias, para pôr termo à debilidade ambiente, publicarei as adesões iniciais que tiver aceite, como empenhos de «crítica assídua» daquilo que a EFP alimentou, em matéria de «desvios e compromissos». «Demonstrando em acto que não é devido a eles que a minha se tornaria Instituição, efeito de grupo consolidado, em detrimento do efeito de discurso esperado da experiência, quando ela é freudiana. Sabemos o que custou que Freud tenha permitido que o grupo psicanalítico fosse mais importante que o discurso e se tornasse Igreja. «A Internacional, é esse o seu nome, reduz-se ao sintoma do que Freud esperava dela. Mas não é ela que tem peso. É a Igreja, a verdadeira, que apoia o marxismo com o que lhe dá de sangue novo... com um sentido

renovado. Porque não a psicanálise, quando ela muda de sentido? «Daí a minha obstinação na via de «mathèmes» — que nada impede, mas testemunha do que seria necessário para que o analista esteja em conformidade com a sua função. «Se eu persevero é porque a experiência feita exige contra-experiência que compense. «Não tenho necessidade de muita gente. E há gente de que não preciso. «Deixo-os em plano, a fim de que me demonstrem o que sabem fazer, sem ser atrapalhados-me, e meter em água suja um ensino onde tudo é ponderado. «Aqueles que admitirei comigo farão melhor? Pelo menos, poderão tirar partido do facto de eu lhes dar uma oportunidade. «A direcção da EFP, tal como a formei, expedirá o que se arrasta de assuntos ditos correntes, até que uma Assembleia extraordinária, que será a última, convocada dentro do prazo legal, proceda à devolução dos seus bens, que serão estimados pelos tesoureiros René Bailly e Solange Faladé.

«Jacques Lacan
«Guitrancourt, 5 de Janeiro de 1980»

As reacções

Passado o efeito de surpresa, vinte e seis membros da Escola Freudiana de Paris decidiram tratar o caso judicialmente, alegando que inúmeras irregularidades afectaram o funcionamento da Escola desde Setembro passado. De facto, o conselho de administração da Escola chegava ao fim do mandato. Foram então enviadas duas convocações: uma para uma assembleia ordinária, outra para uma assembleia



extraordinária, destinada a modificar os estatutos. Embora não se tenha realizado esta última assembleia, o conselho de administração foi modificado. Segundo a acusação, o conselho de administração não foi renovado em assembleia, logo, não existe, não havendo portanto instância legal capaz de desatar o nó da dissolução. Os 26 psicanalistas exigem que seja designado um administrador provisório para obter a regularização necessária a uma dissolução «em boa ordem». Entre eles, encontram-se Michèle Monterlay, Michel de Certeau, François Roustang. Pela parte oficial, a vice-presidente e tesoureira da escola, Solange Faladé, enviou aos membros da escola uma carta prometendo que a via legal seria absolutamente respeitada informadamente a sua carta de amor, temerosos de não ser aceites. Mas para os outros, os que pretendem pensar por si próprios, referindo-se à obra de Lacan e não à sua pessoa, porque consideram, de acordo com o pensamento do próprio Lacan, que a obra escapa ao seu criador, pertence a todos, ou seja a ninguém, para esses, o combate a travar é tanto mais ambíguo, porquanto se trata, no fundo, de opor Lacan a Lacan, independentemente de Lacan». Em seguida, indica as razões que lavaram François Roustang e Claude Rabant a colocar-se no terreno jurídico: «A sua maneira, eles recordam que o meio psicanalítico, por mais fechado que pareça ser, funciona como um microcosmos do conjunto do corpo social. Nele se pode observar, como na lupa, as movimentações políticas em torno do poder, transpondo as

noções de ditadura, burocracia, culto de personalidade, totalitarismo, dissidência. Esse corpo segrega, como a sociedade civil, os seus marginais, os seus leucos, as suas mulheres, os seus esquecidos. E se nestes tempos de crise ideológica, se tem a sensação de que a «Declaração dos Direitos do Homem» é o último baluarte da ética política, guardadas as devidas proporções, a iniciativa dos contestatários do lacanismo, ao referirem-se aos estatutos da escola, deriva da mesma sensação». Por sua vez, «Le Monde» publica as explicações de Jacques-Alain Miller e François Roustang, membros da escola, de que passamos a reproduzir os excertos mais significativos.

O futuro de um sintoma

por Jacques-Alain Miller

Era ela ou ele. Se, subitamente, não a tivesse dissolvido (dizendo-o apenas), a «escola» tê-lo-ia enterrado, com o seu ensino. Daí a revolta do escravo, Lacan, que trabalhava para todos os outros, a greve que fez durante dois anos (o seu famoso «silêncio») e agora a morte da amante infiel. «Ela resistia-me, assassinei-a!» Os homens de lei ocupam a cena. Cai o pano, mas volta a subir. Felicitam o assassino de terceira idade, correm para junto dele, que já cria uma sociedade dos amigos do crime. O lado farsa da história, que não escapa a ninguém, não deve fazer crer que se trata de um acontecimento tipicamente parisiense. É um abalo de terra, o anúncio de uma época nova da psicanálise. Aí está ela desencadeada.

Os psicanalistas sempre sonharam cancelar o saber que se elabora a partir da experiência de Freud. Ainda hoje, os seus institutos dão-se ao ridículo de impor condições de admissão draconianas. Mistérios de embrulhinho, esconderijos para verdades murchas, quando o saber já se pôs a andar há tanto tempo, já

New York Review - Opera Mundi



está fora, passeando-se pela rua.

Esta herança verlinense (1920, primeiro instituto de formação dos analistas, fundado por Eitingon) compreende-se agora, porque a eficácia da «interpretação» (intervenção do psicanalista) se deve ao efeito de verdade que ela produz, sem que a surpresa tenha lugar (é ver a dissolução da escola freudiana, precisamente). Pode-se aliás constatar que a duração das curas prolongou-se sensivelmente à medida que o saber analítico se integrava cada vez mais do discurso comum, enquanto antigamente acontecia e se baptizasse de «análise a Freud» alguns passos dos no jardim em sua companhia.

Se Lacan mantém a aposta, desde há trinta anos, de divulgar a quem quer que chegue a teoria que ele constituiu com a sua experiência, é porque ele a renova. E é igualmente o que o faz prosseguir na prática das «sessões curtas» (a psicanálise não é uma relaxação). Os psicanalistas ainda não lhe perdoam por ter aberto o seu seminário. Queriam-no só para eles. Que desperdício! É muito simples: está a sabotar o inconsciente!

Com a feliz dissolução da escola freudiana, com os quinhentos, mil ou dois mil membros da nova associação de Lacan, a psicanálise vai conhecer, em França, pelo menos um outro curso, um outro estilo, deverá e poderá a psicanálise ser feita por todos, e não por um? Em qualquer dos casos, ela tem o futuro de um sintoma.

Talvez

por François Roustang

Aqueles que pensavam a escola freudiana dissolvida, a simples recordação de que isso não acontece, dados os estatutos da associação, revelou-se a muitos como uma posição grotesca: como pode um psicanalista recorrer a uma situação jurídica? Pequena questão que leva a levantar outras mais importantes.

Porque a proposta que envolve este espanto enuncia-se da

seguinte maneira: um psicanalista pode permitir-se fazer não importa o quê. O campo em que actua não tem limites, não é marginado por nada, é um dentro sem fora. Decerto, o psicanalista, na sua prática, não só não tem que prestar contas a ninguém, como não pode prestar contas a ninguém, porque o que se passa no consultório, sendo da ordem do sonho, do fantasma, do desejo, não cai sob a alçada de nenhuma ligação social. Já aqui são, entretanto, colocados estritos limites internos: exige-se que o analista não utilize no seu interesse a relação transferencial, que procure não criar discípulos, que meta entre parêntesis as suas próprias opiniões, que tenha em vista a independência final do paciente, em suma, que não saia da posição que aceitou tomar em relação àquele que escuta. Mas a ausência de ligação social cessa, como é evidente, quando o psicanalista sai do consultório, quando encontra

vários psicanalistas e trata com eles de questões teóricas e práticas. Ora, surgiu à luz do dia, pelo menos em França, há uma dezena de anos, uma ideologia que defende não ter de se instaurar uma ruptura entre a relação analítica e o resto da existência, porque a psicanálise é juiz de tudo e não tem de ser julgada por ninguém. O que se esboça, de facto, no horizonte desta mutação da análise como dentro sem fora, é a fusão de todos os seus membros num só. O pequeno drama ou a comédia que está em cena reveste um significado que ultrapassa em muito o campo da psicanálise. Se existe uma esperança, talvez, de escapar à iniciativa de um único, só poderá ser pela decisão mais solitária e secreta, essa loucura, como essinalava Kierkegaard. Porque de nada serve opor-se-lhe. Todavia, o não que é proferido face ao nome de um pode servir instantaneamente de compasso de espera para se ter o tempo de

decidir, contra todas as evidências e sem qualquer preocupação com as consequências, pois talvez existam vários homens, vários caminhos, várias palavras. Não vejo que a experiência psicanalítica possa prosseguir fora desta hipótese mínima.

As escolas e a crise da psicanálise em França

por Roland Jaccard

A França foi, durante muito tempo um dos países mais refractários à psicanálise. Ainda que a Sociedade Psicanalítica de Paris tenha sido fundada em 1926, graças à princesa Maria Bonaparte, seria preciso esperar pelos anos 50 e, particularmente, pela criação do Instituto de Psicanálise da Rua Saint-Jacques, em 1954, para que os efeitos da revolução freudiana comecem a fazer-se sentir timidamente. Trinta anos mais tarde, que imagem da psicanálise se faz em França?

Aparentemente, é a glória. Ela detém a posição cimeira. Impossível de ignorar. Tornou-se a referência mais alta, a «coqueluche» dos intelectuais. Quer em psiquiatria, em filosofia, em literatura, em etnologia, em sociologia, em linguística, ela ocupa um lugar privilegiado, como se o acesso aos segredos do inconsciente que ela promete lhe garantissem privilégios exorbitantes. Além disso, raros são os editores que não publicam uma ou mesmo várias colecções ou revistas de psicanálise. Se há cinquenta anos um jovem psiquiatra precisava de uma enorme coragem para se fazer analisar, hoje, ainda precisa de mais para recusar passar pelo divã. De maldita, a psicanálise tornou-se, não só um dos elementos indispensáveis do *Curriculum vitae* e um trunfo para qualquer intelectual que se repete, mas ainda o local de passagem — ou até de iniciação — para quem quer conhecer-se melhor.

Os psicanalistas franceses pertencem a sociedades rivais: a mais antiga, a Sociedade Psicanalítica de Paris, conta 268 membros, a Associação Francesa de Psicanálise, mais universitária, 41 membros, a Escola Freudiana, criada por Lacan, 465 membros, e o Quarto Grupo, dissidente lacaniano, 80 membros.

Acrescentemos ainda que todas as sociedades de psicanálise têm em comum o facto de serem fortemente hierarquizadas e que a formação médica e psiquiátrica, quando não é exigida, facilita muito a admissão do candidato. Mas uma análise «pessoal» ou «didáctica», acompanhada por um ensino específico, constitui a condição *sine qua non* para vir a ser psicanalista. Antes de ser uma teoria sofisticada dos processos psíquicos inconscientes, a psicanálise apresentou-se como um método original de tratamento das desordens nervosas: a libertação da palavra do sujeito devia implicar um desaparecimento dos seus sintomas. Para o psicanalista, quer receba os pacientes no seu consultório, o que é o caso mais frequente, ou no dispensário, o trabalho terapêutico ocupa o essencial do seu tempo. O seu prestígio deve-se, aliás, ao facto de participar do prestígio do papel médico, juntando a este algo mais, que é, no espírito do grande público da ordem, ora da hipnose, ora da confissão. Curiosamente, os psicanalistas franceses interrogam-se pouco sobre esta parte da sua actividade, a não ser para sublinhar como é suspeito o desejo de tratar — mas o que não é, em psicanálise? Freud estava perfeitamente consciente dos limites do seu método, a ponto de escrever ao pastor Pfister: «as melhores condições de uma psicanálise reúnem-se onde esta não é necessária, no indivíduo de boa saúde».

A única inovação que dá crédito aos analistas franceses é o encurtamento do tempo das sessões. Em Viena, elas duravam uma hora e eram geralmente quotidianas. Em Paris, elas oscilam entre três quartos de hora e meia hora (para os lacanianos) e são geralmente bi-semanais. O

tempo no divã, em contrapartida, aumentou singularmente, não é raro ouvir falar de análises que se prolongam dez anos ou mais.

Quanto a Lacan, reduziu as sessões a alguns minutos, ou mesmo segundos, mas não os honorários. Entretanto, o seu prestígio é tal que ninguém, à parte Cornélius Castoriadis, ousou denunciar essas práticas. Mas deixemos de lado o domínio da prática e falemos antes da teoria. Não era Freud quem escrevia o seguinte?:

«Disse muitas vezes que considero o significado científico da análise mais importante do que o seu significado médico, e, na terapêutica, a sua acção de massa pela explicação e exposição dos erros como mais eficaz do que o tratamento das pessoas isoladas». Ninguém negará que a preocupação de teorizar — mesmo sob a forma de «ficção» — constitui o imperativo categórico, a ambição derradeira de qualquer psicanalista. A ponto de, muitas vezes, se agarrar tanto à sua própria teoria, ou mais, do que à sua identidade.

Terceiro Congresso Internacional de Psicanálise em Milão

O Terceiro Congresso Internacional de Psicanálise, organizado por Armando Verdiglione, realiza-se, este ano, no Palazzo delle Stelline, em Milão. A partir do dia 30 de Janeiro e durante quatro dias, «o inconsciente» está no centro das duzentas e cinquenta intervenções programadas. Um debate que irá dar que falar, se, como foi anunciado, comparecerem todas as vedetas. Entre elas, Carmelo Bene, Jean Baudrillard, Philippe Sollers, Thomas Szasz, Salvador Dalí...

Os três congressos realizados após 1975 foram intercalados de numerosos colóquios, igualmente concorridos, e vão ser seguidos de um quarto a realizar em Nova Iorque. Armando Verdiglione, o organizador, reanimou a psicanálise em Itália, sobretudo a partir da criação da Associação Psicanalítica Italiana, em 1973, através da realização de conferências, da mobilização dos analistas, da publicação de numerosos textos vindos de todas as vanguardas filosóficas e, finalmente, da criação da sua própria revista «Spirali», revista internacional de cultura. Gilles Deleuze, Félix Guattari, Roger Gentis e David Cooper participaram nos primeiros congressos. Estas grandes manifestações foram contestadas por diferentes adversários, nomeadamente, os antipsiquiatras de tendência comunista, as feministas e até pelas instituições mais tradicionais (Fornari). O vírus parece estar a alastrar pela Europa. No próximo mês de Maio, realizar-se-á um colóquio em Paris. Em Setembro, sairá o primeiro número da edição francesa de «Spirali». Entretanto, Verdiglione tenciona abrir uma editora em Milão, que abrangerá, pelo menos, os campos da lógica matemática, da poesia, do direito e da psicanálise.

Teatro

Dez anos de teatro

Ainda o trabalho dos grupos independentes

Carlos Porto

Proseguimos hoje com o levantamento dos principais marcos da actividade dos grupos independentes no período compreendido entre 1970 e o 25 de Abril. Depois do trabalho dos Boncreiros, da Comuna, do Grupo 4, do Teatro da Cornucópia, do Teatro Estúdio de Lisboa, do Teatro Experimental de Cascais, veremos o que se passou nos restantes grupos.

Casa da Comédia

Para se entender a tipologia e a importância da Casa da Comédia deve-se ter em conta o facto dos seus estatutos diferirem daqueles por que se guiavam os outros grupos. A Casa da Comédia foi fundada em 1946 por Fernando Amado, tendo reconhecido a sua actividade alguns anos mais tarde, sob a forma de um clube de teatro. Portanto, em vez de ser um grupo institucionalizado, a C. da C. tinha uma direcção que convidava encenadores e actores para fazerem no seu pequeno mas simpático espaço da S. Francisco Borja, às Janelas Verdes, os espectáculos que lhes interessassem. Mercê dessa política relativamente aberta foi possível assistir a alguns dos mais interessantes espectáculos do t.p. dos anos 60/70. Referi já o facto de ter sido sobre um espectáculo da C. da C. — «Fando e Lis», de Arrabal, com encenação de Norberto Barroca — que inicii a minha actividade regular de crítico neste jornal. Antes disso, a C. da C. produziu, entre outros, um Beckett, «Dias Felizes», espantosa criação de Glicínia Quartin, numa encenação de Artur Ramos (1968). Vem a propósito lembrar este espectáculo pois devia ser agora reposto na sala de teatro experimental do São Luís, ainda com Glicínia Quartin. A estreia estava prevista para breve, pois a parte de carpintaria do cenário estava pronta e as fotografias que o completavam em execução (a cenografia era de João Abel Manta). Em 1969, Jorge Listopad dirigiu «Dança da Morte», de Strindberg, uma grande criação de Carmen Dolores, e em 1971 o mesmo encenador conseguiu a proeza de desenterrar uma peça mais do que esquecida, ignorada, «O Fim» de António Patrício, qualquer coisa como um Shakespeare revisto por Beckett. Foi esse um dos mais belos espectáculos desse tempo, graças a um excelente enquadramento cénico de Ruy Mesquita, ao trabalho criativo do encenador, à fabulosa interpretação de Manuela de Freitas.

Sobre ele, escrevi então: «Consideramos esta leitura de «O Fim» como uma experiência em que actores de aqui e de agora recriam personagens fixadas no papel e que passam a existir lucidamente, com os olhos abertos não como sonâmbulos. Experiência que não destrói o texto do poeta mas procura nele as coisas mais fundas, as que estão para além do espelho. Listopad provou ser possível, em Portugal, um espectáculo em que um encenador articula o seu discurso com o do próprio texto, de tal forma que o resultado constitui uma obra em que significados e significantes se fundem definitivamente. Só uma coisa me dói: que este espectáculo seja apenas para as nossas (silenciosas) minorias». Em 1972, a C. da C. confirmou a sua vocação para o novo e para o perturbador. Se «O Fim» propunha uma alteração sensível do espaço, com os actores misturados com os espectadores (e neste aspecto alguns espectáculos da C. da C. foram mais longe do que grupos como a Comuna), com «Deseja-se Mulher», de Almada (1972), o teatrinho transformou-se

num cabaret em que os espectadores se sentavam em mesas espalhadas pelo recinto para assistirem a uma recreação notável do texto de Almada, trabalho que revelava uma encenadora (Fernanda Lapa) e vários actores, aliás pouco interessados no teatro profissional. Ainda em 1972, Jorge Listopad regressou à C. da C. para retomar a «Dança da Morte», agora reescrita por Durrenmatt com o título «Play Strindberg». Num ring colocado a meio da sala, Carmen Dolores e Augusto Figueiredo travavam um combate mortal. Carmen Dolores continuava a mostrar a sua classe de grande actriz e Augusto Figueiredo revelava a seus olhos pela primeira vez, uma capacidade de ir ao fundo da personagem de que poucos actores seriam capazes.

O ano de 1972 foi decididamente um ano facto nos anais da C. da C., como se diria na Academia. Além dos espectáculos já referenciados, citarei ainda um outro com duas peças de Arrabal («Os Cubos», em estreia mundial, e «Uma Tartaruga Chamada Dostoiévski»), encenadas por Herlânder Peyroteo que fez outra encenação, a do «Dom Quixote», de António José da Silva, apresentada nos jardins do Palácio das Galveias; «Leonce e Lena», de Buchner, na encenação de Carmen Gonzalez; «Alice nos jardins de Luxemburgo», de Romain Weingarten, ainda uma encenação de Jorge Listopad.

No entanto, estes últimos espectáculos situavam-se num plano inferior em relação aos anteriormente citados. O mesmo, aliás, poderei dizer de dois outros com que abriu a década de 70: «A Batalha Naval», de Jaime Salazar Sampaio, numa encenação de Victor Poitout, e um espectáculo com três peças de Valle-Inclán («A Cabeça do Baptista», «Laço de Sangue» e «Sacrilegio»), com encenações de João Osório de Castro (1970).

Com «Ho Papá, Pobre Papá, a Mamã Pendurou-se no Armário e Eu Estou Tão Triste...», de Arthur Kopit, (1973), a C. da C. dava um novo salto. Além da qualidade do texto, do trabalho excepcional de dramaturgia, da leitura cénica e da direcção de actores de um encenador estreado (João Lourenço, que pertencia ao Grupo 4), este espectáculo ia um pouco mais longe e propunha uma crítica ao mesmo tempo extremamente divertida e contundente da civilização norte-americana. O trabalho de Fernanda Alves, Jorge Vale, Vasconcelos Viana, depois de Mário Viegas, de Ângela Ribeiro, ajudou a dar a este espectáculo um «punch» que o colocava ao lado dos melhores espectáculos dos Boncreiros e da Comuna.

O 25 de Abril veio apanhar a C. da C. com um espectáculo em que se estreava na encenação um outro elemento do Grupo 4 (Morais e Castro) que dirigiu a peça de um conhecido dramaturgo brasileiro, Nelson Rodrigues, «Doroteia». Peça para seis actrizes, permitiu juntar um naipe difícil de reunir: Maria do Céu Guerra, Lia Gama, Marília Gama, Inês Palma, Ângela Ribeiro, Eduarda Pimenta. As intérpretes e os óptimos figurinos de Manuel Alberto triunfavam num espectáculo traído por um texto lantejoulado.

Apesar da irregularidade qualitativa que marcou a sua actividade, a C. da C. manteve, nesse período, um nível que fez desse espaço teatral um dos mais prestigiados de Lisboa, em termos de público muito minoritário que se interessava por este tipo de teatro.

Teatro Experimental do Porto

Seria injusto esquecer a actividade



«O papá», pobre papá, a mamã pendurou-se no armário e eu estou tão triste...» de Arthur Kopit, pela Casa da Comédia

do T. E. P. num período muito difícil em que a centralização política e cultural era, apesar das carências óbvias que ainda se verificam, muito mais forte do que hoje. Depois de ter apresentado, em 1969, uma peça brasileira («A Raposa e as Uvas», de Guilherme Figueiredo, com encenação de Nunes Vidal) e uma peça francesa («A Desconhecida de Arras», de Salacrou, com encenação de Luís Tito), o T. E. P. apresentou, em 1970, um único espectáculo: «A Peliça», adaptação da novela de Gogol, com encenação de José Cayolla. A longa crise que o T. E. P. vivia desde há anos (na verdade nunca conseguira recompor-se da saída de António Pedro) parecia atingir proporções irremediáveis. Essa crise manifestou-se

preferencialmente, como não podia deixar de ser, na qualidade dos espectáculos apresentados: «Bodas de Sangue», de Lorca, encenação de Carlos Cabral (1971); «O Mais Feliz dos Três», de Labiche, também numa encenação de Carlos Cabral (1971); «A Batalha Naval», de Jaime Salazar Sampaio, encenação de Carmen Gonzalez (1972); «Uma Nova Leitura de Os Fidalgos da Casa Mourisca», encenação de Correia Alves (1972), etc.

«Fim de Festa», de Beckett, encenação do argentino Júlio Castronuovo (1970), uma outra encenação deste, «As Vítimas do Dever», de Ionesco (1973); «O Espertalhão», de Ângelo Beolco, encenação de José Gayolla (1973); «Woyzeck», de Buchner, também com encenação de Cayolla (1974), pouco antes do 25 de Abril, foram os únicos espectáculos que justificam uma citação especial nesta lista de espectáculos. Todavia, o grande espectáculo desse tempo e de toda a década no T. E. P., e uma das mais polémicas e escaldantes encenações do teatro português, do teatro ibérico (poderei dizer) dos anos 70, foi, claro, o espectáculo do castelhano Angel Fácio com «A Casa de Bernarda Alba», de Bernarda

era interpretada por um travesti (um inesperadamente notável Júlio Cardoso). Espectáculo dedicado às vítimas da repressão sexual, provocou no Porto, como acontecera anos antes com «A Promessa» de Bernardo Santareno, os arrepios dos católicos integristas que se entretinham a esgravatar nas paredes os cartazes que anunciavam

o espectáculo, que, aliás, acabaram por ser proibidos. Escrevi sobre ele: «Um espectáculo como este dispensa o exercício crítico porque ele próprio o contém. (Trata-se) de uma das mais sérias e definitivas tentativas para um teatro de criação em Portugal, entendendo como tal o teatro em que o texto é objecto de uma recriação crítica e, sendo embora respeitadas as prerrogativas do seu autor (o que significa que o texto não foi minimizado como mero pretexto, o que tem vindo a acontecer com algum teatro de vanguarda), o texto escrito passa a ser um dos elementos do espectáculo cuja linguagem autónoma nasce e subsiste graças à articulação dos vários elementos significativos que o compõem, assumindo todos igual importância e obedecendo ao mesmo padrão estilístico, a mesma unidade formal e contéudística: o dispositivo cénico, a iluminação, a sonoplastia, a interpretação em todos os seus aspectos, desde a marcação dos corpos no espaço à marcação do espaço nos corpos, da expressividade do rosto ao jogo do conjunto, até ao ponto igualmente fundamental da fusão do espectáculo com o público, da integração público/espectáculo no mesmo todo (sem para isso ser necessária a participação física do espectador). Este espectáculo em que o desejo é uma linha contínua que o atravessa como um relâmpago que se prolongasse na noite sombria, é um dos espectáculos mais belos e superiores, do ponto de vista moral, que tenho visto ultimamente. Com ele, o T. E. P. volta aos melhores tempos de António Pedro, quer dizer, volta ao primeiro plano do teatro que se faz em Portugal».

Infelizmente, o espectáculo de Fácio não teve a indispensável continuidade, foi como um relâmpago na noite cinzenta em que o T. E. P. vivia, e que continuaria ainda por algum tempo. Até retomar, depois do 25 de Abril, novos e mais interessantes caminhos, como veremos.

Outras tentativas

Entre o teatro independente e o teatro nacional, por um lado, e o teatro comercial, pelo outro, situaram-se algumas tentativas de criação de um teatro de qualidade (relativa) capaz de interessar a um público vasto. A mais duradoura e ambiciosa dessas tentativas foi de

iniciativa do actor Igrejas Caeiro que conseguiu a criação de um novo espaço cénico, o Teatro Maria Matos, inaugurado em Outubro de 1969 com a peça de Aquilino Ribeiro «Tombo no Inferno», encenação do próprio Igrejas Caeiro. O melhor espectáculo desta série foi a adaptação do romance de Eça, «A Relíquia», por Luís de Stau Monteiro e Artur Ramos e com encenação deste último (1970). Num excelente cenário de João Abel Manta, Artur Ramos construiu um espectáculo ao mesmo tempo muito cuidado, sob o ponto de vista plástico e de marcação e direcção de actores, e com uma carga crítica rara neste tipo de teatro.

Numa deslocação a Madrid, o espectáculo da companhia de Igrejas Caeiro obteve um grande êxito para o que deve ter contribuído a homogeneidade do elenco, com Lourdes Norberto, Mário Pereira, Elvira Velez, Ruy Furtado, Costa Ferreira, etc. Depois destes espectáculos, o nível da companhia do Maria Matos desceu sensivelmente: tanto «O Inocente», de Calvo Sotelo, com encenação de José Osuña (1970), como «Jogos de Sociedade», de J. J. Alonso Milan, com encenação de Igrejas Caeiro (1971) foram espectáculos sem interesse. Uma outra companhia, esta com outras ambições artísticas, foi formada por Artur Ramos e iniciou as suas actividades no Teatro Villaret nos finais de 1970, o Grupo de Acção Teatral. Depois de uma encenação fria, pouco comunicativa da adaptação de Gide e Varrault do romance de Kafka, «O Processo», encenação de Artur Ramos (1970), o G. A. T. apresentou uma comédia inglesa, «Sexta-Feira, Quatro e Um Quarto», de Keith Waterhouse e Willis Hall, encenação de Armando Cortez (1970), espectáculo que, como o anterior, não obteve o interesse do público a que se dirigia. Em Fevereiro de 1971, o G. A. T. estreou uma peça célebre de Arthur Miller, «Depois da Queda», e em Maio do mesmo ano, uma outra adaptação de Eça, esta feita por Artur Portela e por Artur Ramos, «A Capital», ambos com encenações de Artur Ramos.

Apesar da relativa qualidade dos espectáculos, do nível do elenco, com Lourdes Norberto, Glicínia Quartin, Rogério Paulo, Síndre Filipe, João Guedes, António Montez, entre outros, o G. A. T. não conseguiu resistir à falta de apoio económico e às dificuldades

postas pela censura, como acontecia em relação a outros grupos.

O próprio Vasco Morgado tentou, uma ou outra vez, criar um cartaz de prestígio, para escapar, ao menos parcialmente, ao labéu de empresário comercial. Tentativas feitas sem grande convicção e, sobretudo, sem um plano devidamente estruturado acabaram por não ter grande significado. Referirei «O Preço», de Arthur Miller, com encenação de Jacinto Ramos, no Laura Alves (1970); e em especial «Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?», de Edward Albee, encenação de João Vieira, no Monumental (1971), espectáculo que permitiu a confirmação de uma actriz com grandes qualidades: Glória de Matos.

Outro escândalo

Em 1971, a Câmara Municipal de Lisboa resolveu constituir uma companhia de teatro municipal aproveitando para isso o São Luís. Foi convidado para a dirigir Luiz Francisco Rebello, o que garantia um bom trabalho tanto ao nível de concepção como da realização de um plano criteriosamente elaborado. No entanto, o primeiro espectáculo constituiu uma decepção. Tratava-se da peça de José Régio «A Salvação do Mundo» cujas dificuldades, o encenador, Costa Ferreira, não conseguiu superar.

A Companhia do Teatro Municipal do São Luís já não chegou ao segundo espectáculo. Tendo apresentado o plano de um determinado reportório e tendo chamado a atenção das autoridades para o facto de que sem uma abertura da censura a obras capazes de interessar o público, esse plano não seria exequível, Luiz Francisco Rebello não conseguiu que a encenação de «A Mãe», peça de S. I. Wietkiewicz (que Carlos Avilez encenou recentemente no T. E. C.) passasse. Tratava-se de um bom trabalho de Artur Ramos, com Eunice, João Lourenço e Irene Cruz, entre outros, que a censura acabou por proibir definitivamente, o que implicou o pedido de demissão do director da companhia e a dissolução desta.

Uma vez mais se demonstrava a impossibilidade de conceder ao teatro, como a outras formas de expressão, o espaço de liberdade, a apetência crítica, o papel de revelador que é o seu. Além da actividade, que raramente ultrapassava os limites de um público já esclarecido, dos grupos independentes (as excepções constituíram um prenúncio da libertação próxima), o regime de Caetano, como anteriormente o de Salazar, não podia permitir que o teatro se constituísse como uma prática quotidiana de crítica e de intervenção.

No entanto, além dos espectáculos que procuraram levantar e que por vezes conseguiram fazer, os homens de teatro mantiveram um combate constante contra o regime fascista através de outras formas como veremos proximamente.



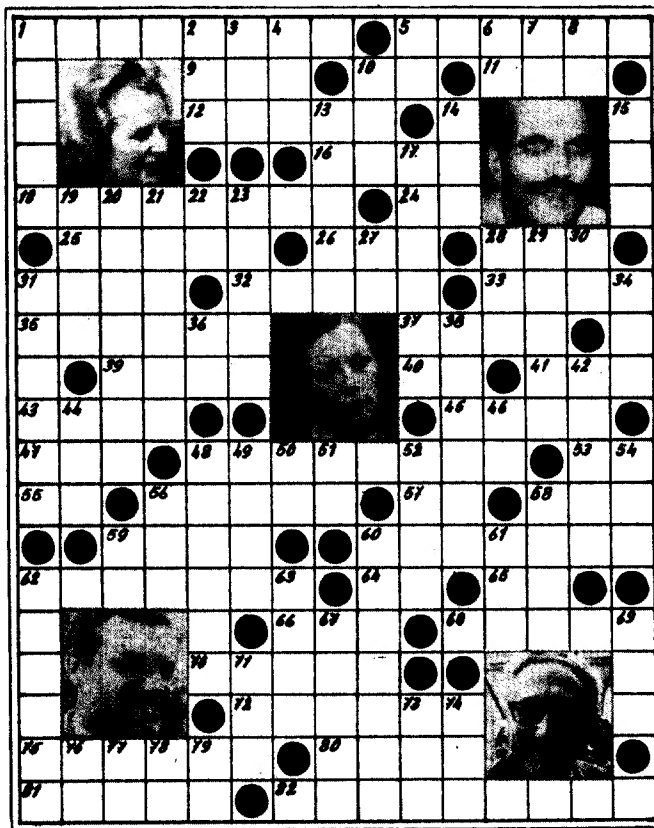
palavras cruzadas

HORIZONTAIS:

1, 18 Segundo o «Times», esta primeira-ministra inglesa, está profundamente decepcionada com a «moleza ocidental», isto, na questão relativa às «punições» que, por pressão dos EUA, se devem aplicar à URSS, como castigo por esta ter enviado tropas para o Afeganistão; 5 Cidade do Japão; 9 Unidade monetária do Japão; 10 O mesmo que bétete; 11, 24, 28 Este presidente paquistanês classificou de «ninharias», a oferta de auxílio militar americano ao seu país e, informou que «o Paquistão não compra sua segurança com 400 milhões de dólares», o que significa que, os governos vendáveis estão a exigir preços bastante mais altos que o concedido pelas entregas norte-americanas; 12 Saía frequentemente à rua; 16 Rã (pop); 25 Dificuldade; 26 Composição poética; 31 Anual; 32, 48 Esta ex-assistente oeste-alemã do director de operações do conselho daquela organização que se passou para a República Democrática Alemã em Março do ano findo, acusou a NATO «de preparar uma guerra de agressão contra os países do Pacto de Varsóvia com a utilização imediata da arma nuclear; 33 Tosta; 35 Expulsivas; 37 Interjeição que remata algumas cantigas populares; 39 Desabas; 40 Senhor; 41 Lírio; 43 Despidas; 45 Esteiros; 47 Cidade do estado do Rio Grande do Sul; 53 Autores; 55 Nessa altura; 56 Colorir; 57 Deusa da Lua entre os Egípcios; 58 Agora; 59 Desterrei; 60 Explicar; 62, 64, 75 Este nosso vice-presidente discursou na reunião do Comité de Ministros da Assembleia do Conselho da Europa, em Estrasburgo; 65 Pronome pessoal; 66 Ferro temperado; 68, 82 Quando Reza Pahlevi foi destronado, Washington prontificou-se a acolhê-lo. De entre as personalidades, os irmãos Rockefeller e Nixon, este ex-secretário de Estado foi talvez, quem desempenhou um papel mais importante neste processo que permitiu a entrada do ex-xá no Estados Unidos; 70 Sabor picante; 72 Dera oiro a; 80 Camareiras; 81 Sarau.

VERTICAIS:

1 Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday; 2 Oásis do Sara Central, entre a Fezânia e o Haussa; 3 Criminoso; 4 Eia! 5 Em partes iguais; 6 Arraial; 7 Nota musical; 8 Tempo do verbo haver; 10 Igual; 13 Invulgares; 14 Calamidade; 15 Cidade francesa do departamento de Vaucluse; 17 Velas; 19 Antiga moeda de ouro da Índia; 20 Guarnecei com bancos ou banca; 21 Árvores cultivadas em Portugal cujas folhas e flores se aplicam em medicina; 22 Duzentos em romano; 23 Político alemão, presidente da República Federal da Alemanha de 1949 a 1959; 27 Preposição; 28 Cidade da Alemanha nas margens do Saale; 29 Cidade de Itália; 30 Quantun satis; 31 Senta em banco; 34 Suspiros; 36 Certo vinho



francês espumoso do Marna; 38 Fantástico; 42 Rio de França; 44 Interjeição da ilha das Flores, o mesmo que ah! oh!; 46 Prefixo de negação; 48 Embriaguês (fig.); 49 Língua vernácula indiana; 50 Rádio; 51 Érbio (s.q.); 52 Supremo sacerdote entre os bonzos; 54 Rio da Suíça; 56 Tomba; 58 Imperador romano que se notabilizou por suas crueldades, orgias e cabotinismo; 59 Berilo (s.q.); 60 Venerais; 61 Preposição; 62 Penhascos; 63 Antiga moeda de Ormuz; 67 Enrubescer; 69 Primeira parte do nome da província da China meridional, perto de Tonquim; 71 Lista; 73 Chefe etíope; 74 Agarrei; 76 Pronome pessoal; 77 Alteza Real; 78 Batráquio; 79 Preposição e artigo.

SOLUÇÕES

VERTICAIS:

1 Marat; 2 Air; 3 Réu; 4 Ena! 5 Aa; 6 Az; 7 Si; 8 Ha; 10 Par; 13 Raros; 14 Mal; 15 Apt; 17 Ruelas; 19 Bona; 20 Abanca; 21 Tiliat; 22 CC; 23 Heuss; 27 De; 28 Hal; 29 Ásola; 30 Qs; 31 Abanca; 34 Ais; 36 Ai; 38 Ireal; 42 Isara; 44 Uai; 46 In; 48 Lontra; 49 Oriá; 50 Ra; 51 Er; 52 Zaco; 54 Aar; 56 Cai; 58 Nero; 59 Be; 60 Adorais; 61 Até; 62 Fragas; 63 Sadi; 67 Corai; 69 Yun; 71 Rol; 73 Ras; 74 Asi; 76 Me; 77 AR; 78 Rã; 79 Ao.

HORIZONTAIS:

1, 18 MARGARET THATCHER; 5 Akashi; 9 Ien; 10 Pa; 11, 24, 28 ZIA UL-HAQ; 12 Ruara; 16 Arrá; 25 Obice; 26 Ode; 31 Anai; 32, 48 URSEL LORENZEN; 33 Assa; 35 Banias; 37 Ailó; 39 Cais; 40 Sr; 41 Lis; 43 Nuas; 45 Rias; 47 Cai; 53 Aa; 55 Ai; 56 Corar; 57 Aa; 58 Ora; 59 Bani; 60 Aclarar; 62, 64, 75 FREITAS DO AMARAL; 65 Te; 66 Ago; 68, 82 HENRY KISSINGER; 70 Ardor; 72 Oitara; 80 Aias; 81 Serão.

JOFRAMA

FAZ OS

SALDOS

DE BALANÇO — DOS QUAIS DESTACAMOS

COBERTOR VELUDO PARA CASAL 895\$00

PIJAMA TURCO ESTAMPADO P.^a SENHORA 360\$00

TOALHA TERYLENE-FLORES, COM 1,5X1,50 149\$00

COBERTOR PARA CASAL

BOA QUALIDADE 399\$00

TOALHA TERYLE.

COM. 1,2X1,2 119\$00

SALDOS

COLANTS

EM MALHA

PARA SENHORA

119\$00

COBERTORES VELUDO CORPO E MEIO 595\$00

MILHARES CAMISAS FLANELA VÁRIOS MODELOS 199\$00

LISBOA

RUA FANQUEIROS 226-232

RUA MADALENA 203-217

RUA JOÃO REGRAS 4-B-C

TEL. 862899-868572-873340

RUA: DO COMÉRCIO

46-54-TEL. 22149

VISEU

ÉVORA

RUA: ROMÃO RAMALHO

N.º 29 TEF. 22486

AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO

N.º 169-A TELF. 34911

AVEIRO

FAMALICÃO

RUA LUÍS BARROSO

N.º 66-69 TEL. 23996-7

Goldie Hawn / Chevy Chase

ATENÇÃO:**Comédia
perigosa!**

jogo baixo

FOUL PLAY

A PARAMOUNT APRESENTA UM FILME MILLER-MILKIS / COLIN HIGGINS

com GOLDIE HAWN CHEVY CHASE
BURGESS MEREDITH DUDLEY MOORE
Produção de THOMAS L. MILLER e EDWARD K. MILKIS Música de CHARLES FOX
Argumento e Realização de COLIN HIGGINS Colorido

- N. ac. men. 13 a.

HOJE ESTREIA ÀS**Caleidoscópio 21.30 H. Apolo 70****O NOVO GRANDE ÊXITO DO STAR**

ACONTECEU EM PARIS...

(Once in Paris...)

UM ROMANCE MARAVILHOSO
NUMA CIDADE DE SONHO!
UMA COMÉDIA DELICIOSA

Um filme de FRANK D. GILROY com
WAYNE ROGERS • GAYLE HUNNICUTT
Jack Lenoir
música de Mitch Leigh

MUNDIAL FILMES
Não acons.
a men. 13 anos

3.ª SEMANA**STAR**

METEORO

Um meteoro GIGANTE
avança perigosamente
sobre a Terra ameaçando
destruir o mundo!

**MONUMENTAL****4.ª SEMANA**

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

5 Nomeações para o
GLOBO DE OURO

Um homem não pode viver
só do ar...



Um filme de BLAKE EDWARDS

"10"

UMA MULHER DE SONHO

DUDLEY MOORE / JULIE ANDREWS / BO DEREK
"10" BLAKE EDWARDS "10" / ROBERT WEBBER / BO DEREK
Produção de BLAKE EDWARDS, TONY ADAMS / BO DEREK
Música de HENRY MANCINI
Colorido

VOX • CITY • TERMINAL 3.ª SEMANA

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

Processo Arquivado por Ordem Real

(MURDER BY DECREE)

Sherlock Holmes desvenda o véu
do mistério, da corrupção e do
terror, no coração da própria
Coroa Inglesa...



4.
sofimes
Colorido

com

CHRISTOPHER PLUMMER • JAMES MASON • DAVID HEMMINGS
SUSAN CLARK • ANTHONY QUAYLE • JOHN GIELGUD
FRANK FINLAY DONALD SUTHERLAND GENEVIEVE BUJOLD

real. Bob Clark
HOJE ESTREIA

prod.

AVCO EMBASSY PICTURES

NO **estudio**
NUNCA NUNCA

NO **ATLANTIC**
às 21.45 h

NO **LUMIÈRE**
NUNCA NUNCA

Não acons. men. 18 anos

PATROCÍNIO DO «CORREIO DA MANHÃ»
E COLABORAÇÃO DA TAP - AIR PORTUGAL

JOANA

Grupo de Teatro
Apresenta
p/todos

BRINQUEDO,
FURUNFUNDADO,
MISERICUNTEDO

C/Músicas Originais
de Sérgio Godinho

Na COMUNA
(à Pr. de Espanha)
Tel. 762624

a Partir de 2 de Fev.

Sábado — 15.30 h.

Domingo — 15.30 h.

R. Tancos
Rua do Castelo,
n.º 1-A
1200 Lisboa
Tel. 681945 - 681946



ZUCA TRUCA BAZARUGA E ARTUR

Uma peça do Grips Theater
para crianças
Todos os sábados e do-
mín-
gos
às 16 horas
SUBSÍDIO DA SEC